

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Ronie Ribeiro Guimarães

**ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO E SUA POTÊNCIA ESTÉTICA:
CLÍNICA COMO CRIAÇÃO DE TERRITÓRIOS EXISTENCIAIS**

Prof^o Orientador:
Dr. Leonardo Pinto de Almeida

Niterói – Rj
2015

Ronie Ribeiro Guimarães

**ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO E SUA POTÊNCIA ESTÉTICA:
CLÍNICA COMO CRIAÇÃO DE TERRITÓRIOS EXISTENCIAIS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Profº Orientador: Dr. Leonardo Pinto de Almeida

Niterói – Rj
2015

G963 Guimarães, Ronie Ribeiro.

Acompanhamento terapêutico e sua potência estética: clínica como criação de territórios existenciais / Ronie Ribeiro Guimarães. – 2015.

143 f.

Orientador: Leonardo Pinto de Almeida.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2015.

Bibliografia: f. 138-143.

1. Terapia. 2. Clínica. 3. Criação. 4. Território existencial. 5. Estética. 6. Ética. 7. Subjetividade. 8. Deleuze, Gilles, 1925-1995. 9. Guattari, Felix, 1930-1992. 10. Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900. 11. Spinoza, Benedictus de, 1632-1677. 12. Winnicott, D. W., 1896-1971. 13. Stern, Daniel, 1957. 14. Clark, Lygia, 1920-1988. I. Almeida, Leonardo Pinto de. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

**ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO E SUA POTÊNCIA ESTÉTICA:
CLÍNICA COMO CRIAÇÃO DE TERRITÓRIOS EXISTENCIAIS**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Rogério Robbe Quintela
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Alessandro de Magalhães Gemino
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Leonardo Pinto de Almeida
Universidade Federal Fluminense
Orientador

Meus agradecimentos

Aos que acompanhei, por termos experimentado juntos a totalidade da vida a cada encontro, apostando neste dispositivo clínico como potência transformadora.

Ao prof^o Leonardo, pela acolhida da ideia e acolhidas ao longo deste processo, pelas suas leituras atentas e pela sua hospitalidade, que muito me potencializou para continuar caminhando.

Ao meu pai (Nilson), que me contagiou com os primeiros traços de desenho e quem me apresentou o valor do estudo, importante referência de onde encontro força para persistir-insistir-(re)existir no “caminho do coração”, como nos lembra Castñeda!

A minha mãe (Marluci), com quem pude dimensionar a importância e força de transformação do afeto, que por vezes se faz presente na sutileza de uma panqueca feita com alegria, ou no cheiro de um bolo de cenoura!

A minha irmã (Cátia), que sempre me apoiou, sendo muito (!) importante em vários momentos da minha vida.

A minha sobrinha e afilhada Manú e a minha afilhada Gabí, que muito me ajudam pelo simples fato de existirem em minha vida!

A Manuela, pela parceria e amorosidade, por toda ajuda e compreensão ao longo deste processo e com quem tenho experimentado e compartilhado o desejo de construir/criar junto! Ao Pedro e ao Théó, com quem experimento a cada encontro, a importância e necessidade de se crescer com leveza e alegria!

Aos professores Arthur (UFRJ), Heliana Conde (Uerj), Milton Athayde (Uerj), Mário Bruno (Uerj), Cid (*in memoriam*), que foram, na psicologia e filosofia, os primeiros bons encontros que tive, marcando positivamente meu caminho. Ao professor Eduardo Passos, pelas aulas contagiantes na pós-graduação, que reverberaram ao longo de todo este processo de escrita. Aos demais professores da pós-graduação que também estiveram presentes.

A Ana Monteiro, pelo acolhimento e por ter me apresentado a potência da clínica, em seus aspectos éticos, políticos, incluindo e afirmando o exercício da generosidade e suavidade! Pessoa muito importante na minha trajetória!

Ao Fábio Araújo, por ter me ajudado a acolher e ver em minha própria loucura, um potencial de saúde e o ponto de conexão caosmótico com o infinito! Pela paixão pelo estudo, pela força da amizade como presença diferenciante, pelo manejo extremamente preciso e suave de questões de grupo!

Aos muitos amigos de equipe, que participaram do meu processo, Rodrigo Mariano, Priscila, Bruno, Taise, Suzie, Maurício, Laís, Marina Carvalho, Bruna, Fabiano, Karina, Roberta Rodrigues, Roberta Chreem, Luisa Benevides, Marcelo, Vanessa, e muitos outros, com quem pude aprender muito sobre o trabalho coletivo, sobre a importância da conjugação da diferença de olhares num trabalho clínico. Um agradecimento especial ao Chico, pelas cervejas, almoços, conversas e trocas diversas, por ter me apresentado a Dominga e Segunda. Foi muito importante sua presença naqueles momentos em que bate o cansaço e a confusão!

A todos amigos da pós-graduação, que, por força de ressonância, me ajudaram na construção coletiva desta escrita! Um abraço especial para Laís, Taynah, Ewerson-Eve e Félix, pelas trocas mais aproximadas!

Ao Grupo de Capoeira N’Golo, que me acolheu na ginga necessária para atravessar esse percurso, com a sabedoria de cair e levantar, como dinâmicas imanentes ao jogo!

Enfim, a todos que mesmo não citados aqui contribuíram para a realização deste trabalho.

Resumo

O presente trabalho teve como objetivo pensar o potencial estético da subjetividade como experiência de relevância clínica para o Acompanhamento Terapêutico (AT), fato que se evidencia na sua função de criação de territórios existenciais.

Tomou-se como referencial teórico os autores Deleuze, Guattari, Nietzsche, Spinoza, Winnicott, Daniel Stern. O método utilizado foi partir de alguns acontecimentos considerados comuns àqueles envolvidos no dispositivo AT, acontecimentos apresentados como cenas, numa narratividade que buscou se aproximar ao máximo da experiência singular do autor, partindo da prática para a produção conceitual. Foi utilizado, como imagem para o pensamento, o trabalho “Caminhando”, de Lygia Clark, no intuito de dar visibilidade ao aspecto processual do AT, enfatizando, com isso, a pertinência de se explorar a dimensão estética para este dispositivo.

Tal pertinência se evidencia no presente trabalho, pela implicação do AT na relação com a cidade, com uma dimensão cotidiana da vida dos acompanhados, precisando, com isso, estar instrumentalizado corporalmente e teoricamente para lidar com a presença do intempestivo em seu caminho. A prática do AT, que passa por situações como ir ao psiquiatra, caminhar pela cidade, conhecer a vizinhança, tomar um suco, ir à praia, ou seja, passa pela disponibilidade de se relacionar com a variabilidade que envolve uma relação com cidade, exige do acompanhante um exercício de uma atenção clínica no movimento, acompanhando em si, no outro e também no *socius*, aspectos emergentes da produção de subjetividade. Tal singularidade do AT possibilita explorar como a dimensão, a um só tempo, ético-política se faz presente na prática clínica. Para isso foi explorado conceitos filosóficos e clínicos que serviram de pontos de referência e plano de consistência para esta prática. Sobretudo com os autores acima mencionados, foram conceitualizadas as passagens por padecimentos/doenças que envolvem tal prática, como moral, ressentimento, culpa, má consciência, negação, diminuição da potência de agir, tristeza. Bem como passagens por aspectos que buscou-se apresentar como referências de saúde, como ética, atividade, afirmação, alegria, terceiro gênero de conhecimento, holding.

Palavras-chave: Acompanhamento Terapêutico, clínica, criação, território existencial, estética, ética, produção de subjetividade, Deleuze, Guattari, Nietzsche, Spinoza, Winnicott, Lygia Clark.

Abstract

This study aimed to think the aesthetic potential of subjectivity as clinically relevant experience to the Therapeutic Accompaniment (TA), a fact that is evident in its task of creating existential territories.

Was taken as the theoretical framework authors Deleuze, Guattari, Nietzsche, Spinoza, Winnicott, Daniel Stern. The method used was from some common events considered those involved in the TA device, events presented as scenes, in a narrative that sought to approach the most of the unique experience of the author, starting from the practical to the conceptual production. Was used as the image for thought, the work "*Caminhando*"(walking), Lygia Clark, in order to give visibility to the procedural aspect of the TA, emphasizing thereby the relevance of exploring the aesthetic dimension to this device.

Such relevance is evident in the present work, due to the implication of the TA in relation to the city, with a daily dimension of life of the accompanied. TA professional must, therefore, to be instrumentalized bodily and theoretically to deal with the presence of intimeless in his way. The practice of TA, which goes through situations like going to the psychiatrist, walk around town, know the neighborhood, take a juice, go to the beach, that is, involves the availability to relate to the variability of the relationship with the city, requires the TA professional an exercise of a clinical care on the movement, accompanying themselves, its clinical patients and also the social context, the emerging aspects of the production of subjectivity. This uniqueness allows TA explore how the dimensions, at the same time ethical and political, is present in clinical practice. To this was explored philosophical and clinical concepts that served as points of reference and consistency plan for this practice. Especially with the authors mentioned above, were conceptualized passages of suffering / illness involving this practice: such as moral, resentment, bad conscience, guilt, denial, decreased power of acting, sadness. As well as passages through health aspects, such as ethics, activity, affirmation, joy, third kind of knowledge, holding.

Keywords: Therapeutic Accompaniment , clinical , creation, existential territory , aesthetics, ethics, subjectivity production , Deleuze , Guattari , Nietzsche , Spinoza , Winnicott , Lygia Clark.

Sumário

1. <u>Introdução:</u>	11
2. <u>Apresentação da Metodologia e referencial teórico:</u>	15
3. <u>O Começo da Caminhada:</u>	22
4. <u>Uma Visita ao Psiquiatra:</u>	23
5. <u>O acaso e o risco: Dona Amália:</u>	28
6. <u>Dia em que conheci Valdir:</u>	34
7. <u>A Vizinhança:</u>	40
8. <u>Padecimento: considerações</u>	48
9. <u>Padecimento Cotidiano:</u>	56
10. <u>Um dia, uma chuva, uma carta, um at:</u>	64
11. <u>O cair da chuva e a transformação:</u>	69
12. <u>Crise-crítica-clínica: Caosmose e Corpo sem Órgãos:</u>	80
13. <u>O Céu de Ícaro Tem mais Poesia que o de Galileu:</u>	90
14. <u>O Acompanhamento Terapêutico, o Mar e os Intercessores:</u>	100
15. <u>Retomando Algumas Questões Históricas Relacionadas ao Acompanhamento Terapêutico:</u>	104
16. <u>Confiança:</u>	109
17. <u>A Morte é uma Conselheira:</u>	118
18. <u>Forças Militares nas Ruas do Rio de Janeiro: o Retorno à Segunda Guerra Mundial:</u>	126
19. <u>O Caderno de Anotações de Memórias do Futuro, um Jantar, o Início da Viagem:</u>	

	133
<u>20. Conclusão:</u>	<u>134</u>
<u>21. Referências Bibliográficas:</u>	<u>138</u>

1. Introdução

Lygia Clark (1964) cria uma obra que se chama "Caminhando", junto com um texto para explicá-la. A pertinência desta obra para a proposta é a seguinte: a obra é um processo de criação a ser experimentado por quem se dispuser. Segundo a artista, a obra é seu ato. Isso significa que a obra não está pronta, para ser contemplada é preciso que faça você mesmo um Caminhando.

Trata-se de construir uma fita de Moebius com uma folha de papel. Depois ir cortando-a continuamente no sentido do comprimento com uma tesoura a partir de um furo. Onde furar, é escolha do "espectador-autor". Este já é um ato que singulariza cada obra. Para que lado cortar, qual espaço entre um corte e outro etc. A obra é um processo de criação de uma realidade imanente onde o espectador-criador se compõe com a obra.

Sua existência está condicionada ao processo, ao tempo de expressão do espectador-autor. Cada caminhando tem sua própria duração, seus recortes, sua forma. Nesse sentido, cada sujeito que atravessa esse processo também é único, revelando uma subjetividade em processo de criação.

A artista esclarece a sua escolha por uma fita de Moebis para construção de tal obra, devido ao fato dela quebrar com "nossos hábitos espaciais: direita-esquerda, anverso-reverso etc. Ela nos faz viver a experiência de um tempo sem limite e de um espaço contínuo."(CLARK, 1964, p.1) A proposta de Clark é que, durante o ato de criação do "Caminhando", se forme uma realidade existencial única, não havendo nenhuma separação entre sujeito e objeto, operando um "corpo a corpo, uma fusão."(p.2)

Em seu processo de criação Clark passou por alguns momentos de transformação. Esclarece que, em relação a sua obra precedente intitulada "Bichos", havia ainda uma relação que caracteriza como dualista. A passagem para o "Caminhando", envolveu um processo que ela apresenta como parecido com uma gestação, sentindo inclusive perturbações físicas como vertigens. Tais acontecimentos se dão até o momento em que a artista consegue "afirmar um novo espaço-tempo no mundo,"(p.2) na medida que consegue reconhecer essa nova expressão da sua obra em seu dia-a-dia.

O momento em que o “Caminhando” ganhou essa dimensão mais organizada em sua vida, o momento de seu nascimento, portanto, foi durante uma viagem de trem. Descreve sentir cada fragmento da paisagem como uma totalidade no tempo, “(...) uma totalidade sendo, se fazendo sob meus olhos, na imanência do momento.” (CLARK, 1964, p.2) Afirma o nascimento de sua obra “Caminhando” da seguinte maneira: “Era o momento, a coisa decisiva.”

Para ilustrar este ponto, descreve uma sensação que experimentou ao contemplar a fumaça de seu cigarro, onde que se sentiu como se o próprio tempo fizesse incessantemente seu próprio caminho, se aniquilando e se refazendo em um ritmo contínuo, tal como já experimentou no amor, nos seus gestos. A cada vez que a expressão “caminhando” surge em suas conversas, sente nascer em si “(...) um verdadeiro espaço e me integro no mundo. Sinto-me salva.”(CLARK, 1964, p.2)

Pensa ainda, Clark (1964), que as suas “tentativas arquiteturas”, nascidas ao mesmo tempo em que o Caminhando, buscavam uma ligação com o mundo coletivo. Tratou-se de uma tentativa de criar um espaço-tempo novo que possa ser compartilhado. Por fim, esclarece que fazendo as suas arquiteturas, sentiu um cansaço como se tivesse trabalhado toda uma vida e que “(...) daí, algumas vezes essa nostalgia de ser uma pedra úmida, um ser-pedra, à sombra de uma árvore, à margem do tempo.”(p.3)

Uma obra que é a própria apresentação generosa do processo de criação, onde esta só se conclui no fazer-se. Assim, percorrendo o “Caminhando” de Lygia Clark chego ao Acompanhamento Terapêutico (AT). Onde o ato de caminhar, deslocar-se por espaços, percorrer trajetos, é um ato também de criação. O ato de caminhar é condição para a criação. Tal como no nascimento de sua obra, quando experimentou cada fragmento da paisagem como uma totalidade no tempo, como uma totalidade “sendo e se fazendo” na imanência do momento.

Caminhadas formam traçados, como linhas, que vão criando formas de estar no mundo ao longo do processo. Experiência no tempo que não se pode restringir à interioridade do sujeito, mas que supõe a integração com os espaços arquitetônicos, com as paisagens, as ambiências encontradas ao longo do percurso. Um espaço-tempo compartilhado. O modo como experimento deslocamentos pelo AT aproxima-se do modo de operar desta obra de Lygia Clark.

Uma experiência de quebra de sentido e desorientação no tempo e no espaço. Uma passagem da arte para o AT a partir deste ponto comum, como processo de produção que cria uma realidade imanente ao processo. Processo de produção que alcança este momento onde não há distinção entre sujeito e objeto. Acontece, muitas vezes, ao fim de um encontro no AT, os seguintes questionamentos: “que se passou? Como fiz isso? Quanto tempo se passou?”

Cada acompanhamento, tal como cada “Caminhando”, é a expressão singular de um encontro. Nesse sentido, quais são os critérios para se avaliar esta caminhada? É preciso encontrar critérios imanentes ao processo, uma vez que qualquer forma prévia de avaliação seria uma avaliação moral. Encontrar esse critério imanente envolve uma aproximação do processo de produção de cada elemento que compõe um acompanhamento.

Mais uma vez o “Caminhando” de Lygia é uma boa imagem para se pensar a criação, uma vez que tal obra é a apresentação de um processo de criação. É a apresentação das condições para a criação. E as condições são: uma folha de papel, cola, tesoura, o corpo, o pensamento, o ambiente, isso ao infinito. Você, espectador-autor irá realizar o processo. Onde furar, como começar, por onde entrar (?), questionamentos que se respondem de forma imanente a cada “Caminhando”. Não se sabe *a priori* onde furar. Só furando, iniciando o processo.

Este primeiro furo é sempre em algum ponto no plano do papel. Este ponto inicial, encontro inicial, o caminho que será escolhido, tudo isso será determinante para cada forma final de um “Caminhando”. Mas esta avaliação é estética, não há critério de verdade que diga que um “Caminhando” está certo ou errado. A variação de cada obra é determinada pelas condições em que ela se dá.

Nesse sentido, no caso do Acompanhamento Terapêutico, é preciso também pensar as condições de cada encontro. Como ele se dá, quais são as forças em questão que participam do processo de produção?

Por isso, escolho a apresentação de fragmentos clínicos. Penso que através desses fragmentos clínicos seja possível dar visibilidade às condições que participaram do processo de produção de cada encontro. Cada fragmento clínico de um

acompanhamento como um “Caminhando.” O acompanhante, o próprio Acompanhamento Terapêutico, em seu processo de produção.

Mas o que se acompanha no Acompanhamento? Processos de criação de territórios existenciais. Parte-se sempre de um lugar, de algum território, começa-se sempre por um ponto, que está sempre no meio, entre outros tantos pontos, entre outros tantos territórios. Criação que se dá por intercessão, ressonância e contágio.

Pensar o Acompanhamento Terapêutico pelo paradigma estético supõe uma constante avaliação das questões éticas e políticas que compõe cada situação. Trata-se de uma indiscernibilidade entre esses aspectos.

Cada fragmento clínico tomado como um analisador, tal como proposto por Guattari no contexto da Psicoterapia Institucional, como um recorte dos acontecimentos, recorte esse que é sempre parcial, mas que por isso mesmo revela sua implicação ética-política, recorte esse que revela uma forma, por isso uma estética.

O Acompanhamento Terapêutico, portanto, rompendo com qualquer pretensão de neutralidade, afirmando sua força intercessora através do contágio e ressonância mútua. O que acontece a partir daí? Não haveria o risco de um acompanhante querer impor uma forma? (um valor, uma verdade, uma concepção de subjetividade, uma política etc)

Sim, há o risco. É na afirmação do risco que o Acompanhamento Terapêutico, como uma clínica necessariamente crítica, necessariamente envolvida com a “crise”, experiência sempre limiar, busca sua consistência, a cada encontro. Sempre envolvido com a crítica da instituição clínica ela mesma, com uma crítica das instituições de si, que supõe o desejo como coisa de indivíduos, que supõe indivíduo em oposição ao social.

Tal como Lygia Clark propõe com o “Caminhando”, o Acompanhamento Terapêutico habita o presente em seus deslocamentos, experimenta cada fragmento das paisagens por onde passa, como uma totalidade do tempo, como parte de um plano maior que é condição de sua caminhada.

Esse é seu risco, mas também sua aposta de saúde.

2. Apresentação da metodologia e referencial teórico

Neste texto, proponho-me a apresentar um percurso que realizei através do Acompanhamento Terapêutico¹ (AT) durante um período de quatro anos. Este percurso foi significativo, pois marcou o início da minha caminhada como at e, ao longo deste processo, apresentou-me também o próprio AT em sua genealogia, como dispositivo clínico.

O texto se propõe a arranjar algumas passagens, como numa bricolagem. Entendo aqui bricolagem como o arranjo que foi sendo criado ao longo do esforço de escrita, reunindo estes fragmentos e construindo uma nova paisagem. Araújo (2006), em seu livro “Um passeio esquivo pelo Acompanhamento Terapêutico – dos especialismos à política da amizade”, propõe pensar o AT como a

“bricolagem de fragmentos que ora se conectam produzindo uma figura, ora se desconectam desestabilizando figuras já constituídas. Essa conexão/desconexão se dá a medida em que percorremos os fragmentos rearrumando-os. O AT enquanto modo da clínica é a função de, junto aos acompanhados, criar linhas constituintes que façam dos puros fragmentos novas paisagens, novos horizontes.” (ARAÚJO, 2006, p.21)

A imagem de “bricolagem” apresenta a implicação deste texto com o campo estético, com a criação. Criação que se faz caminhando “junto aos acompanhados”, através da conexão/desconexão de fragmentos da vida, experimentando novas formas de organização destes fragmentos.

A respeito dos fragmentos, entendo que o at, junto de seus acompanhados, é apenas um, mais um fragmento que irá fazer parte de uma vida, composta de infinitos fragmentos. No entanto, a aposta é que este *um*, pode ocupar um papel importante nesta recomposição, uma vez que desempenha um papel de articulação entre os fragmentos.

O AT, portanto, como o ponto de articulação entre os fragmentos de vida. Nesse sentido, Palombini (2007) aproxima o AT do conceito foucaultiano de dispositivo. A autora destaca o aspecto heterogêneo do dispositivo, que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, filosofias, leis etc. Todo um universo entre o dito e o não

¹ Será adotada a sigla AT para Acompanhamento Terapêutico e at para acompanhante terapêutico. Tal abreviação foi inicialmente adotada por Barreto (2000) no livro “A ética e a técnica no Acompanhamento Terapêutico.”

dito. Como presença junto aos acompanhados em cada situação, o “AT é a rede que articula os elementos desse conjunto, que os põe a funcionar”(PALOMBINI, 2007, p.135).

Cabe esclarecer que o AT, junto aos acompanhados em seus encontros com instituições, com a cidade, saberes, leis, paisagens diversas, irá “pôr para funcionar” estes diversos elementos, a partir do modo como estará implicado com eles, a partir de seu referencial teórico que dispõe ferramentas conceituais. Tais ferramentas estarão implicadas, necessariamente, com uma dimensão onde a clínica não se distingue da política.

No texto “O que é um Dispositivo?”, Deleuze (1996) apresenta o pensamento de Foucault como tendo se desenvolvido em três grandes instâncias: o Saber, o Poder e a Subjetividade. O Saber, como produção de visibilidades e enunciabilidades, onde cada dispositivo apresenta suas linhas de visibilidades (faz ver certas realidades) e linhas de enunciabilidades. Como por exemplo, o “dispositivo prisão”, que produz o saber sobre o criminoso: produz a visibilidade do criminoso em articulação com enunciabilidades, os discursos científico, jurídico, etc, sobre o criminoso.

O Poder, segundo Deleuze (1996, p.2), são linhas compostas por forças que efetuam o vaivém entre o visível e enunciável, que passam por todos os lugares do dispositivo, mas, como forças, são invisíveis e indizíveis (não enunciáveis). O Poder é, portanto, “(...) a terceira dimensão do espaço, interior ao dispositivo, variável com os dispositivos.”(p.2)

A subjetividade, as linhas de subjetivação, segundo Deleuze (1996, p.2), foi descoberta a partir “de uma crise no pensamento de Foucault.” A linha de subjetivação é um processo, uma produção de subjetividade em um dispositivo. O autor a apresenta, como uma linha de fuga. Linha que escapa às outras linhas (saber e poder), como modo de individuação de cada grupo ou pessoa. Trata-se de um modo de escape tanto das forças estabelecidas como dos saberes constituídos.

Deleuze (1996) conclui que os dispositivos se compõem, portanto, por linhas de visibilidade, linhas de enunciação, linhas de força, linhas de subjetivação. Acrescenta, ainda, as linhas de fissura ou de fratura. Duas conseqüências importante decorrem, a

respeito dos dispositivos: a primeira é o repúdio aos universais. A segunda é que cada dispositivo é uma multiplicidade.

A respeito da primeira consequência, de repúdio aos universais, Deleuze esclarece toda a concepção de verdadeiro, de objeto, de sujeito, são processos singulares de verificação, de objetivação, de subjetivação imanentes a dado dispositivo. E a respeito da segunda consequência, cada dispositivo é uma multiplicidade na medida em que cada um desses processos singulares operam em devir, distintos dos que operam noutro dispositivo.

Nesse momento, Deleuze (1996, p.4) propõe que “ (...) talvez seja a Razão o problema maior.” A terceira linha (subjetivação) em Foucault estuda os tipos de razão em eventuais sujeitos, ou seja, uma recusa à identificação de processos singulares a uma Razão por excelência, a Razão universal. Não há universalidade de um sujeito fundador, ou de uma razão por excelência que permita julgar os dispositivos.

Nesse sentido, a avaliação de qualquer dispositivo só se pode realizar a partir de critérios imanentes, momento em que Deleuze (1996, p.4) apresenta as referências filosóficas onde supõe encontrar tais possibilidades:

“Há muito que pensadores como Espinoza e Nietzsche mostraram que os modos de existência deviam ser pensados segundo critérios imanentes, segundo aquilo que detêm em ‘possibilidades’, em liberdade, em criatividade, sem nenhum apelo a valores transcendentais.”

Segundo Deleuze, os últimos livros de Foucault apresentam critérios estéticos, entendidos como critérios de vida que substituem o juízo transcendente por uma avaliação imanente. Uma dimensão estética intrínseca aos modos de existência, aos processos singulares de subjetivação, como última dimensão dos dispositivos.

O autor afirma serem as linhas de subjetivação capazes de traçar caminhos de criação, na medida em que se livram das dimensões do saber e do poder de um determinado dispositivo. Trata-se de, em cada dispositivo, estar atento ao que Nietzsche chamava “o intempestivo”, esse devir que bifurca história, que a faz prosseguir por outros caminhos. Trata-se de estar atento ao desconhecido que bate à porta.

Deleuze (1996) expõe as últimas formulações de Foucault, seus últimos questionamentos, últimos livros, enfatizando a importância que o filósofo deu a suas entrevistas até o fim da vida, tanto na França quanto no estrangeiro. Deleuze pensa que não foi pelo gosto da entrevista, mas porque as linhas de atualização que traçava exigiam outro modo de expressão diferente das linhas assimiláveis pelos grandes livros. O modo de pensar pelas entrevistas estava mais em contato com a dimensão intempestiva que estava buscando expressar, como forma de resistência e criação, “(...) as entrevistas nos encaminham para um futuro, para um devir.”(DELEUZE, 1996, p.7)

Em relação aos questionamentos apresentados nessas últimas entrevistas: “o que sucede hoje em dia com a loucura, com a prisão, com a sexualidade? Que novos modos de subjetivação surgem hoje em dia, que nem são gregos nem cristãos?” (DELEUZE,1996, p.5). Penso que aí se situa o dispositivo AT. Atuando nos modos de subjetivação, nos pontos de articulação dos vários elementos que compõe a rede de amparo e cuidado dos acompanhados. Desde a relação entre acompanhante e acompanhado, em suas relações com a família, a vizinhança, a cidade, a psiquiatria etc. Cabe incluir aqui o referencial teórico que utilizo para compor este dispositivo AT na sua relação com o campo dos saberes, uma vez que existe hoje várias formas de pensar o AT.

Guattari (1993) propõe uma utilização estética do saber, que deve ser “(...) feito essencialmente para se desviar dele. Os conceitos da arte assim como os da análise derivam dessa caixa de ferramentas de modelização.”(p.201) Segundo Guattari, o conceito só vale pela vida que lhe é dada, e precisam servir para a construção de um inconsciente processual, voltado para o futuro, ao invés de fixado nas estases do passado. Não se propõem a uma descrição científica da psique, mas são concebidos de maneira que as formações de subjetividade sejam essencialmente abertas para uma pragmática ético-estética.

Para Deleuze (2006) a tarefa da filosofia é também criar. Cria-se conceitos. Mas tal tarefa, para o autor, se dá por uma relação de aproximação com outros campos de saber: arte, ciência etc. Pela ressonância entre esses saberes. Criar conceitos é como criar novas combinações visuais, sonoras, ou criar funções científicas: “O essencial são os intercessores. A criação são os intercessores.”(p.156)

Na sua relação com o cinema, em palestra realizada para estudantes de cinema, Deleuze (1987), intitulada “O Ato de Criação”, esclarece que um criador não é um ser que trabalha pelo prazer, ou que cria a partir de si, mas sim é aquele que cria, a partir dos encontros que estabelece, a partir da necessidade que é imposta a partir do acaso desses encontros.

Segundo Deleuze (2013) o conceito “corta o acontecimento, o recorta a sua maneira” (p.43), “são totalidades fragmentárias que não se ajustam umas às outras, já que suas bordas não coincidem. Eles nascem de lances de dados, não compõem um quebra-cabeças.” Para o filósofo, trata-se de manter no conceito o movimento e a complexidade imanente de onde eles emergem como criação.

É, portanto, afirmando um paradigma estético que pretendo apresentar os conceitos ao longo da própria caminhada. Apostando na sua utilização em cada cena do AT que será apresentada, como forma de lhe dar vida. Caminhando pelas cenas, acompanhando os acontecimentos e implicando os conceitos em sua emergência, imanente ao próprio ato de acompanhar.

Pretendo apresentar, com isso, a implicação do saber que utilizo na construção do dispositivo clínico AT como já sendo uma intervenção, pensada aqui como intercessão.

Aqui estão reunidos alguns registros que realizei à época: cenas marcantes, pensamentos, conceitos que ganharam corpo, anotações de supervisões. Muitos deles inconclusos, soltos, sem nomes, sem datas, muitas vezes sem sentido lendo-os atualmente. Marca de um pensamento que foi sendo construído durante o próprio percurso, a partir de cada encontro. Essas anotações não estão aqui reproduzidas, buscando algum efeito de verdade, mas são utilizadas e transformadas a partir do encontro atual com o esforço de escrita.

A respeito da pertinência da apresentação de cenas no AT, Peixeiro (2006) propõe que

“a cena é o instrumento de trabalho do at. A tarefa no acompanhar é a de construí-la no concreto, em ato, contando com os recursos criativos dos envolvidos. A construção representaria a própria saída, sendo em si mesma o próprio acontecimento. O AT daria estatuto de cena àquilo

que é puro ato repetitivo. O at escuta a cena, e ao fazê-lo, multiplica os olhares possíveis(...)"(p.8)

Através destas cenas buscarei, portanto, uma aproximação com alguns conceitos que considero importantes justificar a relação entre AT e a potência estética da subjetividade. Tal potência estética, que considero relevante para construção de saídas, daquilo que é puro ato repetitivo, pura reprodução e conservação da vida dentro do território do já sabido, do mesmo.

Tais cenas/acontecimentos, por vezes, apresentam oportunidades de construir também uma genealogia do AT, em sua relação com a residência terapêutica, a relação com a psiquiatria, a relação com a rua, etc. No entanto, cabe esclarecer que o texto não se propõe a trabalhar uma história do AT, uma vez que entendemos haver boas referências teóricas a esse respeito. Esta utilização de dados históricos referentes ao AT, se dará no momento em que algum aspecto do AT, em sua emergência como intervenção junto à loucura, se aproximou do campo estético.

Nesse sentido, esclareço de princípio, esta história não se pretende ser verdadeira, nem esgotar as possibilidades de intervenção no AT. Trata-se de uma ênfase em algumas forças (políticas, éticas) que considero importante no entendimento da genealogia deste dispositivo clínico em relação com seu potencial estético, pensado aqui em sua função de criação de territórios existenciais. Portanto o presente texto, que ora se assemelha a um caso clínico, pretende-se aproximar-se mais de um conto, sem abrir mão de uma implicação clínica.

Aproxima-se de um conto, pelo seu aspecto ficcional. Utilizei-me de anotações de fragmentos clínicos realizados à época, e também da memória afetiva que foi acionada a partir da leitura atual destes fragmentos. No entanto, este uso da memória entra aqui, afirmativamente, com o propósito de uma fabulação, ou seja, como um uso da memória que visa o futuro. A criação de uma realidade.

A esse respeito, Pimentel (2010) esclarece uma diferença entre o potencial subjetivo que chama de inteligência e outro potencial que chama fabulação. Segundo a autora, a inteligência utiliza-se do passado como uma forma de prever o futuro. Enquanto que a fabulação, utiliza-se do passado como criação do futuro. Fabulação é

uma memória do futuro, memória como potência artística que nos dá a ver, no presente, que tudo é criação:

“(…)a fabulação falsifica a memória criando imagens que tal como o futuro fazem o passado tremer. É esta potência fabricadora de mundos que habitamos. (...) A fabulação é uma memória. Mas uma memória do futuro que ao invés de nos remeter a um passado orgânico e instintivo nos lembra, a cada nova máquina que inventa, que somos corpos imperfeitos, incompletos e inacabados. E que por isso mesmo podemos fazer de nossos corpos possantes máquinas fabricadoras de corpos. (...) Fabulação é a potência artista que nos atravessa e com a qual criamos perceptos e afectos, visões e audições puras, que mais do que nos remeterem para um além-mundo, espaço imaginário que se descolou da materialidade do mundo, como o queria Proust, nos religa à vida e nos força a criar, a criar novos mundos. ‘Arte é fabulação’.”(PIMENTEL, 2010, 144)

Penso a fabulação como possibilidade de alcançar o potencial clínico do texto. Como experimentação de outras formas de sentir, perceber, pensar. Como potencial de criação de mundos, de transmissão de uma experiência através de contágio afetivo. Buscando, no esforço da escrita, aproximar as cenas/acontecimentos de suas linhas de fuga, linhas de criação, linhas de resistência, linhas de subjetivação.

Vale lembrar, tal qual propõe pensar Deleuze (1998, p.40), que “o grande erro, o único erro, seria acreditar que uma linha de fuga consiste em fugir da vida; a fuga para o imaginário ou para a arte. Fugir, porém, ao contrário, é produzir algo real, criar vida, encontrar uma arma.”

Entendo que o modo como procuro apresentar o AT, implicado na criação de territórios existenciais, aproxima-se do modo como o vivi ao longo desses fragmentos. Algo como Deleuze e Guattari (2007, p.12) propõem no texto “Rizoma”:

“não há diferença entre aquilo de que um livro fala e a maneira como ele é feito” (...) um livro existe no fora e pelo fora (...) falamos exclusivamente disto: multiplicidade, linhas, estratos e segmentaridade, linhas de fuga e intensidades, agenciamentos maquínicos e seus diferentes tipos, os corpos sem órgãos e sua construção, sua seleção, o plano de consistência, as unidades de medida em cada caso.”

3. O começo da caminhada

Por onde começar esta caminhada? Difícil tarefa essa de escolher um ponto inaugural, uma vez que muitas são as experiências que considero relevantes o suficiente para pensa-las como experiências inaugurais, em relação à minha chegada ao AT. Como exemplo: o primeiro contato que tive com a loucura, o primeiro dia em que fui à residência terapêutica, o primeiro dia em que acompanhei um paciente à rua, a primeira crise. Todas essas cenas seriam pontos possíveis para se iniciar uma caminhada.

No entanto, em relação ao que me proponho, que é pensar o potencial estético da subjetividade como experiência de relevância clínica para o AT, resolvi começar por uma cena um tanto trivial e cotidiana aos ats. Digo trivial e cotidiana, pois trata-se de acompanhar um paciente e sua mãe ao psiquiatra. Porém, tentar retirar desta cena cotidiana, o que considero de potencial caosmótico e estético, o que considero de produção de saúde, é o ponto na prática do AT que pretendo enfatizar ao longo de toda a caminhada.

Nesse sentido, elegi esta cena como a cena inaugural para a caminhada, uma vez que ela envolve alguns elementos importantes para pensar o AT: a relação com a rua, a relação com a psiquiatria, a relação com as famílias, a relação com a residência terapêutica, uma relação de grupo. Todos esses elementos compõe um campo a partir do qual podemos pensar a própria emergência do AT. Para ilustrar como penso este começo de caminhada, recorro à Daniel Lins (2012, p.17):

“Só há começos, salvo na teologia, cujo saber impõe um dogma, mediado pela fé. O começo é da ordem do fundado, da fundação, do fundamento. Falaríamos, antes, de um triunfo – o triunfo da doxa – que aliena na medida em que esse triunfo tem como axioma essencial o fato de apresentar como o verdadeiro começo algo que não é senão uma aparência do *começo*, e sufoca deste modo as tentativas para uma impulsão intempestiva do pensamento rizomático. Não mais raízes, todavia devires. Razão órfã. Pensamento da diferença.”

Rizoma, que não tem começo nem fim, conexão de um ponto qualquer com outro ponto qualquer, por aproximação de um ponto e outro com ênfase no entre um e outro, sempre entre um e outro ponto, como forma de “reverter a ontologia, destituir o fundamento, anular o fim e o começo” (DELUZE E GUATTARI, 1995, p.37). Enfatizar

o potencial subjetivo inaugural, sempre pronto a recomeçar, como impulsão intempestiva do pensamento.

Para situar o que entendo por impulsão intempestiva do pensamento, Nietzsche (2003, p.16), pensando sobre o valor e a falta de valor da história, esclarece que precisamos aprender “(...) cada vez melhor exatamente isto: a impulsionar a história a serviço da vida!”. Deleuze (2006, p.211), no texto Controle e Devir, esclarece um pouco mais:

“(...) a história designa somente o conjunto das condições, por mais recentes que sejam, das quais desvia-se a fim de “devir”, isto é, para criar algo novo. É exatamente o que Nietzsche chama de o Intempestivo.”

Nesse sentido encontro a pertinência de apresentar uma história, no sentido em que procurarei destacar as condições a partir das quais algo novo se cria. Esta cena também possibilita apresentar a emergência do AT, como um acontecimento histórico, efeito do encontro de forças: políticas, estéticas, culturais, clínicas.

Passando primeiro pelo “amigo qualificado”, enfatizando a implicação social e política que tal nomenclatura agenciava em seu contexto histórico, passando pelo “auxiliar psiquiátrico” com sua relação mais estreita à lógica de cuidado da psiquiatria, até o “acompanhante terapêutico”, figura que emerge nos anos sessenta junto a comunidades terapêuticas na Argentina e no Brasil.

Segundo Palombini (2007, p.124), os textos que tratam da “história do AT situam-no como uma prática surgida nos anos sessenta junto a comunidades terapêuticas na Argentina e no Brasil. Podendo ainda ser referida às práticas de desinstitucionalização da loucura na Inglaterra, Estados Unidos e Itália”

4. Uma visita ao psiquiatra

Eu estava aguardando uma oportunidade para passar alguma informação para Dona Amália e sair. Percebi que aquela conversa precisaria de um tempo para se concluir,

tempo que já não dispúnhamos. Foi quando Lucas² se aproximou de forma intempestiva, segurou minha cabeça e falou bem alto: “Áaágua de coco!” – seu gesto interrompeu a conversa que estava acontecendo entre Dona Maria e Dona Amália: “Pois é Lucas, tá na hora da gente ir beber nossa água de coco!” – respondi. Foi a abertura para que saíssemos desta cena. E a cena é a seguinte: eu estava acompanhando Lucas e sua mãe numa consulta com o Dr. Charles, psiquiatra de Lucas há anos. Era uma consulta importante para eles.

Lucas tinha 33 anos. Ele media mais ou menos 1,80m, pesava uns cem quilos bem distribuídos pelo corpo. Nesse dia vestia jeans, tênis, cinto, camisa branca por dentro da calça abotoada até o queixo, delineando bem sua barrida redonda. Era um homem na aparência, mas com alguns comportamentos e voz de criança. Era muito difícil para ele parar quieto. Sempre andando de um lado para o outro. A essa altura, sua camisa já não estava mais por dentro da calça e os botões já não chegavam até seu queixo.

Durante todo o tempo em que convivi com ele, lembro-me de vê-lo parado poucas vezes: comendo, dormindo e às vezes sentava para pegar um sol. Quando estava comendo ele concentrava-se no ato. Cabeça baixa e geralmente sorria. Pouco falava e quando terminava, sem cerimônias, afastava abruptamente sua cadeira da mesa, fazendo um barulho, pegava seu prato, talheres e copo e levava até a pia. Quando dormia, seu sono era pesado, roncava alto, barriga para cima, parecia que ia sufocar. Nessas horas se mexia um pouco e deitava de lado por um tempo. O outro momento era quando ele sentava no chão do quintal, sob o sol. Pontos de luz que atravessavam a gigante amendoeira da calçada. Eu sentava ao seu lado e ficávamos lá, em silêncio. Ele pegava uns gravetos do chão e quebrava-os, brincando e colocando-os pedaço por pedaço no canteiro. Ele me dava uns, eu ficava feliz, sorria e jogava no canteiro. Nesse contexto ele decorou meu nome: “Roniiiiiiiiiiiiiiiiie!” – ele pegava firme em minha cabeça e sorria. E retomava seu trabalho com os gravetos.

Fato é que não devia ser tarefa fácil para sua mãe, Dona Maria, que já tinha seus 60 anos, ir com ele sozinha ao psiquiatra. Era a primeira vez que os acompanhava ao psiquiatra. “Ele não para quieto. Isso me cansa.” – Dona Maria explicou-me algumas

² Todos os nomes são fictícios. Toda a história é contada com base em relatos realizados entre 2009 e 2013.

vezes durante nossa ida. Lucas estava morando na residência terapêutica havia uns meses. E “ele não parava quieto” a maioria do tempo. Mas eu achava interessante seus movimentos na casa. Ele ficava andando de um lado para o outro organizando as coisas. Se alguém saía da mesa do almoço e deixava a cadeira um pouco afastada, ele ia lá e colocava a cadeira alinhada com a mesa e com as outras cadeiras. Passava pela sala, chegava à varanda, organizava todos os calçados que ali estavam. Chinelos e sapatos pareados, voltados para fora da casa, encostados na parede, formando uma longa linha de calçados.

Enquanto fazia essas arrumações ele falava umas coisas, sempre sobre o mesmo tema: “Carrinho de mão, areia, saco de cimento, areia, tijôlo, areia, saco de cimento...” – quase como num mantra, repetia, numa linha melódica. Sua mãe nos contou que ele era o caçula, filho temporão. Cresceu numa casa grande, com um enorme quintal com outras duas casas onde moravam outros familiares. Tinha dois irmãos homens e primos mais velhos que estavam sempre envolvidos com alguma obra numa das casas. Ele participava e ajudava nas obras como podia.

Seguia assim o dia a dia de Lucas nesses primeiros meses na residência. Além de organizar as coisas, ele também gostava muito de ajudar a colocar o lixo na calçada para o caminhão recolher. “O líiiiiixo!” – gritava sempre que ouvia um som de motor parecido com um caminhão. Às vezes acertava, às vezes não. Às vezes era só um carro velho, barulhento. Noutras vezes não era dia de caminhão do lixo. Nessas ocasiões todos riam e gritavam de volta: “Hoje não tem lixo Lucas, só amanhã!” – ele ouvia e continuava a andar e falar. Mas quando acertava o som do motor, ele gostava de ajudar a carregar o lixo para fora e o ver sendo colocado na caçamba do caminhão. Era comum o lixo ser prensado ali na frente da residência. Fazia um barulho de máquina e motor que ele acompanhava gritando: “O líiiiiixo!” – apontava para o caminhão, sorria para mim, apontava para o caminhão. Alguns dos lixeiros já nos conheciam. Era um ponto de parada, eventualmente tomávamos todos uma água gelada.

Lucas gostava de pegar a água, servia um a um, de forma um tanto atrapalhada e ansiosa, às vezes derramava a água e sorria. Nesses momentos, enquanto servia a água, Lucas explicava: “Não bebe água suja não, bebe água de coco! Ááágua de coco! Água de coco!” – fizemos isso várias vezes juntos. Meu dia de trabalho na residência era terça-

feira, o dia em que passava o caminhão do lixo. Depois do serviço terminado, ele pegava firme na minha cabeça, sua mão era grande, aproximava da sua cabeça, me olhava no olho e sorria. Depois disso entrávamos. “Tchau Lucas!” – ouvia alguns dizerem. Era um momento especial para ele.

Dona Maria presenciou essa cena algumas vezes, nos dias em que ia visitar seu filho. Contou-me que, enquanto ele ajudava os irmãos e primos nas obras no quintal, tinha o hábito de tomar banho de mangueira e às vezes era visto bebendo dessa água. Era repreendido: “Lucas, não bebe essa água não, essa água é suja!” – com o tempo ele parou de beber “água suja”, mas ela não soube dizer de onde vem a “água de coco”. Apegava-se a esse detalhe para evidenciar que seu filho era esperto: “Lucas é muito esperto. Veja só, não sei de onde ele tirou esse negócio de água de coco. Como ele sabe que água de coco é bom?” – ela repetiu isso algumas vezes e eu concordava.

Fato é que, depois de dois meses e alguns dias na residência, participando das atividades, Lucas já estava em casa. Destaco uma passagem clínica importante da mudança de Lucas para a residência terapêutica, para o momento em que ele passa a estar “em casa”, não apenas morando numa residência terapêutica. No momento cabe incluir que estar “em casa” supõe a apropriação subjetiva do território. Segundo Guattari e Rolnik (2005),

“ o território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente “em casa”. O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação (...). Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos.” (p.388)

Após essas conversas com Dona Maria, após ela ter presenciado a forma como seu filho estava apropriando-se de seu novo lar, a forma como ele estava se relacionando comigo, apresentando-me seu universo subjetivo, acredito que por isso ela escolheu-me para acompanhá-los ao psiquiatra. Para ela já estava muito difícil conviver com Lucas. Seus irmãos e primos já não faziam mais parte do seu convívio, fato que ajudava bastante os dois. E ele “não parava quieto”, com seus hábitos de organizar as coisas, sua fala ininterrupta a respeito dos materiais de obra – o que para mim era motivo de interesse – para aquela senhora já se revelava uma grande dificuldade.

Esse pedido de ajuda, para acompanhá-los ao psiquiatra, foi feito para o coordenador da residência. Numa das supervisões semanais, perguntou se eu teria essa disponibilidade. Explicou que esse pedido era mais um passo importante que aquela família estava conseguindo dar na relação com a residência, com a equipe. Um passo de confiança. Sabíamos que o convívio com sua mãe em casa já estava muito difícil. Lucas às vezes quebrava tudo e agredia sua mãe. Esses episódios estavam acontecendo com mais frequência e foi quando ela buscou o trabalho de acompanhamento terapêutico e a residência terapêutica, por indicação do Dr. Charles.

Eu disse sim. E foi assim que chegamos até a cena no consultório do Dr. Charles. Esta consulta em questão era para avaliar a possibilidade de diminuir a medicação de Lucas. Quando os episódios de agressão começaram, foi preciso aumentar a medicação, mas chegou num ponto em que o psiquiatra achou prudente intervir de outra forma. Explicou que seria muito ruim para Lucas que ele apenas continuasse aumentando a medicação. Orientou que era importante para Lucas conviver com outras pessoas, além dela. Estava resistindo ao pedido de aumento de medicação de sua mãe e também à internação. Buscavam alternativas para o tratamento de Lucas. Dr. Charles já havia indicado uma residência terapêutica, num momento anterior. Dona Maria se assustou com essa possibilidade e, segundo ela, as crises passaram e não foi mais preciso. Foi questão de tempo, a necessidade retornou.

Depois de quase três meses na residência, estávamos juntos no consultório do Dr. Charles para avaliarmos a adaptação de Lucas e, possivelmente, reduzir sua medicação. Lucas estava feliz, confortável com os outros moradores, com a equipe, organizando as coisas, revendo sua lista de material de construção, avisando sobre o caminhão de lixo, passeando pela sua nova vizinhança, estava em casa. Sua adaptação foi muito fácil e não havia acontecido nenhum episódio de agressividade. Dr. Charles ouvia com atenção, conversava com Dona Maria, conversava com Lucas, perguntou-me mais alguns detalhes sobre sono e alimentação.

A essa altura da conversa, ficou claro que Dona Maria estava vivendo uma situação difícil, sentia-se dividida: estava feliz por ver seu filho adaptando-se bem a sua nova casa, sendo acolhido, diminuindo a medicação; porém estava triste por estar perdendo o convívio de Lucas. Toda sua vida, desde o nascimento de Lucas, estava

organizada em torno dos cuidados que dedicava ao filho. Isso estava mudando um pouco, e estávamos percebendo, essa mudança estava sendo mais fácil para Lucas do que para sua mãe. Conversávamos também sobre suas visitas, a forma como a mediação da residência e do AT estavam ajudando a construir um convívio mais suave e potente com seu filho. Concluímos nossa conversa, marcamos uma data de retorno e nos despedimos do Dr. Charles. Personagem que tornaria a encontrar muitas vezes.

Cabe esclarecer uma importante diferença em relação ao que foi o “momento psiquiátrico” na história do AT. Segundo Chauí-Berlinck (2012), houve um momento psiquiátrico na história do AT, em que ainda coincidiam as denominações de atendente e auxiliar psiquiátrico e a denominação AT ainda não estava amplamente difundida. Neste momento o AT era tomado como coadjuvante do trabalho psiquiátrico tradicional. O profissional at era tido como “(...) aquele que ‘não sabe tanto’ e por isso sua atividade não é ‘tão terapêutica’. O at é encarado como um terapeuta menor.”(CHAUÍ-BERLINCK, 2012, p.31)

A diferença em relação a este “momento psiquiátrico”, penso estar na própria ênfase relacional dada ao tratamento de Lucas pelo seu psiquiatra. Lugar que o AT ocupa papel importante, participando ativamente da articulação deste entre domínios.

Palombini (2007, p.131) parece esclarecer este lugar, quando propõe pensar o AT

“como função emblemática da mistura e contágio das disciplinas psi com o espaço e tempo da cidade. O seu exercício que se dá entre lugares, entre serviço e a rua, e instituição, entre o quarto e a sala, fora de lugar, a céu aberto, presentifica uma exigência que a reforma psiquiátrica vem colocar a seus profissionais. Seja qual for o dispositivo em causa. O fato de uma clínica a serviço dos processos de desinstitucionalização, coloca em jogo a desinstitucionalização da clínica ela mesma.”

5. O acaso e o risco: Dona Amália

Despedimo-nos do Dr. Charles e estávamos descendo para ir embora. Já na calçada, Dona Maria parou de repente e falou: “Meu filho fica aí com seu amigo, preciso

ir ao banheiro rapidinho, acabei esquecendo!” – ela voltou correndo para o prédio e eu fiquei ali na calçada com Lucas. Ficamos um tempo andando pela calçada em frente ao prédio, como dois amigos. “Por que não?” – pensei comigo, uma vez que “amigo qualificado” foi uma das denominações do AT. Inclusive há uma implicação social e política que considero relevante. A esse respeito, Araújo (2005), em seu artigo “Do amigo qualificado à política da amizade”, esclarece que a expressão “amigo qualificado” aparece no livro “Acompanhamento terapêutico e pacientes psicóticos”, escrito por Mauer e Resnizky (1985).

Este livro é o primeiro registro escrito sobre acompanhamento terapêutico e marca o começo das tentativas de sistematizações teóricas em torno dessa prática. Trata da experiência vivida no CETAMP, uma comunidade terapêutica localizada na Argentina e dirigida pelo psiquiatra Eduardo Kalina. Segundo Araújo (2005, p.4), o surgimento da denominação de amigo qualificado situa-se no:

“(…) contexto dos movimentos da antipsiquiatria e da psiquiatria democrática, movimentos esses que tiveram profunda influência nos países da América do Sul, especialmente na Argentina e no Brasil. Tais abordagens enfatizam o caráter social, construído e relacional das doenças mentais, elaborando, assim, um tipo de conduta que não se baseava em um saber específico sobre a loucura nem em uma autoridade de intervenção de especialistas, abrindo o rol das intervenções ao conjunto do campo social.”

Foi como amigo que ficamos um tempo ali na calçada, fomos até a esquina da rua, entramos numa banca de jornal. Voltamos até a entrada do prédio e ficamos conversando com o porteiro, que já o conhecia. “E aí Lucas, como você está? Cadê sua mãe?” – entramos para beber um copo d’água e ficamos na portaria do prédio. Sua mãe estava demorando bastante. Nesse momento abre-se a porta do elevador, saem algumas pessoas. Eu esperava que Dona Maria estivesse nesse grupo, mas não estava.

Reparei em uma senhora muito bem vestida, que andava bem devagar, procurando alguma coisa. Ela olhou para Lucas, olhou para mim e para o porteiro. Aproximou-se lentamente, olhou um pedaço de papel que carregava na mão e perguntou com voz baixa: “O senhor é o doutor Ronie?” – minha expressão de surpresa fez com que ela se explicasse: “O Dr. Charles falou que eu corresse que encontraria vocês.” – mostrou-me o papel onde estava anotado meu nome e telefone. Ela contou-me

rapidamente que seu filho estava passando por uns problemas parecidos com o de Lucas, então o Dr. Charles passou o contato.

“O Dr. Charles falou que ele melhorou e que era para eu conversar com o senhor sobre a clínica onde você trabalha, que ele acha que vai ser bom para meu filho também.” – concluiu sua apresentação apertando firme minha mão e fazendo questão de dizer seu nome completo: Amália Rodrigues da Conceição. Apresentei-me também, expliquei que esperávamos pela mãe de Lucas. Ela estava ansiosa, seus olhos claros não piscavam e começou logo a contar sua história, enquanto Lucas andava pelo corredor. Pude entender que estava vivendo uma situação parecida com seu filho, precisava de ajuda, e o acaso providenciou para que nos encontrássemos.

“Quando Dr. Charles falou que vocês estavam no prédio corri e arrisquei.” – Dona Amália recobrava o fôlego. Enquanto ela recobrava o fôlego, percebi que aquela senhora, em poucos minutos, havia me contado partes muito dolorosas de sua história. Detalhe que nunca havíamos nos encontrado e visto antes na vida. Confiou no que lhe disse o Dr. Charles, confiou como quem já não tem mais opção a não ser apostar na mudança e lançar-se ao acaso.

Lembrei-me do que Badiou (2013, p.14) propõe em relação ao amor: “É necessário reinventar o risco e a aventura, em oposição à segurança e ao conforto.” E, ainda, que

“o amor é, com certeza, um confiança depositada no acaso. Ele nos conduz ao campo de uma experiência fundamental daquilo que é a diferença e, no fundo, à idéia de que é possível experimentar o mundo a partir da diferença. (...) é sempre a possibilidade de assistir ao nascimento do mundo. O nascimento de um filho, se acontece dentro do amor, é um dos exemplos dessa possibilidade.” (BADIOU, 2013, p.17-22)

Essa era a dimensão de urgência e a verdade que seu olhar me transmitiu. Ofereci-lhe um copo d’água e comecei a lhe explicar que eu era psicólogo e estava ali realizando um trabalho de AT, que fazia parte do grupo de ats: “Mas você não é doutor?” – perguntou-me, Dona Amália, interrompendo-me. “Quantos são na clínica?” Eu tentava, ainda, explicar que não era uma clínica, mas sim uma residência terapêutica onde moravam cinco pessoas, sendo Lucas um dos moradores.

Fato é que não estava conseguindo muito êxito, pois minhas explicações não pareciam ser ouvidas por Dona Amália. De fato falávamos de territórios muito distantes, terras estrangeiras³. Dona Amália estava séria, não parecia acompanhar nada do que eu falava. Todo esse tempo em que falei, tentei explicar sobre o trabalho, parece ter sido o tempo que ela usou para formular uma pergunta mais direta e sem rodeios: “O que preciso fazer para que meu filho seja tratado nesta clínica?” – perguntou-me por fim Dona Amália.

Nesse momento, enquanto eu buscava uma forma de responder a essa simples e complexa pergunta, Dona Maria retorna de sua ida ao banheiro. Aproxima-se e eu apresento Dona Amália. Explico rapidamente a situação: “Dona Amália quer conhecer a residência.” – não foi preciso dizer mais nada. Elas começaram a conversar entre elas. Chamou-me atenção o fato de essas duas senhoras estarem se encontrando pela primeira vez e já estarem se abrindo, falando sem parar uma com a outra, emocionadas.

Dona Maria gesticulava, falava alto: “Olha Dona... Qual é mesmo seu nome? Sim, Amália. Olha eles ali.” – apontou para mim e Lucas, que já estávamos um pouco afastados. “... o meu filho está muito bem!” – e seguia falando sem se deixar interromper sobre alguns ganhos na relação com seu filho, a partir da chegada de Lucas à residência. Explicava-lhe que estava diminuindo a medicação de seu filho e...

Dona Amália não gesticulava, parecia ser mais formal, estava séria e ainda tentando entender o que estava acontecendo. Movia a cabeça afirmativamente, mas também não parava de falar, porém em tom mais monótono que Dona Maria. Ela tinha um sotaque português muito forte. Dizia que o Dr. Charles era o psiquiatra de seu filho e

³ O filme “Terra Estrangeira” (1996) é um filme luso-brasileiro, do gênero suspense, dirigido por Walter Salles e co-dirigido por Daniela Thomas. O clima deste encontro com Dona Amália remeteu-me a algumas questões do filme: relação Brasil-Portugal, a imigração, o labirinto psicológico que envolve toda a história, o desejo de chegar em “casa”, que compõe a força de alguns personagens e que dá sentido para alguns encontros e desencontros durante o filme.

que... Eram muito diferentes em atitudes, mas essas senhoras se encontravam num território mais próximo, havia algo de comum entre elas.

Eu estava ao lado, mas totalmente fora da conversa, esperando uma oportunidade para passar alguma informação para Dona Amália e sair. Percebi que aquela conversa precisaria de um tempo para se concluir, tempo que já não dispunha. Foi quando Lucas se aproximou e, intempestivamente, segurou minha cabeça e falou alto: “Áaagua de coco!” – seu gesto interrompeu com alegria a conversa que estava acontecendo entre Dona Maria e Dona Amália: “Pois é Lucas, tá na hora da gente ir beber nossa água de coco!” – respondi. Ele desviou o olhar, abaixou a cabeça sorrindo e voltou a caminhar.

O detalhe é que dois dias antes de irmos para o psiquiatra, conversei com Lucas sobre o assunto. Disse que estava marcada uma consulta com o Dr. Charles e que dessa vez eu iria com ele e sua mãe. Na ocasião desta conversa, ele estava andando pelo quintal da residência e repassando sua lista de materiais de construção. Eu o acompanhava na caminhada e lhe explicava a situação. Ao final, perguntei se havia entendido. Ele então parou, olhou-me rapidamente e respondeu: “Não bebe água suja não, bebe água de coco!” – na hora eu lhe disse que poderíamos tomar uma água de coco juntos, depois da consulta. Lucas apenas deu-me as costas e continuou a andar e a repassar sua lista: “...saco de cimento, areia, tijolo...” – não falei mais nada.

Enfim, após esta intervenção de Lucas, aproveitei a pausa na conversa e passei o telefone do coordenador da residência para Dona Amália. Ela agradeceu sorridente, disse que ligaria em breve. Concluiu nosso breve encontro apertando mais uma vez minha mão, de forma firme e determinada, mas dessa vez seu olhar já não transmitia tanto ansiedade e urgência. Foi como se tivesse entendido o que precisava entender, e concluiu: “Vai lá tomar água de coco com o menino! Olha, meu filho se chama Valdir e ele gosta de café e de pão de queijo!” – despedimo-nos com este aperto de mão mais amistoso. Dona Amália estava alegre.

Senti que o modo como Lucas se aproximou da conversa, o modo como falou comigo, incluindo seus gestos corporais e sua entonação afetiva, operou de forma contagiante e expressou o que era preciso. Algo mais significativo do que o meu esforço de tentar transmitir qualquer informação (através de códigos linguísticos) sobre o trabalho de AT, sobre a residência terapêutica, sobre o que eu estava fazendo ali. Expressou,

através de afetos, a relação de confiança que eu já havia estabelecido com ele e com sua mãe através de nosso convívio na residência.

Rauter (1998) utiliza os conceitos de Daniel Stern, para trabalhar as noções de selves pré-verbais, onde o contato com o mundo passa sobretudo pelo afeto. O conceito de entonação afetiva se refere à comunicação mãe-bebê, que se dá a partir de uma capacidade da mãe de se colocar de certo modo no lugar do bebê a partir do que lhe informa a via do afeto (RAUTER, p.52). Pretendo com esta ideia dar conta da transformação da atitude de Dona Amália. Ela foi afetada de alegria, por contágio.

Função de mistura e contágio das disciplinas psi com o espaço e tempo da cidade. E com Benevides (2007), podemos avançar nesta função AT, de mistura e contágio, como aspecto importante na construção de uma rede afetiva, entendida como processo de criação de territórios existenciais. Esta construção/criação se dá pela circulação pelos espaços rotineiros, pelos espaços uma vez que a construção de um rede afetiva é:

“Assim, se o acompanhante terapêutico inicia seu trabalho muitas vezes na casa dos acompanhados, nos serviços da rede e até nos hospitais psiquiátricos, não se restringe ao espaço dos equipamentos de saúde. O at busca a construção de uma rede, que muitas vezes inclui os serviços de saúde, mas não se limita a eles. Ele busca agenciamentos na comunidade em que o acompanhado se insere (com mães, pais, filhos, vizinhos, amigos, donos de bar, igrejas, com grupos de trabalho, e com outros inusitados), apostando na construção de uma rede afetiva capaz de sustentar a produção de novos territórios existenciais. (BENEVIDES, 2007a, p.137)”

Propomos aqui uma direção que será desdobrada ao longo do texto. No caso desta pequena cena, num sorriso, a partir de um afeto alegre, o ponto de construção de um território existencial. Lucas e Dona Maria, Dr. Charles, a rua, o porteiro, etc, estão participando, nesta fabulação, como personagens de uma construção de uma rede afetiva a partir da qual um novo trabalho de AT se iniciou. Dona Amália e seu filho Valdir.

Mas, despedi-me de Dona Amália e fui acompanhar Lucas na sua caminhada. Escutei as duas senhoras se despedindo, como quem convida um amigo para visitar sua casa: “Vai lá sim, vai sim!” – Dona Maria reforçou o convite. Eu estava encantado com a precisão e presença do gesto de Lucas em relação a tudo o que estava acontecendo. Já

estávamos na calçada e eu pensava em tudo o que havia acontecido até então: o dia em que Lucas chegou à residência, os momentos que passamos juntos até então, sua adaptação à residência, as visitas de Dona Maria, nossas conversas.

Acompanhei sua chegada à residência até aquele momento, onde ele e sua mãe ajudavam-me a explicar para uma outra pessoa qual era meu trabalho. Eu quebrei o silêncio quando Dona Maria nos alcançou na calçada: “Vamos tomar uma água de coco?” – convidei-a. Afinal, havia sido um dia de bons encontros. E seria a primeira água de coco que tomaria com Lucas, depois de tanto tempo ouvindo-o dizer que é para se beber “água de coco, água suja não.”

Sáímos do prédio, andamos até a Praça Saens Peña e entramos numa padaria. Dona Maria falava sobre o encontro com “aquela senhora”, que já havia esquecido o nome. Pediu um café. Para minha surpresa, quando fazia o pedido da água de coco por Lucas, ele falou alto: “Coca-cola!” – a atendente parou, olhou para mim e para sua mãe. “Coca-cola!” – repetiu Lucas. Sua mãe me explicou, portanto, que ele gostava muito de coca-cola e geralmente era o que pedia quando saíam juntos.

“Não dá para levar tudo tão à sério.” – passou pela minha cabeça. Achei graça de tudo isso. Lucas falou por si e pediu sua coca-cola. Eu pedi um suco de laranja.

6. **Dia em que conheci Valdir**

A respeito da mudança da denominação de “amigo qualificado” para “acompanhamento terapêutico”, Araújo (2005) destaca, sobretudo, uma mudança de atitude. O amigo qualificado estava implicado “com a concepção e a atitude em relação à doença mental proposta pela psiquiatria democrática”(p.5), e toda sua relação com o campo social. A mudança de nomenclatura para acompanhante terapêutico passou por um questionamento “que é inseparável de uma questão em relação ao saber e a formação”(p.5), buscando enfatizar o caráter clínico desta prática. Segundo o autor,

“A busca por uma sistematização teórica da função exercida pelo ‘amigo qualificado’, que vai resultar no surgimento do nome

acompanhamento terapêutico, se dará pelo encontro dessa prática não mais com a psiquiatria democrática e, sim, com a teoria psicanalítica. Diante dessa teoria e em nome de um certo estatuto puramente clínico tal prática tenderia a se afastar de sua dimensão política.”(p.6)

Araújo (2005) propõe sustentar a dimensão política do AT, através da aproximação com a filosofia de Nietzsche, que pensa a amizade como *pathos* da distância; Blanchot e Bataille, que pensam a amizade como estranheza comum. Enfatiza a noção de “política da amizade” de Foucault. Nesse sentido, esclarece que há uma zona de indiscernibilidade entre clínica e política e, em nome do estatuto político/clínico do AT, “(...) que resgataremos a noção de amizade.”(ARAÚJO, 2005, p.6)

Situar a função política do AT na contemporaneidade, entre outras coisas, envolve garantir à loucura seu contato direto com a sociedade, buscando sustentar uma agonística que passa pela variação constante do seu estatuto social, pela forma como a sociedade entende e lida com a loucura.

Tal função esbarra também como uma tensão entre o clínico e o não clínico, tensão essa possível de se sustentar como uma clínica transdisciplinar. O AT, portanto, em sua caminhada pela clínica, encontra seu território nesta zona de indiscernibilidade, limiar entre clínica e política e ética e estética. O AT no lugar do ‘e’, como atitude necessariamente crítica:

“Podemos chamar esta atitude crítica de transdisciplinaridade, já que os limites entre as disciplinas é perturbado quando se coloca em questão as identidades do sujeito que conhece e do objeto conhecido. A noção de transdisciplinaridade subverte o eixo de sustentação dos campos epistemológicos, graças ao efeito de desestabilização tanto da dicotomia sujeito/objeto quanto da unidade das disciplinas e dos especialismos.”(BENEVIDES e PASSOS, 2000, p.76)

Neste território crítico em que o AT se encontra, território de passagem entre domínios, a clínica se apresenta como um espaço potencial de experimentação e criação, onde as “histórias, parecem ‘perder o sentido a que habitualmente estavam ligadas’ e emerge, na cena analítica, a diferença, produzindo novos efeitos-subjetividade.”(BENEVIDES e PASSOS, 2000, p.78)

Este é o ponto onde que também o at precisa estar disponível a se lançar ao encontro, pois seu lugar “terapêutico” não está garantido por nada que anteceda ao encontro. Neste ponto inclusive o at precisa buscar “(...) experimentar ao invés de

conjecturar, ocupar-se dos maquinismos que insistem na produção de outros modos de existência, esquecer-se de si e de sua história e encontrar-se na criação”(BENEVIDES e PASSOS, 2000, p.78) Experimentar para criar outros modos de existência a cada encontro.

Para esclarecer o que entendo por encontro, recorro à Deleuze (1978, p.8), em sua aula sobre Spinoza:

“Uma vez, uma única vez, Spinoza utiliza uma palavra latina muito estranha porém muito importante, que é ‘occursus’. Literalmente, é o ‘encontro’. Na medida em que tenho idéias-afecções, eu vivo ao acaso dos encontros: eu passeio na rua, vejo Pedro que não me agrada, e isso em função da constituição do seu corpo e da sua alma e da constituição do meu corpo e da minha alma.”

Uma única vez, portanto, Spinoza apresenta a palavra encontro. Porém muito importante para se pensar o AT como uma experimentação, como uma criação a partir do acaso dos encontros. E “O que é que pode acontecer ao acaso dos encontros?” – pergunta Deleuze em sua aula. E podem acontecer duas coisas: bom encontro ou mau encontro. Como na alimentação, onde posso comer alguma coisa que eu adoro, ou comer alguma coisa que me envenena. Em “um caso eu fiz um bom encontro, e no outro, fiz um mau encontro.”(DELEUZE, 1998, p.9)

No caso de um bom encontro, eu experimento alegria, ou seja, quando eu encontro um corpo que compõe sua relação com a minha, meu poder de ser afetado é igualmente preenchido e minha potência de agir aumenta. No caso de um mau encontro, quando eu sou envenenado, experimento tristeza, e meu poder de ser afetado é absolutamente preenchido, mas ele é preenchido de tal maneira que minha potência de agir tende para zero, ou seja, é inibida.(DELEUZE, 1998, p.13)

Retomando, estou caminhando com o AT em seu devir pelo território da clínica, resgatando sua implicação política, encontrando na experimentação a possibilidade de criar, a cada encontro, novos modos de existência. Tomar um modo de existência pelos encontros de que é capaz de realizar, pelas alegrias e tristezas que é capaz de experimentar. Uma atitude a um só tempo crítica-clínica-política-ética-estética.

Penso que é o que Barembliit (1991, p.83), em seus “Comentários” sobre o AT, procura apontar, quando afirma que o at precisa decidir como irá se aproximar daqueles que demandam cuidado: para concertar, subjugar “um modo de ser” às formas de ser

dominantes de uma “sociedade paranoica triunfante”, ou para acompanhar singularidades, acreditando na essência produtiva do mundo, como “uma proposta de invenção radical”:

“Acreditar que tudo aquilo que há de antiprodutivo, destrutivo, provém do conflito entre essa forma essencial de ser e as formas de ser dominantes, que a subjugam e não lhe dão lugar nos ‘concertos dos mundos’. Essa decisão é fundamental porque significa optar entre denominar, a esse modo de ser, loucura, psicose, enfermidade mental, ou denominar-lhe ‘modo de ser: poético, estético, coreográfico’, ou como queiram.” (BAREMBLIT, 1991, p.81)

Dona Amália entrou em contato. Havia conversado pessoalmente com o coordenador da residência. Quando ela o encontrou, perguntou por mim e por Lucas: “E aquele rapaz que me deu seu número? Achei muito engraçado os dois. Êle e o filho d’quela senhora... Foi engraçado o jeito que êle falou ‘quero minh’água d’coco!’ e pegou êle pela cabeça...” – relatou a cena que nos aproximou no consultório do Dr. Charles. Tirou suas dúvidas a respeito da residência e sobre do trabalho de AT. Dona Amália gostaria que a ajudássemos com a agressividade de Valdir, gostaria que ele pudesse ir para a residência quando estivesse violento. Seria preciso construir com Dona Amália um entendimento a respeito do trabalho de AT, para além de intervenções restritivas, punitivas.

Foi combinado então que eu precisaria conhecer Valdir e que, a partir deste primeiro encontro, se iniciaria um trabalho de AT. Seria preciso construir alguma relação de confiança com ele e com Dona Amália, para que a ida para a residência não fosse apenas uma repetição de um gesto de exclusão e isolamento.

Combinamos então um dia para conhecer Valdir em sua casa. Fato é que minha memória estava trabalhando em contato com minha ansiedade para chegar. Lembrava das falas de Dona Amália: “Valdir é agressivo! Sempre foi. Mas de uns tempos pra cá ele piorou. Quando só quebrava as coisas eu não ligava tanto, mas agora não dá mais.” – essa foi uma fala durante nosso primeiro encontro, ainda no consultório do Dr. Charles.

Lembrava também da orientação que recebi em supervisão: “Chega tranquilo, observa, se der para dar uma saída com ele ali por perto, acho legal. Parece que essa agressividade comparece mais na relação com ela.” – essa direção foi importante para lembrar de um fato óbvio: eu não conhecia Valdir. A continuidade desta proposta de AT dependeria deste encontro com ele. Esse fato óbvio acionava em minha memória o sorriso de Dona Amália dizendo que seu “filho gostava de pão de queijo!” – alegrava-me e enchia-me de curiosidade esta lembrança. Havia o “Valdir que é agressivo”, mas também “Valdir que gosta de pão de queijo.” O que mais experimentaríamos juntos?

Quando cheguei ao prédio, toquei o interfone na hora em que havíamos combinado. Logo atendeu Dona Amália, com seu sotaque e voz inconfundíveis. “Ah, é você! Você veio!? Vou abrir.” – pela rapidez com que atendeu o interfone e pelo tom de sua voz, pareceu-me que esperava, também ansiosa, por este primeiro dia de AT. Porém havia um tom em sua voz, o que transparecia uma espécie de surpresa por eu estar ali. Esse seria o tom da maioria de nossos encontros, ao longo desses próximos quatro anos: “Que bom você estar aqui x que estranho você estar aqui.” – uma espécie de tensão que precisava ser aceita e, oportunamente, afirmada como um paradoxo: “Sim, que bom você estar aqui, e sim, que estranho você estar aqui.”

Subi dois lances de escada e quando apareço no corredor vejo Dona Amália toda arrumada na porta, como no dia da consulta ao psiquiatra. Uma calça e blusa que lhe davam uma aparência formal, maquiada, brincos e colar, porém com chinelos, ao invés de saltos. Fui aproximando-me e observando este sutil detalhe que marcava a diferença deste nosso segundo encontro. Era formal, porém estava em seu território, em sua casa, não precisava de saltos. Dona Amália sorria, como o sorriso que estava em minha memória. Apertei sua mão, que me puxou para perto e me deu um beijo no rosto: “Olá Dr. Ronie. Este é o Valdir, meu filho.” – eu já não estava mais ansioso.

Dirigi-me a Valdir e cumprimentei-o. Ele estava sentado no canto do sofá, não respondeu ao meu olá, tampouco se mexeu. Olhava fixamente para a xícara de café que segurava com as duas mãos. Usava uma camisa polo, calça e tênis. Seu cabelo, ainda molhado, cuidadosamente penteado para o lado, e seu relógio de pulso eram o toque final, que denotavam uma longa preparação para minha chegada.

Valdir apresentava uma notória dificuldade motora. Levava a xícara de café à boca e tremia bastante para fazer isso. Estava de pernas cruzadas e seu corpo curvava-se cada vez mais para frente, num esforço de encontrar a xícara, tudo de forma lenta. Num misto de tensão, que passava pelas mãos, braços, coluna curvada para frente, pescoço, sobrelhas cerradas para manter o foco; tensão e flexibilidade, pois suas pernas estavam confortavelmente cruzadas e pareciam bem relaxadas.

Entendi que ele só poderia olhar para mim e cumprimentar-me de volta, assim que terminasse este desafio. Ele tomou um gole. Angustiei-me com esta espera e nesse meio tempo passou pela minha cabeça o quanto já estaria difícil o convívio desses dois. Dona Amália aparentava seus setenta anos e Valdir uns cinquenta. Ele estava levando o copo até a mesa do telefone que estava do seu lado esquerdo, colada ao sofá. Virava o corpo com dificuldades.

Havia, ainda, um cheiro gostoso de café no ar, misturado com o cheiro da sua loção de barba. Pensei que Dona Amália estava dedicada aos seus cuidados há bastante tempo. “Se um café durava este tempo, com este grau de dificuldade, quanto tempo teria levado para arrumá-lo?” – pensava. E todo o ambiente estava cuidadosamente arrumado. Havia um piano, fotos, pratos de porcelana, flores, uma mesa de jantar coberta com uma toalha de mesa, uma flor ao centro. No outro canto da sala, mais um móvel colado à parede, com mais fotos e pequenos objetos de porcelana que decoravam o ambiente. Era, com certeza “uma casa portuguesa”⁴.

Por fim, quando Valdir pousou a xícara ao lado do telefone, esbarrou em um porta retratos. “Assim derrubas tudo!” – Dona Amália não perdeu tempo em repreendê-lo. Reparei que era uma foto de família, fiquei curioso, pois havia quatro adultos, reconheci Dona Amália e Valdir mais jovens. “Levanta para cumprimentar o rapaz. Ele veio aqui para lhe ver.” – ela o apressava todo o tempo. Eu deixei minha curiosidade com a foto de lado e esta foi a primeira vez que Valdir olhou para mim.

Ainda sentado, por cima de seus pesados óculos que carregava no nariz e que projetava um pouco suas orelhas para frente. Estendeu-me sua mão, bem branca, gelada e

⁴ “Uma casa portuguesa”, é uma música de Artur Fonseca, letra de Reinaldo Ferreira e Vasco Matos Sequeira. Gravada pela cantora Amália Rodrigues em 1953.

delicada. Apresentei-me, mas Valdir não respondeu nada e continuou sentado. Dona Amália se desculpou por ele, e me convidou a sentar-me para tomarmos um café. Conversamos um pouco, falou-me sobre sua dificuldade com Valdir, perguntou-me mais uma vez sobre a residência terapêutica, se eu era médico ou psicólogo, queria saber mais detalhes.

Conversamos um bom tempo. Ofereceu-me mais café, biscoitos. Valdir pouco falava. Eu gostaria de ficar um tempo com ele. Senti que a ansiedade de sua mãe não permitia que isso acontecesse. E depois de alguns cafés e conversas iniciais, percebi que era hora de sair, caminhar e conhecer a vizinhança.

Estava bastante apreensivo. Durante o café, Dona Amália havia compartilhado muito de sua dificuldade nesses momentos de saída. Que ele chorava, dizia ter medo e, das últimas vezes em que havia saído mesmo assim, ele a agrediu na rua. Imaginei que seria difícil sair, mas quando o convidei, Valdir levantou de pronto e falou: “Vâmo!” – coloquei a xícara sobre a mesa e levantei junto. Sua mãe deu uma última penteada no cabelo e depois fomos para rua.

A apreensão de Dona Amália nesse momento era visível, mas me ative à tonicidade inesperada que seu corpo ganhou após o convite: “Ele quer sair.” – pensei comigo. E saímos. Preocupava-me com as escadas, mas sua dificuldade não era impeditiva. Ele sabia se cuidar, segurou firme no corrimão e eu descí ao seu lado. E foi nesse dia que demos nossa primeira caminhada pela rua.

7. A vizinhança

Nesse dia fui apresentado também à vizinhança. Ainda no corredor do prédio, perto da porta de saída, conheci uma vizinha, que já conhecia a família há anos: “Valdir, que bom ver você. Você conseguiu mais um enfermeiro para dar uma voltinha contigo?” – percebi que esta senhora estava realmente feliz em ver Valdir saindo para uma caminhada. Ela o conhecia desde pequeno, era também uma moradora antiga do prédio e conhecia toda a família.

Valdir teve uma relação com a enfermagem na época em que ele foi internado. Quando saiu da internação, sua mãe precisou de ajuda em casa. Este rapaz estabeleceu com ele e com a família uma relação de muita confiança. Cabe esclarecer que houve, na história do AT, uma participação da enfermagem. Segundo Chauí-Berlinck (2012, p.27), na clínica Pinel, criada em 1960 em Porto Alegre sob influência das Comunidades Terapêuticas Norte-americanas, uma passagem de funções entre a enfermagem e o “atendente psiquiátrico”, que deveria “por em ação o tratamento elaborado pela equipe de saúde.”

A autora esclarece que havia uma grande semelhança entre a função desse atendente e a do enfermeiro. No entanto sua função diferia pelo fato desta função ser desempenhada, à época, sobretudo por estudantes de medicina e psicologia que cumpriam estágio supervisionado. E, ainda, pelo fato de estabelecerem um vínculo diferenciado, possibilitando realizar a função de acompanhar e “assim direcionar os internos para execução das atividades estabelecidas pela instituição.”(CHAUÍ-BERLINCK, 2012, p.28)

Penso que este encontro entre Valdir e um enfermeiro⁵ foi bastante potente para ele. Soube, pela sua mãe e através da própria vizinha, em outras conversas, como havia um vínculo muito potente. A partir deste acompanhamento, Valdir conseguiu experimentar muita coisa. A função AT não se restringe a nenhum campo específico do saber. A nenhuma tipo de especialismo. Os saberes são apenas ferramentas e somente através do seu uso, no ato de acompanhar, através dos efeitos que produz, é que se evidencia sua implicação clínica. Nenhum saber garante previamente uma relação de acompanhamento.

Seguia minha caminhada com Valdir, buscando experimentar e não direcionar nossos encontros. Em relação à vizinha, com o tempo ela passou a me parar no corredor para contar como andavam as coisas com ele, nos dias em que eu não passava por lá. Se houve “briga, barulho e confusão” – nas suas palavras. Ela era uma das pessoas que apoiava o trabalho de AT. Num dia, bem mais tempo à frente nesta história ela me disse: “Entendo o que faz. Na verdade é simples. Você gosta de estar com ele mesmo, percebo.

⁵ Há um livro “Acompanhamento Terapêutico, a construção de uma estratégia clínica”, de Ana Celeste de Araújo Pitiá e Manuel Antônio dos Santos, que articula o AT com a enfermagem, dando ênfase a uma leitura reichiana das relações.

E ele gosta de estar com você. E isso é bom pra ele. E é bom pra ela também.” – se referia a Dona Amália.

Esse contato com a vizinhança situou-me em relação aos laços afetivos de Valdir para além da família. Encontramos vários amigos de infância. Contavam rapidamente como ele participava das brincadeiras na rua, como gostava de jogar futebol, sempre na posição de goleiro. E que era considerado o capitão do time, pois reclamava muito com todos que erravam e não se esforçavam.

Valdir ouvia a história que contavam a seu respeito bem sério, parecia que não se importava. Em geral respondia com um gesto de mão que sinalizava um “vamos embora” e dizia baixinho e sorrindo: “É mentiroso.” – sorriamos todos e seguíamos a caminhada. Íamos resgatando humor e a alegria a partir desses encontros. Outra de suas saídas era apontar para o amigo, arregalava seus olhos, olhava-me com malícia e dizia: “Ele é ruim. Ele é ruim.” – era engraçado ver como o tempo parecia passar de outra forma nesses passeios. Fatos de trinta anos atrás, às vezes mais, ganhavam uma presença afetiva.

Rolnik (1997) apresenta em seu texto “Clínica Nômada”, um at hipotético que circula pelas linhas do tempo, onde cada linha concretiza-se num certo modo de existência, com uma certa figura da subjetividade. E este at circula no tempo “(...) para formar territórios singulares em sua fronteira e, junto com elas, renovar seus mapas: as vozes dos híbridos que ele traz em si mesmo que lhe chegam por meio de sensações, passarão a constituir sua principal bússola nessa empreitada.” (ROLNIK, 1997, p.86)

Assim o tempo foi passando, desde o primeiro dia, ao longo desses primeiros meses, encontrando com amigos, afetos, sensações. Orientando-me, junto à Valdir, neste território em movimento. Estávamos construindo nosso hábito. Eu chegava, havia uma conversa com sua mãe, às vezes Valdir estava pronto me esperando, às vezes estava terminando de se arrumar.

Era bastante repetitiva esta parte do nosso encontro. Depois íamos para rua, caminhávamos pelas ruas vizinhas, no entorno de sua casa. No início, a dificuldade de andar de Valdir disparou em mim uma sensação de peso e desgaste. Imaginei, que estaria muito limitado em relação à distância que poderíamos percorrer. Limitado em relação aos lugares que poderia ir com ele, em relação ao tempo que dispúnhamos.

Benevides e Passos, em suas conversas sobre a viagem de Benevides à La Borde, auxiliam-me a dar mais consistência à idéia que pretendo transmitir. Conversavam sobre a possibilidade de contornar o peso do trabalho: “Mas o que pode torná-lo menos cansativo é o prazer do passeio e a sensação da viagem (estar assim tão longe e tão perto). Na viagem temos a oportunidade de fazer diferentemente, pensarmos (nos) diferentemente”(BENEVIDES e PASSOS, 2003, p.4). Em meu caso com Valdir, invertendo um pouco o sentido ficaria: “Tão perto, mas conseguimos ir tão longe.” Uma viagem, mesmo que apenas até ali na esquina.

Fui percebendo que este peso inicial poderia ser deixado de lado, ultrapassado com os bons encontros, com amigos, afetos alegres. Passei a voltar minha atenção para a duração de nossos encontros. Bergson (2006, p.1) define o conceito de duração como a experiência do tempo puro, não subordinado ao espaço. A experiência no tempo se apresenta como uma variação ininterrupta de qualidades sensíveis: “um leve esforço de atenção revelar-me-ia que não há afeto, não há representação ou volição que não se modifique a todo instante.”

Passeando, viajando por aquelas ruas, encontrando com amigos, circulação que possibilitava a emergência de outra história da vida de Valdir. Acontecimentos de sua infância, de sua adolescência, vida adulta, já esquecidos, ganhavam vida e atualidade. Eram sempre coisas que desestabilizavam a lógica do doente mental, debilitado. Experimentávamos esses passeios espacialmente curtos, de forma muito potente e expansiva. Íamos longe. Eram lembranças e encontros potentes, em sua maioria.

Digo em sua maioria, pois havia um vizinho que não gostava de nossa presença. Ele não concebia o fato de “um filho bater na mãe”. O conheci em seu bar, na esquina da rua de Valdir. Na ocasião, eu e Valdir conversávamos sobre futebol, brincando com a rivalidade entre seu time, Vasco, e o meu, Flamengo. Este senhor se aproximou, serviu nosso pedido e perguntou quem eu era. Estranhei o tom de sua pergunta. Dirigiu-se a Valdir, com uma expressão pesada: “E esse aí é seu segurança novo?” – então depois olhou para mim complementando: “Ele é doente. Ontem mesmo minha filha me contou que foi maior barulheira lá na casa dele. Ele não devia estar aqui. Era para estar internado, infelizmente é assim. E se for pra ficar na rua, ele precisa é de um segurança pra não

deixar ele bater em ninguém.” – fiquei totalmente sem ação e disse qualquer coisa para tentar contornar, mas fui afetado de raiva e tristeza.

Senti que não consegui proteger Valdir da agressividade daquele senhor. Achei violento da parte daquele senhor falar na frente dele como se ele não estivesse ali que ele precisaria estar internado. Passou pela minha cabeça: “Desse jeito ele não precisa de um segurança, mas de alguém que o proteja. Um guarda-costas!” – apenas pensei. Mas pensei também que não queria estar neste lugar de guarda-costas de ninguém. Por fim, terminamos nossas bebidas e saímos.

Obviamente que não apoio “um filho bater na mãe”, no entanto colocar a situação de Valdir e sua mãe dessa forma seria patologizar e individualizar a questão de forma muito simplista. Sobretudo voltar no tempo, buscando na internação uma intervenção “clínica”, neutra, que seria adequada à Valdir. Basaglia (2005) discute algumas consequências devido ao fato da ciência fundamentar suas pesquisas reproduzindo de forma não crítica, a ideologia da doença mental, ao invés de investir no entendimento do sujeito doente, ou em sofrimento. Uma consequência, que evidenciamos no cotidiano de forma sutil porém violenta, é a "coisificação" do "doente mental". Tratado como coisa, objeto do saber científico, onde que é possível falar dele como se ele não estivesse ali.

Foi um mau encontro com este senhor, mas não pretendo dizer que ele é mal. Mau, nas palavras de Spinoza (2007, p.297), é “aquilo que tira minha potência de agir.” Neste caso, um mau encontro com uma idéia, com um afeto. Lidar com estes afetos, penso que esta é também uma das facetas políticas do AT, tal como vimos acima com Araújo (2005). Lidar com a violência sutil do cotidiano, seus microfascismos.

Benevides (2007a, p.9) esclarece-nos a pertinência desta questão em relação ao trabalho cotidiano do AT: “Percebemos também que os microfascismos não mais podiam ser localizados apenas no funcionamento do hospital, mas nos atravessavam a todos e precisavam ser conjurados cotidianamente.”

Fato é que terminamos nossas bebidas e seguimos andando em silêncio. Segui ao seu lado por algum tempo, percebi que ele não estava abalado com o que houve. Eu fiquei um tempo pensando a respeito, mas ao longo da caminhada isso foi perdendo o sentido. Atravessamos ruas, encontramos com outras pessoas, paramos para descansar

num banco, olhamos o fluxo da cidade, pássaros, pessoas pararam ao nosso lado para pedir informação.

Eu já não tinha a menor idéia de como orientar ninguém, experimentava com Valdir a possibilidade de esquecer um pouco. Esquecer de ter que sempre ter um destino para ir, esquecer de mim, apenas lançar-me no prazer de andar, mover-se. “O senhor sabe onde é a rua Gonçalves Damaceno Júnior?” – perguntou-me alguém. Não podia imaginar onde ficava tal rua. “E o senhor sabe?” – a pessoa se dirigiu ao Valdir, que apenas bateu de ombros.

A essa altura, já havia passado a tristeza, efeito do mau encontro que tivemos com o dono do bar. Mas este encontro apresentou-me uma direção ética-estética muito importante para este acompanhamento. Era preciso continuar caminhando, passando, manter o fluxo e o movimento.

Mais importante do que confrontar o dono do bar, foi continuar investindo em minha relação com Valdir. Havia uma linha que conseguia habitar com ele onde não havia aparecido ainda nenhum episódio de agressão. Aprendi com Valdir que essa linha não era uma reta, parecia mais um ziguezague, um modo de andar que foi por mim incorporado como um modo de perceber, de pensar e agir.

Já havia caminhado bastante com Valdir, e percebi que estava criando recursos para lidar com sua singularidade. Fui aprendendo a observar meu modo de caminhar de forma mais atenta. Era preciso andar devagar ao seu lado. Desde aquela primeira xícara de café que o vi tomar, quando da minha primeira ida a sua casa, percebi que lidar com essa outra temporalidade, seria um desafio. Não apressar, mas também não atrasar. Acompanhar seus movimentos. Por vezes saímos de casa e caminhamos mais de uma hora em silêncio, parando aqui e ali, por vezes acelerando, dobrando uma esquina e não outra.

Seu modo de andar era como uma ginga de capoeira. Balançava seu corpo de um lado para outro, parecendo desequilibrar. Alvarez (2007, p.57), em sua tese sobre o aprendizado da capoeira angola apresenta uma definição de ginga que se aproxima do modo como observava seus movimentos:

“Trata-se de um movimento de deslocamento, para frente e para trás, no qual as pernas e os braços se alternam inversamente de modo que, quando a perna esquerda está na frente o braço direito deve estar também à frente próximo ao rosto e vice-versa.(...) Vamos aprendendo que a ginga é um dos movimentos principais, já que é dela que se iniciam os demais movimentos, assim como esses também devem se encerrar nela. Espécie de ponto de ancoragem dos movimentos da capoeira a ginga se alterna o tempo todo. Iniciar e encerrar devem ser aqui compreendidos como estados provisórios de experiências de treino , pois o jogo da capoeira pressupõe uma continuidade de movimentos, dispostas numa circularidade na qual o começo e o fim da ginga ficam difíceis de serem identificados. Nesse sentido, mais do que encerrar ou iniciar podemos dizer que ela é um movimento que mantém o jogo sempre em movimento. Ou seja, o angoleiro quando não está realizando os golpes de defesa e ataque deve estar necessariamente gingando, encaixando nessa os demais movimentos. Gingando, sempre gingando; é assim que o aprendiz vai aprendendo os golpes da capoeira. Quanto mais contínua e imediata for a movimentação da ginga e dos outros movimentos maior a destreza do jogador.”

A pertinência desse seu gingado para nossos encontros passava pelo fato de a ginga ser um movimento de deslocamento, um movimento que é a base para todos os movimentos da capoeira, onde “iniciar e encerrar” são tomados como pontos provisórios, uma vez que o jogo de capoeira pressupõe a continuidade dos movimentos.

Na continuidade de nossas caminhadas, percebi, em muitas ocasiões, que algumas pessoas que o conheciam, sabiam de suas histórias, ficavam apreensivas, com medo. O medo também era um afeto que disparava nas pessoas reações fascistas. Não se tratava da raiva do dono do Bar. Era preciso um gingado, uma vez que ir para a rua não era garantia de que teríamos bons encontros. No entanto, poder confiar em minha relação com ele e apenas seguir nosso fluxo era a forma de criar outra história para Valdir.

Criar outra história, como Rauter (2002, p.234) apresenta em “Clínica do Esquecimento: estudo de um ‘caso’ ”. A autora propõe que “(...)a questão clínica fundamental parece ser: como sair do ressentimento, abrir mão do espírito de vingança e da mágoa. A agressividade não é nefasta por si própria; ela é um poderoso instrumento de transformação e construção do presente.”

Sua agressividade era assunto na vizinhança. Lidar com os ressentimentos, medos, raivas, microfascismos cotidianos era parte do trabalho. Acreditava que seu futuro não precisaria estar condicionado ao seu passado. Entre o passado e futuro havia o presente, onde eu estava ao seu lado e em condições de intervir. Às vezes era preciso

contornar esses blocos de passado e ressentimento que se colocavam em nosso caminho, essas linhas duras que obstacularizavam nossa caminhada e, como num drible de futebol, como numa ginga de capoeira, seguir nosso fluxo, manter nosso movimento.

Voltando à nossa saída do bar, recolhendo esses aprendizados do cotidiano com Valdir, percebi que esta foi a ação mais prudente: não reagir ao ressentimento e intensificar as experiências de tristeza que já tanto pesavam sobre Valdir. Gingar e seguir.

Na ocasião, depois de mais um tempo de caminhada, falei: “Joga mal aquele moço, né?” – percebi na ocasião a oportunidade de quebrar o longo silêncio em que já estávamos. Ele sorriu e balançou sua mão com veemência, como costumava fazer, sinalizando algo como “deixa pra lá”. Aproveitei sua alegria emergente para dizer: “Cara chato assim, jogando mal desse jeito, deve ser vascaíno.” – brinquei com ele. “É Flamengoista!” – respondeu sorrindo e seguimos nossa ginga, nosso jogo, nossa caminhada.

Evitamos esse bar noutras ocasiões. Mas também não era problema, como em dias de chuva, poder ficar por ali. Era o bar mais perto de sua casa, mais fácil acesso. Chegávamos já brincando com a situação: “Vamos lá naquele vascaíno!” – eu dizia. Ele sempre gostava da piada e sorria: “Não é não.” E foi numa dessas ocasiões em que este senhor falou do pai de Valdir.

Apontou outra rua, virando a esquina, onde o pai de Valdir trabalhou durante anos. Ele era dono de uma mercearia e foi muito conhecido no bairro. Noutras caminhadas, passamos por lá e Valdir pôde me mostrar onde seu pai trabalhava. Imaginei que falaríamos algo sobre seu pai. Mas não falou nada, apenas passamos. Mas essas passagens eram importantes, pois foram reconectando Valdir com suas relações com a vizinhança. À medida que passávamos, outros pontos de seu passado apareciam, outras formas de nos relacionarmos também apareciam.

Passamos a frequentar mais este bar em sua esquina. O dono do bar contou-me mais algumas histórias a respeito de seu pai e sua relação com a vizinhança. Reativou uma conta que Valdir tinha em seu bar e esclareceu o motivo: “Ele chegou aqui uma vez e tomou um refrigerante e depois falou ‘anota aí’. Eu anotei, e a conta foi aumentando. Um dia comentei com seu pai, que acertou e permitiu que ele mantivesse essa conta. Seu pai trabalhava assim, todos aqui tinham conta no armazém dele.” – concluiu com alegria.

Ficou feliz em reativar a conta de Valdir. Este era o ponto de virada que passei a buscar em nossas caminhadas, nos encontros com sua mãe.

Era como o ponto de passagem na ginga, entre um movimento e outro, um ponto móvel, no movimento, um ponto intensivo, que era deste ponto, muito sutil, que era possível criarmos outros modos de viver, outras formas de se relacionar com a singularidade de Valdir. Era o ponto, no presente, como experiência afetiva comum, a partir de cada encontro que estabelecíamos, ponto de desvio em relação à continuidade e linearidade que sua vida estava confinada. Um repetição adoecida de um passado de violências e agressões que o direcionava para um futuro adoecido.

Segundo Bruno (2004, p.220), “a condição para criar é a dissimetria entre passado e futuro (a cesura).” Criávamos, experimentávamos, a cada encontro, outras formas de viver.

8. Padecimento: considerações

Segundo Spinoza (2007), o caminho do conhecimento envolve três gêneros. O primeiro gênero é uma forma de conhecer pelos efeitos dos encontros que estabeleço, que será apresentado como idéia-afecção. O segundo gênero de conhecimento, é o conhecimento das causas, a saber, o conhecimento do que é causa de composição na mistura dos corpos, o que é comum a um e a outro. E será definido como idéia-noção. O terceiro gênero do conhecimento, onde se conhece para além das noções comuns. Conhece-se pelas essências singulares. Experiência da mente em sua potência máxima, que Spinoza irá definir como liberdade e beatitude.

Para discorrer sobre o padecimento, apresentarei neste momento somente o primeiro gênero de conhecimento. Os outros dois gêneros serão apresentados detalhadamente mais à frente no texto.

O primeiro gênero de conhecimento é, portanto, todo modo de pensamento que representa uma afecção do corpo. Trata-se de um tipo de conhecimento pelo efeito da

mistura de um corpo com outro, ou então o traço de um outro corpo sobre meu corpo, o que Deleuze (1978, p.7) define como “idéia de afecção.”

Nesse sentido, conhecer pelas idéias-afecções, pelo primeiro gênero de conhecimento, é estar sujeito ao acaso dos encontros. É padecer, ser passivo em relação ao que se conhece. Uma vez que, apenas pelo efeito dos encontros, poderei dizer que uma coisa me convém, que tenho um bom encontro e que experimento alegria; e o mesmo quando uma coisa não me convém, quando tenho um mau encontro e experimento tristeza. Deleuze (1978, p.9) esclarece que trata-se de “um conhecimento dos efeitos independente do conhecimento das causas. É portanto ao acaso dos encontros.”

Deleuze utilizará o exemplo de Spinoza a respeito de Adão, para explicar que o caminho do conhecimento envolve aprender do que um corpo é capaz, o que lhe convém e o que não lhe convém. Esclarece que enquanto não se sabe qual é o poder de ser afetado de um corpo, enquanto o aprendizado estiver subordinado ao acaso dos encontros, não se estará de posse da sabedoria, estará como um bebê: “Portanto, supondo-se que Adão exista, ele existe num modo de absoluta imperfeição e inadequação, ele existe à maneira de um pequeno bebê que está entregue ao acaso dos encontros.” (DELEUZE, 1978, p.11)

O exemplo de Adão serve para apresentar a idéia de que não há um mal em si, algo que seja essencialmente mal, que uma moral poderia ajudar a regular de forma geral o que convém e o que não convém aos corpos. No caso de Adão seria a maçã, que Deus o proibiu de comer. Em sua leitura de Spinoza, Deleuze esclarece que Adão experimentou um mau encontro com a maçã. Ou seja, não há o mal em si, apenas maus encontros, que podem ser entendidos como envenenamentos e intoxicação.

Bem como não há nada que seja bom em si, que poderia ocupar o lugar do bem universal, moral. Tudo é questão de encontro e também de dosagens, uma vez que a proposta do caminho do conhecimento aponta para uma variação intensiva constante, de cada corpo. O que compõe ou decompõe, também está sujeito à variações:

“Nada é bom para alguém que excede seu poder de ser afetado. Um poder de ser afetado é realmente uma intensidade ou um limiar de intensidade. O que Spinoza realmente quer é definir a essência de alguém de maneira intensiva, como uma quantidade intensiva. Enquanto vocês não conhecem suas intensidades, vocês se arriscam a ter um mau encontro, e poderão muito bem dizer que é belo o excesso, a desmedida... porém não há desmedida, não há senão fracasso, nada

além do fracasso. Advertência quanto às superdoses [overdoses]. É precisamente o fenômeno do poder de ser afetado que é excedido com uma destruição total.”(DELEUZE, 1978, p.14)

Nesse sentido, avançando no entendimento a respeito do que compõe ou decompõe um corpo, não há nada que tenha valor em si, é preciso que se conheça também a quantidade de intensidade de que um corpo é capaz de afetar e ser afetado.

Penso ser importante apresentar uma definição de corpo. Deleuze (2001), em “Nietzsche e a Filosofia”, inicia o capítulo “Ativo e Reativo” apresentando uma aproximação com o pensamento de Spinoza, que irá desenvolver ao longo do texto. E começa com uma referência a afirmação de Spinoza de que não sabemos o que pode um corpo. Com isso propõe que é preciso “chamar a consciência à modéstia necessária, tomá-la por aquilo que ela é: um sintoma, nada mais que um sintoma.”(DELEUZE, 2001, p.62)

Há, na aproximação que Deleuze realiza entre Spinoza e Nietzsche, a possibilidade de pensar algumas imagens do padecimento da consciência. Para isso, preciso acompanhar este percurso, agora no modo como Deleuze pensa o que é um corpo. O autor apresenta um corpo como quantidade de força em relação. É isso o que forma um corpo, forças distintas que se mantêm em relação, onde um corpo é sempre fenômeno múltiplo, uma vez que se trata sempre de mais de uma força em relação. Um corpo é

“apenas quantidades de força ‘em relação de tensão’ umas com as outras. Qualquer força está em relação com outras, seja para obedecer, seja para ordenar. O que define um corpo é esta relação entre forças dominantes e forças dominadas. Qualquer relação entre forças constitui um corpo: químico, biológico, social, político. O corpo é fenômeno múltiplo, sendo composto por uma pluralidade de forças irreduzíveis; a sua unidade é a de um fenômeno múltiplo.”(DELEUZE, 2001, p.63)

O que põe as forças de um corpo em relação é o acaso, no entanto, é a vontade de potência que Deleuze (2001, p.81) aponta como sendo seu elemento genealógico, que “quer dizer diferencial e genético”. As forças, em sua genealogia, se diferenciam. O que interessa aqui é o ponto onde uma força possui uma origem na história, onde a relação é primeira. A vontade de potência é o princípio determinante desta relação, a partir do qual a força, em sua genealogia, apresentará uma diferença de quantidade e uma diferença de qualidade.

Pela sua diferença de quantidade, uma força pode ser dominante ou dominada. No que concerne à diferença de qualidade, uma força pode ser dita ativa ou reativa. Nesse sentido, em presença, em cada caso, uma força pode ser analisada, interpretada, diferenciada em termos de quantidade e qualidade. Deleuze (2001, p.82) ressalta que “em cada caso, a interpretação se defronta com toda a espécie de problemas delicados: é-lhe necessária uma percepção ‘extremamente fina’, do gênero daquela que se encontra nos corpos químicos”

Quem realiza esta interpretação extremamente fina será a vontade de poder. A própria vontade de potência possui qualidades, particularmente “fluentes, mais sutis ainda que a força”(DELEUZE, p.82). Usando a terminologia de Nietzsche, Deleuze conclui que as forças se qualificam em ativas e reativas, enquanto que a vontade de potência se qualifica, primordialmente em “afirmativa e negativa.” A vontade de potência se expressa qualitativamente, portanto, como vontade de afirmar e apreciar, ou como vontade de negar e depreciar.

Uma distinção que também considero importante é que Deleuze (2001) propõe a afirmação e a negação (qualidades da vontade de potência) como qualidades imediatas do próprio devir:

“a afirmação não é ação, mas o poder de se tornar ativo, o *devoir ativo* em pessoa; a negação não é simples reação, mas um *devoir reativo*. (...) É a afirmação que nos faz entrar no mundo glorioso de Dionísio, o ser do devir; é a negação que nos precipita no fundo inquietante de onde provém as forças reativas.”(DELEUZE, 2001, p.83)

Este é o ponto importante para o entendimento da pertinência deste caminho percorrido entre os filósofos Spinoza, Nietzsche e Deleuze, em relação à proposta de pensar o AT envolvido com a criação: “a vontade de potência não é apenas o que interpreta, mas o que avalia. Interpretar, é determinar a força que dá um sentido à coisa. Avaliar, é determinar a vontade de potência que dá à coisa um valor.”(DELEUZE, 2001, p.83) A vontade de potência é o ponto original de valoração das coisas.

Conforme Deleuze (2001), é a partir da vontade de potência que será possível valorar as coisas. A partir daí surgem as definições, em Nietzsche, do que é o nobre, elevado, senhor, como aquele que quer a força ativa, quer a vontade afirmativa; e “mesquinho, vil, escravo”(DELEUZE, 2001,p.84), como aquele que quer a força reativa,

quer a vontade negativa. Mas, como sempre lembra Deleuze, um valor sempre possui sua genealogia, sempre surge numa relação de forças. O genealogista é este que detém a arte de “manejar o elemento diferencial: é o senhor da crítica dos valores”. (DELEUZE, 2001, p.84)

Nunca há o valor em si, o valor universal, valor em geral, sempre ao acaso do encontro das forças, uma genealogia a ser feita, como ponto de valoração relacional, onde as forças se apresentam, em sua emergência como forças ativas ou reativas. A vontade de potência como vontade de afirmar e apreciar, ou como vontade de negar, depreciar. Retomando o ponto de pertinência para a o AT, Deleuze (2001, p.85) esclarece em nota de rodapé, que a teoria dos valores não pode “perder de vista o princípio avaliar = criar.(...) Do ponto de vista de Nietzsche, o correlativa da criação dos valores não pode ser, em caso algum, a sua contemplação, mas deve ser a crítica radical de todos os valores em curso.”

Na origem dos valores há sempre uma coexistência de forças, em suas diferenças ativas e reativas. Não há, portanto uma sucessão das forças. Bem como há sempre uma cumplicidade das forças ativas com a afirmação, e das forças reativas com a negação. Na origem, a avaliação entre o que é nobre ou vil, forte ou fraco, dependerá da perspectiva de quem avalia.

Tomando como exemplo a Genealogia da Moral, Deleuze esclarece que genealogia é uma arte nobre da diferença ou da distinção das forças, no entanto ela aparece invertida “no espelho das forças reativas” (DELEUZE, 2001, p.86). Os valores, em sua origem, do ponto de vista das forças reativas, da negação, negam aquilo que é ativo e afirmativo. “Em vez de afirmar a si mesmo, e de negar por simples consequência, as forças reativas começam por negar aquilo que é diferente delas, opõem-se em primeiro lugar àquilo que não faz parte delas próprias.”(DELEUZE, 2001, p.86)

As forças reativas triunfam: a negação como princípio da vontade de potência, é o que se vê de forma dominante. “Como é que as forças reativas trinfam?”(DELEUZE, 2001, p.87), questiona-se Deleuze. Responde a essa pergunta, retomando nosso diálogo inicial com Spinoza: “as forças reativas, mesmo quando unidas, não compõem uma força maior do que a ativa seria. Procedem de um modo completamente diferente: decompõem;

separam a força ativa daquilo que ela pode.”(DELEUZE, 2001, p.87) Este é o ponto em que uma força ativa torna-se reativa: ela é separada daquilo que ela pode.

Uma força ativa, quando não exercida, ela se transforma em força reativa. Ressentimento, má consciência e ideal ascético. Ela não se exerce porque ela é separada daquilo que ela pode. E tal separação repousa, responde Deleuze (2001, p.88), a partir de uma “ficção, sobre uma mistificação. (...) A força ativa é separada daquilo que pode por uma ficção”. E daí aparece a vontade de nada: vontade que cria a ficção que separa a força ativa daquilo que ela pode.

Em relação ao ressentimento, trata-se do modo de lidar com as forças. Este é o tipo reativo, pois é aquele que não reage suas forças correspondentemente a uma ação recebida. Diferentemente do tipo ativo, que é aquele que exprime uma relação normal entre uma ação recebida e uma reação.

No plano das forças, o que há é uma variação contínua de forças em relação, onde cada ação de uma força sobre outra corresponde a uma reação. Isso do ponto de vista da dinâmica das forças, que não pode ser confundido com a tipologia que Deleuze (2001) propõe: há um tipo reativo, que é a figura do ressentimento.

Há uma faculdade, que Deleuze (2001, p.171) define como uma espécie de “guardiã”, que é determinante em relação à diferenciação entre o tipo ativo e o tipo reativo. Trata-se da faculdade do esquecimento. O esquecimento é uma força que funciona como uma espécie de amortecimento, entre o inconsciente e a consciência. Quando se recebe uma ação, é preciso que o esquecimento atue amortecendo o inconsciente, para que essa ação recebida seja experimentada como atual. É o esquecimento que garante uma dinâmica “plástica, regeneradora e curativa”(DELEUZE, 2001, p.170) à consciência.

Tanto o inconsciente como a consciência, compõem uma parte do aparelho reativo:

“O inconsciente reativo é definido pelas marcas mnêmicas, pelas impressões duráveis. É um sistema digestivo, vegetativo, ruminante. (...)É preciso um outro sistema em que a reação deixe de ser uma reação às marcas para se tornar uma reação à excitação presente. Esta segunda espécie de forças reativas não se separa da consciência: crosta

sempre renovada de uma receptividade sempre nova, meio onde ‘há de novo lugar para as coisas novas’.(DELEUZE, 2001, p.170)

Para entender o que é o ressentimento, como tipologia psicológica, é preciso entender essa distinção: há uma reação que é considerada normal, como reação às excitações presentes; e há uma reação que não corresponde a uma ação recebida, que não corresponde a uma excitação presente. Uma reação às marcas mnêmicas, ou seja, ao receber uma ação meu corpo sofre uma excitação presente, que aciona em minha memória algumas marcas. O ressentimento, portanto, reage ao passado.

Nesse sentido, a palavra ressentimento já fornece uma indicação precisa: “a reação deixa de ser agida para se tornar qualquer coisa de sentido.”(DELEUZE, 2001, p.168) É, portanto “ao mesmo tempo que a reação às marcas se torna qualquer coisa de sensível, que a reação à excitação deixa de ser agida.” (DELEUZE, 2001, p.171) É quando a faculdade do esquecimento – como força capaz de garantir uma separação entre o que é excitação presente e o que é traço de memória – está comprometida que temos o tipo ressentido: excesso de memória.

Deleuze (2001, p.171) esclarece que uma deficiência da faculdade de esquecer é como se “(...) a cera da consciência ficasse endurecida, a excitação tendesse a confundir-se com a sua marca no inconsciente, e inversamente, a reação às marcas aparece na consciência e invade-a.” O tipo do ressentimento é este que tem uma prodigiosa memória, uma incapacidade de esquecer, figura dominada pelo espírito de vingança. Tendo ele experimentado uma excitação demasiado forte (uma dor), não foi suficientemente forte para formar uma resposta, a reagir. Noutras palavras, não conseguiu agir sua resposta, agir sua dor.

Assim surge o tipo ressentido: “qualquer que seja a força da excitação recebida, qualquer que seja a força total do próprio sujeito, o homem do ressentimento só se serve desta para investir a marca. (...) o homem do ressentimento não ‘reage’: a sua reação não termina nunca, é sentida em vez de ser agida.”(DELEUZE, 2001, p.174)

Para entender como essa operação se dá é preciso a presença do sacerdote. É ele quem cria a ficção capaz de separar a força daquilo que ela pode. Direcionando o ressentimento para a produção de má consciência. O sacerdote, cúmplice das forças reativas, toma o ressentimento em seu estado bruto, toma a vontade de poder como

vontade de nada, como niilismo, como poder de negar: conduz as forças reativas ao triunfo. Como ele faz isso?

A resposta de Nietzsche, segundo Deleuze (2001, p.192), é: “vira-se para o interior, vira-se contra si. Interioriza-se, vira-se contra si, é este o modo pelo qual a força ativa se torna realmente reativa. (...) É aí que reside a origem da má consciência.” A diferença é que no ressentimento a força reativa acusa e projeta. Na má consciência, a força reativa é introjetada, virada para o interior e o acusado “é levado a reconhecer seus danos.”(idem, p.193) Nesse sentido, a força, separada do que pode, tornada ressentimento, interiorizada como má consciência, vira-se contra si e produz dor.

Esta dor, produzida em abundância, ganha profundidade, largura, altura, “abismo sempre mais voraz”(idem,p.194), que inventa um novo sentido para a dor, um sentido interno e íntimo: a dor passa a ser entendida como efeito de um pecado, de uma culpa. Culpabilidade e responsabilidade são os desdobramentos da má consciência. Para além do ressentimento e da má consciência, há ainda o ideal ascético.

Ressentimento, má consciência e ideal ascético, são as imagens do padecimento, imagens do devir reativo das forças, imagens de uma vontade de potência que se configura como vontade de nada, imagens do triunfo das forças reativas. O eterno retorno como repetição do homem, do “homem pequeno, mesquinho, reativo”(DELEUZE, 2001, p.99). O conceito nietzschiano de eterno retorno aqui, aparece como forma de situar a relação do homem com a repetição de suas dores.

No entanto, há um aspecto do eterno retorno, tido por Deleuze (2001, p.103) como “pensamento ético e seletivo,” em que o eterno retorno faz do querer uma criação, “efetua a equação querer = criar.”(DELEUZE, 2001, p.105) Tal equação se efetua a partir de um uso da memória à favor da criação e das forças expansivas, ativas. Uma aliança da memória com a vontade de potência afirmativa. Uma seleção, em que o eterno retorno, produz um devir ativo das forças.

Aqui retomo o início da caminhada, com Spinoza. A vontade de potência, sempre em relação com um campo de forças, é apresentada como poder de ser afetada. Um corpo, como campo de forças em relação, apropriado daquilo que o compõe e o decompõe, é capaz de selecionar a cada encontro, efetuando o devir ativo das forças, a vontade de potência afirmativa.

Este aspecto seletivo do eterno retorno, sua relação com a ética, será melhor desenvolvido mais à frente. Este percurso se iniciou com o primeiro gênero conhecimento, onde conhecemos a partir do efeito dos encontros, onde estamos lançados ao acaso dos encontros. Cheguei até Nietzsche, através da definição de Deleuze (2001) de corpo, apresentada no capítulo “Ativo e Reativo”, para dar conta de conceitos como força reativa, negação, ressentimento, má consciência e ideal ascético.

9. Padecimento cotidiano

Algum tempo se passou. Com isso, muitas conversas e muitas caminhadas e caminhadas com Valdir. Também com a vizinhança. Fomos a praias, praças, feiras, passamos por avenidas e ruas desconhecidas. Comemos pão de queijo, pastel de queijo, queijo minas, queijo prato. Muçarela era seu preferido. Caminhamos descalços muitas vezes pelos gramados da Quinta da Boa vista, do Aterro do Flamengo. Fomos ver o treino do time de futebol profissional do Vasco da Gama. Pegamos muito sol, suamos bastante.

Nesse tempo que se passou, pude dimensionar a dificuldade do seu cotidiano em casa. Acontecia de não conseguir sair com Valdir. Eram freqüentes as brigas e junto com elas, as desmarcações do AT. Dona Amália ligava e pedia para eu não ir. Esses momentos eram tristes para todos. Sentia que toda essa construção através de conversas, caminhadas, passeios, bons encontros, era muito frágil. Muitas vezes Dona Amália não desmarcava, mas quando eu chegava ela expressava sua sensação de que o trabalho com Valdir não estava adiantando, que tinha medo de que mais essa tentativa de tratamento não adiantasse em nada. “Estou cansada disso. Já estou perdendo a esperança!” – desabafou algumas vezes Dona Amália.

De fato, medo e esperança eram afetos que compareciam muito em nossos encontros. Segundo Spinoza (2007, p.243) o medo e a esperança estão próximos. “A esperança é uma alegria instável, surgida da idéia de uma coisa futura ou passada, de cuja

realização temos alguma dúvida.” Ter esperança de alguma coisa, já supõe uma espécie de projeção no futuro – por melhor que seja essa coisa esperada, por alegria que esta coisa possa gerar – uma projeção de alguma incerteza ou dúvida.

O medo “é uma tristeza instável, surgida da idéia de uma coisa futura ou passada, de cuja realização temos alguma dúvida.” (SPINOZA, p.243) O medo é uma espécie de projeção, no futuro de alguma coisa que é motivo de tristeza, no entanto não tenho a certeza de essa coisa irá se realizar. Quando há esta certeza, quando já não há mais dúvida de que a causa de medo ocorrerá no futuro, já não se trata mais de medo, mas de desespero, segundo Spinoza.

O filósofo explica a relação entre os dois afetos, uma vez que “não há esperança sem medo, nem medo sem esperança.”(SPINOZA, 2007, p.243) Ou seja, sempre que se está com medo de alguma coisa, há a esperança, ou seja, ainda resta a dúvida de que o motivo do medo irá se realizar ou não. Esperança e medo são, portanto, desdobramentos da tristeza.

Dona Amália se apegava à esperança de que Valdir pudesse parar de agir de forma agressiva, no entanto, tal expectativa a lançava numa frustração muito grande, toda vez que alguma agressão acontecia. Nessas horas eu propunha investir mais no trabalho de AT, lhe contava sobre as boas experiências que estávamos tendo na rua. Lembrava-a da possibilidade de Valdir ir passar uns dias na residência terapêutica.

Mas não adiantava esse meu esforço. Dona Amália era tomada pelo ressentimento, ficava com muita raiva de Valdir. “Por que você faz isso?” – questionava o filho em minha presença, culpando-o. Valdir não sabia o que responder e apenas levava a mão até a cabeça e chorava. Tal situação era muito difícil de presenciar, pois nessas horas muitas lembranças tristes eram acionadas. Dona Amália sentia-se muito culpada, acreditando ter falhado com o filho, em algum nível.

Nesses momentos, quando o ressentimento e a culpa dominavam a relação entre os dois, Dona Amália solicitava que fôssemos a médicos, especialistas, até em Igrejas, na tentativa de encontrar um modo de fazer com que não acontecessem essas crises agressivas de Valdir. Dona Amália falava novamente em internação, consultas psiquiátricas e Igrejas com a mesma esperança. Ela delegava à ciência e à religião o poder para resolver mágica e imediatamente seus problemas.

A esse respeito, penso que Dona Amália estava alinhada com uma questão que era também a questão que o homem moderno vem enfrentando, desde a morte de Deus. Esse tema é discutido por Almeida e Eirado Silva (2003, p.21), quando “(...) apontam para a dificuldade do homem moderno de lidar com o *non-sense* da existência. O homem atual substitui Deus e religião por outros ídolos, como a ciência, por exemplo, tão cara à modernidade.” (p.21)

Penso que os acontecimentos na vida de Valdir e de Dona Amália, sobretudo as crises agressivas de Valdir, não faziam sentido algum para Dona Amália. Tais acontecimentos eram vividos com muita tristeza e dor – lançavam a vida, sobretudo de Dona Amália, em contato direto com o *non-sense* da existência. Não somente era confuso e dolorido vivenciar uma crise, mas toda a vida, depois desses episódios parecia perder o sentido e o valor.

Nestes momentos, não havia diferença entre ciência e religião, uma vez que afetivamente Dona Amália investia toda sua força negando os acontecimentos. Ela não conseguia admitir que havia um componente relacional que geravam as crises de Valdir. Não significa em momento algum buscar qualquer culpabilidade aqui, uma vez que estou pensando o próprio sujeito como efeito de forças em relação. Mas seria preciso suportar um pouco mais o *non-sense* desses momentos para poder, depois, extrair dali algum sentido.

Mas, fato é que tanto a ciência médica, como a religião, eram formas de lidar com seu sentimento de culpa, investindo numa espécie de outro mundo: um mundo sem a agressividade de Valdir. Um mundo sem suas crises. Um mundo ideal que ajudava a fugir destes sentimentos devastadores de culpa e total fracasso de sentido e valor na realidade.

Nestes momentos, questionava-me a respeito de qual era meu lugar, meu papel em relação ao acompanhamento. “Como poderia ela desejar isso (internação, mais remédios), que foi tão difícil para ela e para Valdir? Se havia a possibilidade da residência? Por que não desejar o novo?” – questionamentos difíceis. “Deveria eu ajudá-la a levar seu filho mais uma vez ao psiquiatra, fazer exames médicos, etc?” – acreditava, por vezes de forma bastante arrogante até, que poderia fazer algo bem melhor para essa família do que ir ao médico.

Era muito difícil o manejo, pois toda culpa e sentimento de fracasso por parte de Dona Amália atingia o trabalho que vinha realizando com Valdir. O efeito em mim era também de peso, frustração e tristeza. Eu percebia o efeito positivo das saídas que realizava com Valdir. Mas eu não conseguia transmitir a sua mãe o quanto elas estavam sendo boas para ele. Dona Amália estava sensível às marcas de dor, e não conseguia ver as pequenas diferenças que se apresentavam com Valdir. Sentia vontade de separar os dois, pois percebia que na rua, experimentando outros encontros, outras relações, Valdir se apresentava de outra forma.

Barreto (2005, p.197) dedica um capítulo a questão do manejo: “Da fundamentação do AT como um campo do experienciar e cuja técnica privilegiada de intervenção é o manejo.”(p.195) O autor esclarece que o manejo

“como a maior parte dos termos utilizados por Winnicott, caracteriza-se por estar muito próximo de uma linguagem cotidiana. Se refere a uma intervenção no *setting* (enquadre) e/ou no cotidiano do sujeito, levando em conta suas necessidades, sua história e a cultura na qual está inserido, a fim de promover seu desenvolvimento psíquico. (...) e por meio dessa técnica que se exercerão as diversas funções ambientais que são fundamentais na constituição do *self* de um sujeito, e é nesse que o manejo consiste na técnica privilegiada do AT. Winnicott afirma que para aqueles sujeitos que ainda não se estabeleceram enquanto unidade, que ainda não alcançaram uma integração do *self*, o manejo é a técnica mais indicada. Trata-se de situações em que a transferência é marcada pela indiferenciação, em que a dimensão de externalidade (não-eu) está por ser estabelecida.”

Com Barreto (2005), pude entender que estes momentos críticos eram, apesar da dificuldade em sustenta-los, muito importantes para o desdobramento futuro do caso. Não cabia a mim apresentar uma “solução melhor” para seus sofrimentos. Não cabia a mim me opor à ciência ou à religião. O peso que sentia dizia a essa postura de oposição ao movimento que eu acabava assumindo. Era difícil sustentar meu lugar e acompanhá-los nesses momentos em que sentia a indiferenciação que viviam, era um problema que eu deveria resolver, separando-os.

Este era o aspecto que precisava ser acolhido, afirmado, como uma parte fundamental na integração do *self* de Valdir. Como esclarece Barreto (2005, p.197), era preciso que eu manejasse essa situação com cuidado, pois “(...) trata-se de situações em que a transferência é marcada pela indiferenciação, em que a dimensão de externalidade (não-eu) está por ser estabelecida.”

Uma vez que a “intervenção no *setting* e/ou enquadre no cotidiano do sujeito”, é uma forma de manejo, poder acompanhá-los nesses momentos era já um grande ganho de território.

Estavam já vivenciando estas momentos há muitos anos de forma solitária, dentro de casa, até o nível de agressividade chegar num ponto insuportável, e a internação parecer a única forma de intervir. Nesse sentido, eu estava participando desta dinâmica, desde o início. O fato de Dona Amália me incluir nesta dinâmica era, portanto, já a intervenção possível neste momento.

Meu lugar, percorrendo essa dolorosa repetição de seus padecimentos, era ao lado deles. Era preciso afirmar esses momentos e estar à espreita das pequenas transformações, os momentos de passagem de outras intensidades, de forças ativas. Seria daí que eu poderia acolher os devires, os desvios de si. Nesse sentido eu não podia me opor à Dona Amália, nem à psiquiatria, medicina ou religião. O manejo inclui a história do sujeito, sua cultura.

Era preciso afirmar, tal qual aprendi com Valdir em nossas caminhadas pela vizinhança, era preciso confiar na caminhada, no processo. Nessas horas era preciso acolher também sua mãe. Em supervisões, pude perceber que era muito importante que não colocasse o AT como mais uma solução mágica para os problemas, ou seja, que não colocasse o AT entre a relação dos dois de forma forçada. Que conseguisse diferenciar-me desta sensação de culpa e fracasso e acompanhasse esses momentos com a mesma disponibilidade. Afirmer e não negar esses momentos.

Dona Amália pedia-me para que eu acompanhasse Valdir e ela ao psiquiatra, mas, no caminho, entramos em contato direto com a rua, com sociedade. Com as possibilidades de experimentação e encontros transformadores. Era possível acompanhá-los de forma amiga, tal como Araújo (2006) propõe pensar uma política da amizade no AT: não fugir aos tensionamentos das relações, incluir uma agonística de forças. No sentido em que as forças em relação, sempre coletivas, a amizade é entendida como fenômeno público, como função de constituição de novas relações sociais. (p.169) Entre um lugar e outro, passando pela cidade, pela rua, muita coisa poderia ser experimentada. E, à medida que caminhávamos juntos, pude perceber como era importante estar junto de Valdir e sua mãe nesses momentos tão difíceis e solitários para ambos. Gingar juntos

seria preciso, encontrar entre a ciência e a Igreja o ponto de abertura para a criação de pequenos territórios onde pudéssemos respirar.

Era preciso apostar nos encontros, nas bordas entre as instituições de saber, nas pontas dos agenciamentos de desejo, no potencial de desterritorialização que a rua apresenta e, com isso, possibilidade de criação de outros territórios.

Nesses deslocamentos, parávamos para um café, um pão de queijo. Dona Amália queixava-se de não conseguir achar solução para Valdir. Compartilhava sua história até aquele momento, as tentativas de tratamentos, internações, seu cansaço. Ouvia com atenção e ficava mais evidente que minha presença já era um ponto muito importante de diferença em relação a tudo que acontecera até então. Era comum, após essas conversas, em salas de espera de consultórios médicos, em lanchonetes, Dona Amália dar-se conta de que estava acompanhada e agradecia por isso.

Por vezes aproveitou o fato de estarmos num centro comercial para comprar algo para sua casa. Eu ficava um tempo sozinho com Valdir e encontrávamo-nos em casa, horas depois. Percebi que esses pequenos momentos eram fundamentais para que se agenciassem outras forças entre a relação mãe-filho. Havia, nesses pequenos desvios, pequenas aberturas, um grande valor: esta relação estava em transformação, desmontando sutilmente algumas duras amarras.

Desmontar as amarras aqui, tal qual aparece em “Kafka, para uma literatura menor”. Deleuze e Guattari (2002, p.82), no capítulo “Imanência e Desejo”, propõem pensar uma desmontagem “através de longa experimentação (...). O primeiro aspecto desta desmontagem consiste em “eliminar *a priori* qualquer ideia de culpabilidade” – ou seja, refiro-me aqui à culpabilidade que movia boa parte dessas saídas.

Houve uma ocasião em que estávamos saindo do oftalmologista – pois Valdir havia quebrado seus óculos numa crise – e Dona Amália lembrou que precisava comprar algo para sua casa. Eu e Valdir ficamos numa lanchonete esperando por ela. Começou então um jogo de futebol na televisão: Brasil e Argentina. Quando chegou, estava culpada achando que havia demorado: “Acabei me esquecendo da hora, desculpem.” – constrangida com sua sacola de compras.

No nível de indiferenciação que a relação dos dois se encontrava, Dona Amália não conseguia sair de casa para resolver nada. A dependência de Valdir aumentava e esse ciclo retroalimentava a sensação de impaciência, raiva, de Dona Amália. Consequentemente as agressões de Valdir compareciam mais. Ao ponto em que Dona Amália dizia que não conseguia ir até a esquina comprar comida para casa, sem que isso não representasse uma tarefa afetiva super complexa. Ela também aproveitava minha presença para poder realizar essas tarefas domésticas.

Parece algo trivial, no entanto, para este momento do AT, onde as forças reativas estavam em cumplicidade com uma vontade de potência negativa, gerando uma culpabilidade exacerbada, poder se afastar um pouco é um grande passo. Mas a cada pequeno afastamento, retornava culpada. “Desculpa meu filho! Como você está?” – nessa ocasião estávamos vendo o jogo e também não havíamos percebido o tempo que levou. Valdir havia também esquecido de sua mãe e estava muito confortável ao meu lado, vendo o jogo. Continuamos ali enquanto ela foi resolver outras questões.

Percebi que esta era uma forma de exercer a arte das sutilezas, da prudência. Havia em cada situação cotidiana, pequenas oportunidades onde alguma diferença entre os dois aparecia de forma suave e prazerosa. Estávamos bem vendo o jogo e sua mãe precisava se afastar para resolver algo. Bastou, nesse caso, agarrar a oportunidade,⁶ conectar-se com esta linha de saúde que abria um espaço entre eles.

Este era o espaço de criação de alguma diferença. Araújo (2006), no capítulo “*Onde e Quando* algo acontece – A abertura intensiva do espaço-tempo”, lembra que o “setting do AT é *aberto*, se dando em qualquer lugar, ao menos qualquer lugar é um potencial clínico para o AT.” (ARAÚJO, 2006, p.54) Não havia lugar privilegiado à intervenção, tampouco não seria por oposição minha, ou mesmo por alguma imposição de uma outra realidade ou possibilidade, que a questão deles se resolveria. Sobretudo, uma vez que penso o potencial estético como um paradigma primeiro para se pensar o AT,

⁶ Guattari (1993) afirma que “pode ser necessário, em tais casos, agarrar as oportunidades, aquiescer, correr o risco de se enganar, de tentar a sorte, de dizer ‘sim, com efeito, essa experiência talvez seja importante’. Fazer funcionar o acontecimento como portador eventual de uma nova constelação de Universos de referência: é o que visio quando falo de uma intervenção pragmática voltada para a construção da subjetividade.”(p.30)

suponho com isso o potencial processual, criativo de cada um dos envolvidos em qualquer situação onde o AT se faça presente.

Este espaço, entre um e outro, tendo a própria cidade como intercessora, possibilitava à experimentação de uma diferença entre os dois que não fosse conquistada pela agressividade. Valdir e sua mãe estavam experimentando, através da sustentação do AT, uma forma de lidar com a culpa, que os prendia numa aprisionante repetição adoecida de suas vidas.

Deleuze e Guattari (2004, p.22), no texto “Como criar para si um Corpo Sem Órgãos”, apresentam a idéia de prudência:

“Com que prudência necessária, a arte das doses, e o perigo, a overdose. Não se faz a coisa com pancadas de martelo, mas com uma lima muito fina. Inventam-se autodestruições que não se confundem com a pulsão de morte. Desfazer o organismo não é mais difícil do que desfazer os outros estratos, significância ou subjetivação. A significância cola na alma assim como o organismo cola no corpo e dela também não é fácil desfazer-se. E quanto ao sujeito, como fazer para nos descolar dos pontos de subjetivação que nos fixam, que nos pregam numa realidade dominante?”

Havia uma relação entre as crises de Valdir, a culpa que sua mãe ficava e um superinvestimento em instituições como: psiquiatria, medicação, médicos especialistas diversos, igreja. Dona Amália encontrava nestas instituições uma espécie de alívio, mas também as forças de conservação mantinham as coisas como estavam. Um ponto importante neste entendimento, é que se trata de práticas reducionistas e individualizantes. No entanto isso já estava acontecendo assim há muitos anos e não seria prudente me opor a isso.

Essa era a arte da prudência que encontrei em nossas caminhadas pela rua. Desmontar essa organização entre as crises de Valdir, sua agressividade, com o ressentimento e culpa de Dona Amália, seu investimento na psiquiatria, igreja, não poderia ser com “pancadas de martelo.” Seria preciso acompanhar os movimentos, estar à espreita, atento às pontas dos agenciamentos de desejo, nas bordas das instituições por onde caminhávamos, para ir construindo uma saída, um território para respirar.

Assim, com prudência, seguimos nossa caminhada, mesmo nesses momentos de padecimento.

10. Um dia de chuva, uma carta, um at

Essa situação se repetiu algumas vezes. Houve uma ocasião em que eu me organizei para acompanhar Valdir ao dentista. Dona Amália disse que iria junto, que aproveitaria a saída para resolver “uma coisa importante.” Já havia um tempo, saíamos apenas para médicos, e eu já estava cansado dessa repetição. No entanto, dessa vez teríamos tempo para andarmos à vontade. Assim fizemos. Depois do atendimento, sua mãe saiu apressada para “resolver alguma coisa.”

Eu e Valdir demos uma longa caminhada, com calma, parando aqui e ali para um descanso e seguíamos. Eu fiquei o máximo de tempo que pude na rua com Valdir. Nesse dia o tempo mudou e, já em sua rua, caiu uma chuva pesada antes que chegássemos. Molhamo-nos bastante. Eu fiquei apreensivo, preocupado com a reação de Dona Amália. “Espero que Valdir não fique resfriado. Espero que sua mãe não ache que foi descuido.” – pensava comigo, afinal havíamos dado um bom passeio.

Quando chegamos em casa, para minha surpresa Dona Amália estava feliz, abriu um sorriso e disse para Valdir: “Meu filho, tomando banho de chuva? Só não vais poder matar aula amanhã!” – a atitude de Valdir também me surpreendeu, ele apenas sorriu de volta, fez seu típico gesto de “deixa isso pra lá”, e foi direto tomar banho. Recebi uma toalha para me secar e uma xícara de café quente.

Eu me reposicionava com meus pensamentos e ouvia Dona Amália, sorridente, contar-me que, num dia⁷, anos atrás, quando Valdir ainda era um menino, ele estava jogando futebol com os amigos na rua quando começou uma chuva. Ele ficou na chuva até acabar a partida de futebol e nos dois dias seguintes não foi para a escola, pois pegou um resfriado. À época, Valdir frequentava uma escola especial, pública muito concorrida. Fato que a deixou muito preocupada e culpada na ocasião, pois havia o risco de expulsão,

⁷ “Num dia” é canção de Arnaldo Antunes, do álbum “Qualquer”(2006), que ajuda a expressar a atmosfera de encanto com que Dona Amália compartilhou sua lembrança. Segue um trecho da letra: “Sujar o pé de areia pra depois lavar na água/ Lavar o pé na água pra depois sujar de areia/ Esperar o vaga-lume piscar outra vez/ Ouvir a onda mais distante por trás da onda mais próxima/ Sujar o pé de areia pra depois lavar na água/ Respirar, Sentir o sabor do que comer/ Caminhar, se chover, tomar chuva/ Não esperar nada acontecer (...)”.

caso acumulasse muitas faltas. Compartilhou esta lembrança e depois refletiu: “Olha Ronie, quando começou a chuva, lembrei desse dia. Mas um banho de chuva até que faz bem, não é verdade? Todos matam aula de vez em quando. E quanto tempo faz isso...” – disse por fim, em tom reticente, sorrindo.

Estava reorganizando sua história com Valdir. Pensamos esta idéia de “refazer sua história” como um processo em que, a partir das experimentações que realizávamos no presente, Dona Amália acessava acontecimentos passados a partir da atual condição afetiva que experimentava. Pimentel (2010, p.109) pressupõe que cada corpo possui uma organicidade, que é sua consistência. E a repetição desta organização envolve hábitos que estão relacionados com vários meios por onde o sujeito circula, como “o meio escolar, familiar, do trabalho, médico.”

No entanto, o corpo, através desses encontros com os meios por onde circula, experimenta o atravessamento do tempo. Uma vez que, através de encontros atuais, no presente, ele é capaz de contrair novos hábitos e também de resignificar o passado. Pimentel (2010, p.109) então esclarece que há uma experiência no tempo, “mas de um tempo mais profundo, pois é condição tanto da passagem quanto das novas contrações que darão origem aos novos e variados organismos”

Penso que Dona Amália estava conseguindo experimentar, através dessas de pequenos desvios em nossas saídas para médicos, algum bom encontro, alguma alegria, alguma força capaz de conjurar seu ressentimento e culpa. As situações presentes estavam preenchendo sua existência de forma que ela pudesse ver alguma diferença na forma como se relacionava consigo e com Valdir. Essa diferença se insinuou como uma saúde possível. Saúde aqui não como uma saúde ideal, estado invariável, mas uma saúde como criação de uma outra forma de se relacionar com seu passado, apontando para uma outra forma de se relacionar com Valdir.

A partir deste momento em que conseguiu ver saúde num banho de chuva, desviando de uma culpa que carregava anos a fio, Dona Amália estava reencontrando um encantamento, uma alegria na sua relação com o filho. Penso que este fato foi possível a partir do espaço de diferença que a constância do AT estava possibilitando. Cabe dizer que esta diferença é qualitativa, afetiva, construção de outras sensibilidades, entendimentos. Uma outra lógica de cuidado e atenção.

A respeito dessa outra lógica de cuidado, encontro na lógica ecosófica proposta por Guattari (2001), a possibilidade de pensar a potência destes “acidentes”, como operadores de saúde. Uma lógica que se “aparenta à do artista que pode ser levado a remanejar sua obra a partir da intrusão de um detalhe acidental, de um acontecimento-incidente que repentinamente faz bifurcar seu projeto inicial, para fazê-lo derivar longe das perspectivas anteriores mais seguras.” (GUATTARI, 2001, p.36)

Hoje calculo que Valdir estava há quase trinta anos sem tomar um banho de chuva⁸ com esta qualidade afetiva.

No mesmo instante, ampliei também o entendimento a respeito do lugar do AT junto a essa família. Enquanto terminávamos aquela xícara, percebi que muitos cafés foram tomados ao longo desse primeiro ano. Eu havia levado algumas marcas de café de que gostava, quando retornava de algumas caminhadas que fazia com Valdir. Fui apresentado a algumas receitas de Dona Amália. Comi bolinhos de bacalhau feitos em casa. Compartilhamos marcas diversas de azeite, vinhos.

Percebi também que, enquanto íamos ao Dr. Charles, havia muita coisa acontecendo para além da consulta psiquiátrica de rotina. Dona Amália aproveitava também o AT e reconectava, aos poucos, com sua vida fora de casa. Uma vez entramos juntos numa loja e compramos um pirex grande, oval. “Hoje não se pode ter coisas de prata, como na casa d’minha mãe, mas dá para fazermos aqui uma boa saláda d’bacalhau.” – explicou-me sorrindo.

Meu questionamento “O que eu estava fazendo?” – a respeito dos momentos mais pesados, estava agora se esclarecendo com esta chuva acidental que pegamos. Foram vários acontecimentos, pequenos desvios, a partir do qual se abria um espaço para a diferença operar. Pude perceber a potência de transformação das pequenas doses de café, azeite, temperos, pequenos desvios. O efeito em Dona Amália, tal qual este dia de chuva, era conseguir compartilhar cada vez mais sua história com Valdir. Cada encontro,

⁸ “Chuva no mar” é uma canção presente no álbum “Canto”(2014), da jovem cantora portuguesa, a fadista Carminho. Esta canção é interpretada com a cantora brasileira Marisa Monte. A letra é de Arnaldo Antunes e a música de Marisa Monte. Segue um trecho da canção: “Coisas transformam-se em mim/É como chuva no mar/Ondas a me atravessar/Um corpo sopra no ar(...)/E o que ninguém escutar/Te invade sem parar/Te transforma sem ninguém notar/Frases, vozes, cores/ Ondas, frequências, sinais/O mundo é grande demais/Coisas transformam-se em mim/Por todo o mundo é assim/ Isso nunca vai ter fim.”

por mais sutil e imperceptível que fosse, atuava de forma não discursiva, ativando uma potência criativa da subjetividade, através de um agenciamento de desejo estético.

A esse respeito, Guattari (1993, p.117) esclarece que tal agenciamento opera “por contaminação afetiva. Eles se põem a existir em você, apesar de você”, como devires, focos de diferenciação. “Não os conhecemos através de representações. (...) mas a partir de tomadas de consciência ontológicas, transitivas, transversalistas e páticas.”(GUATTARI, 1993, p.117) A partir dessas experimentações pela relação com a cidade, um território novo estava sendo construído, apesar de cada um de nós envolvidos. Um processo sutil de desmontagem de uma relação tomada pela indiferenciação, agressividade e culpa.

Penso que sustentar essa relação de indiferenciação entre Valdir e sua mãe foi necessário para que se construísse, ao seu tempo, uma diferenciação entre os dois, acompanhando seus ritmos existenciais. Estar junto, aproveitar as oportunidades onde eles se afastavam, ir apenas apresentando outros afetos a essa relação. Guattari (1993, p.118) afirma que “(...) o afeto não é questão de representação de discursividade, mas de existência. (...)”

Quando compreendi esta dinâmica, nosso convívio passou a ser um exercício de prudência e espreita. Estar ao lado nos momentos em que a desesperança ocupava suas existências, quando a agressividade comparecia, e culpabilidade acionava intervenções que apontavam para um ideal ascético, quando parecia não haver ar, esse era o momento em que a prudência apontava para as intervenções mais sutis.

Por vezes, só o fato de estar presente, abrir um espaço para a troca, onde sua mãe pudesse compartilhar suas dores, sua culpa, passou a operar grandes diferenças. Algo como Pelbart (1993) descreve, utilizando-se do filme *Asas do Desejo*, de Win Wenders. No capítulo o “Tempo dos Anjos”, Pelbart apresenta a relação entre a vida dos anjos e dos humanos. A sutileza com que, por vezes, um anjo (invisível aos olhos humanos) toca um humano no ombro quando percebe que a desesperança invadiu sua alma. O humano, sem entender o que houve, experimenta uma mudança em seu curso de pensamento, seu corpo retoma um vigor inesperado e ocorre-lhe como que um pequeno renascimento. (PELBART, 1993, p.19)

Foi dessa maneira que atravessamos esses momentos pesados de ressentimento e culpa. Pequenos gestos, pequenos toques, uma construção a partir de bons encontros com a cidade, até o dia em que uma chuva, um acontecimento acidental, revelou uma diferença significativa. Guattari (1993, p.118), a respeito desta dinâmica, que opera por contaminação afetiva, se dá como uma “composição estética” a partir de encontros, conclui: “Ultrapassei um limiar de consistência, não sou mais eu mesmo como antes, fui arrebatado em um devir outro, levado para além de meus Territórios existenciais familiares.”– foi como senti a forma de Dona Amália lidar com esse acontecimento. Expressou o efeito de uma composição que vínhamos fazendo ao longo do tempo.

Essa construção de outra relação, a partir uma outra lógica de cuidado, que passava por “novos sistemas de valorização , um novo gosto pela vida, uma nova suavidade (...)”(idem, p.116), era de fato frágil e precisava de bastante constância e repetição para ganhar consistência. Nesse ponto, concordo com Guattari (1993, p119) quando lembra que “nada está pronto. Tudo deve ser sempre retomado do zero, do ponto de emergência caósmica. Potência do eterno retorno do estado nascente.”

Este foi o grande recurso para conseguir superar o cansaço que me abatia nos momentos em que parecia que caminhávamos para trás. Entendi que mesmo nesses momentos de repetição, havia sempre a possibilidade de viver a diferença. Mesmo sendo necessário circular por espaços rotineiros, viver essa repetição, havia a possibilidade “circular por espaços desconhecidos, criar espaços inexistentes, atravessar espaços assustadores, transformar espaços.” (ARAÚJO, 2006, p. 106). Para isso era preciso estar atento aos afetos em cena, e não aos fatos.

No dia da chuva, depois de nosso café, Dona Amália contou-me que havia escrito uma carta para sua irmã que morava em Portugal. E aproveitou a saída ao dentista para ir postar essa carta. Estava feliz de ter conseguido mandar essa carta e esta era a “coisa importante” que precisava resolver. E era mesmo importante.

Entendi que, como at, eu era apenas *um* no processo de Valdir e sua mãe. Um que permitia que houvesse uma diferença entre eles. No texto “Como criar para si um Corpo sem Órgãos”, Deleuze e Guattari (2004, p.28), propõem “um” como artigo indefinido, vetor do desejo: “‘Um’ ventre, ‘um’ olho, ‘uma’ boca: Ao artigo indefinido

nada falta, ele não é indeterminado ou indiferenciado, mas exprime a pura determinação de intensidade, a diferença intensiva. O artigo indefinido é o condutor do desejo.”

Através da presença do AT, através de um sutil manejo, tal como a arte da prudência, estávamos avançando em nossa caminhada. Estávamos desmontando uma culpabilidade que os isolava e retroalimentava essa organização tão rigidamente conservada, ao longo dos anos. O AT estava operando como *um* lugar de diferenciação entre Valdir e sua mãe, aproveitando linhas de fuga que operavam sutis desterritorializações, permitindo a um e outro entrarem em contato com o mundo, experimentar bons encontros, ultrapassar seus limiares e ir além de seus territórios existenciais.

11. O cair da chuva e a transformação

Cabe aqui um esclarecimento, uma virada. Uma vez que já apresentei algumas imagens do padecimento, de uma doença. Como vimos anteriormente, doença como aquilo que “separa-me daquilo que posso: força reativa, torna-me reativo, diminui minhas possibilidades e condena-me a um meio minorado em relação ao qual não tenho outro remédio senão adaptar-me. (DELEUZE, 2001, p.100)”. Nesse sentido, a vontade de potência qualificada como vontade de negação, depreciação da vida, encontra no tempo, no pensamento do eterno retorno, sempre os motivos de padecimento, ressentimento, culpa, criação de uma realidade que faz da vida uma fuga para ideal ascético. Esse é o devir reativo das forças e da vontade de potência.

Mas há também o devir ativo das forças, da vontade de potência afirmativa, como criação de saúde. Isso envolve outra relação com o tempo, com o eterno retorno. Trata-se do “segundo aspecto do eterno retorno: como pensamento ético e seletivo” (DELEUZE, 2001, p.103).

É preciso acompanhar o devir ativo das forças. E, como já vimos, um corpo é forças em relação. Tudo é força em relação, encontro de forças. No entanto, como pensar essa relação? Trata-se de “um querer interno que designarei por vontade de poder.” (DELEUZE, 2001, p.76) – é assim que Deleuze define o princípio desta relação entre as forças. Estas forças em relação se diferenciam pela própria vontade de potência como este

querer; este querer, que é a vontade de potência é o elemento de articulação, elemento diferencial das forças:

“É assim a vontade de potência: o elemento genealógico da força, simultaneamente diferencial e genético. A vontade de poder é o elemento de onde dimanam simultaneamente a diferença de quantidade das forças postas em relação e a qualidade que, nessa relação, marca cada força.”(DELEUZE, 2001, p. 77)

Deleuze (2001), questiona-se a respeito da natureza da vontade de poder. Conclui que sua natureza é a operação de síntese das forças. Natureza ontológica é o princípio da síntese das forças. Expõe, neste momento, o eterno retorno como o plano por onde as forças tornam a passar pelas mesmas diferenças ou onde que o diverso se reproduz. Ou seja, há uma relação que sustenta pela diferença, tendo como elemento diferencial de sustentação desta relação, a vontade de potência. Isso se dá no tempo, no eterno retorno.

O eterno retorno é a dimensão temporal onde as forças se relacionam. Deleuze esclarece que é preciso entender o que está se chamando de princípio, uma que vez Nietzsche censura a idéia de origem, como transcendência. Trata-se de um princípio plástico, que não é maior do que aquilo que condiciona, que se metamorfoseia com o condicionado. A vontade de potência nunca é separável das forças que ela diferencia, não é anterior a elas. Ela não se separa, no entanto, não significa dizer que ela é idêntica. Ou seja, as forças seriam indeterminadas se não houvesse à própria força, um elemento capaz de determinar sob um duplo ponto de vista: gênese de quantidade de forças (forças dominantes e dominadas) e gênese da qualidade das forças (ativa e reativa).

E, questiona-se Deleuze (2001), mais uma vez: como essa síntese, esse elemento genético, encontra o eterno retorno? Nietzsche faz da síntese uma síntese de forças, compreendeu a síntese de forças como o eterno retorno. Assim a diferença se reproduz, onde que a vontade de potência é o princípio diferencial, quantitativo e qualitativo, das forças: “O que reina é a qualidade totalmente momentânea da vontade de potência”(DELEUZE, 2001, p.82), que pode ser afirmativa/apreciativa, ou negativa/depreciativa.

E, retomando um pouco mais,

“a vontade de potência como princípio não suprime o acaso, mas, pelo contrário, implica-o, porque sem ele não teria nem plasticidade, nem

metamorfose. O acaso é o pôr em relação das forças; a vontade de potência o princípio determinante desta relação.”(DELEUZE, 2001, p.81)

Nesse sentido, ao acaso dos encontros das forças, a vontade de potência, como afirmativa ou negativa, opera a genealogia, valora as forças em relação. Aqui valorar, interpretar e criar são sinônimos. É a vontade de potência e através dela que as forças se relacionam e se diferenciam: quantidade (dominantes e dominadas) e qualidade (ativas e reativas).

E, afirma Deleuze (2001, p.83): “É a afirmação que nos faz entrar no mundo glorioso de Dionísio, o ser do Devir; é a negação que nos precipita no fundo inquietante de onde provém as forças reativas.” Ou seja, os valores estão sempre implicados com sua origem, com sua genealogia.

Todo valor está implicado de forma imanente com as forças de onde se abstrai o valor, “a vontade de potência como elemento genealógico é aquilo de que derivam a significação do sentido e o valor dos valores.” (DELEUZE, 2001, p.83) E daqui se retiram as denominações de nobreza, forte, senhor: são aqueles que querem a força ativa, a vontade de potência afirmativa. Ou seja, forte/nobre/senhor é aquele que valora a partir de si, aquilo que é bom, aquilo que aumenta sua potência de agir a cada encontro. Mau, nunca onde o forte se situa. Mau como valor segundo, como aquilo que é diferente de si.

Nesse sentido, acrescenta Deleuze (2001), não é possível à Nietzsche falar dos valores em, gerais, universais. Em todo valor, todo sentido, toda avaliação, em sua origem há sempre forças diferentes em relação, há sempre agonística, batalha, “polêmica e agressividade.” (DELEUZE, 2001, p.84) Valorar as coisas distante de suas origens é supor que há algo de geral, universal, é retirar o valor de sua implicação histórica, de sua genealogia. É a transcendência.

Essa é a tarefa cotidiana, mesquinha do “ressentimento, guardião da ordem estabelecida, cão de guarda dos valores em curso; genealogia, tomada em mãos pelos escravos: o esquecimento das qualidades, o esquecimento das origens.”(DELEUZE, 2001, p.85)

Cabe esclarecer, portanto, que mesmo a vontade de potência, não se diz afirmativa ou negativa, apenas por uma escolha livre deste embate. A vontade de

potência, para avançar em seu devir afirmativo, precisa dar conta de como lidar com as forças reativas e com negação. Uma vez que a própria vontade de potência *manifesta-se* também a partir de uma genealogia.

Deleuze (2001, p.94) utiliza o verbo “manifestar-se” buscando um esclarecimento a respeito da vontade de potência e esclarece o que quer com isso:

“A relação das forças é determinada em cada caso da mesma maneira que uma força é afetada por outras, inferiores ou superiores. Resulta daí que a vontade de potência se manifesta como um poder de ser afetado. Este poder não é uma possibilidade abstrata: é necessariamente preenchido e efetuado a cada instante por outras forças com as quais está em relação.”

A vontade de potência possui também um duplo aspecto: determina a relação das forças entre elas, bem como é determinada pelas forças em relação. Ela determina e é determinada; ela qualifica e é qualificada. Deleuze (2001) aproxima de forma bem clara o pensamento nietzschiano e spinozista. Segundo o filósofo, um corpo, como forças em relação, tem tanto mais força quanto mais puder ser afetado de diferentes maneiras.

Nesse sentido, este poder, esta força, não se efetua como possibilidade lógica, como abstração, é sempre relação: “em cada instante efetuado pelos corpos com os quais está em relação.”(DELEUZE, 2001, p.95) A esse corpo, a cada instante, nada falta, uma vez que este corpo não finaliza, não se conclui, é pura variação, processo complexo que se diferencia a cada instante, a partir dos encontros que lhe compõe e decompõe.

E, afirma Deleuze (2001, p.95), que

“o poder de ser afetado não significa necessariamente passividade, mas afetividade sensibilidade, sensação. (...) É por isso que Nietzsche não para de dizer que a vontade de potência é a ‘forma afetiva primitiva’, aquela de onde derivam todos os outros sentimentos. Ou melhor ainda: ‘a vontade de potência não é um ser nem um devir, é um *pathos*.’”

É o *pathos*, portanto, assim conclui Deleuze (2001, p.97), o fato mais elementar de que resulta um devir. Estou, portanto, acompanhando devir ativo das forças em cumplicidade com a vontade de potência afirmativa. Pensando a própria vontade de potência em relação com forças que também a qualifica e determina. A vontade de potência como poder de ser afetado, como *pathos*, como sensibilidade, como forma afetiva primitiva.

Neste ponto, em seu devir ativo, a vontade de potência só pode continuar em seu processo afirmativo, operando também uma seleção. Seleção que é, também por princípio, dupla: selecionar a atividade da força e a afirmatividade da vontade. Seleção que evidencia o ponto de conexão da vontade de potência com o eterno retorno. O eterno retorno supera a mágoa, o ressentimento, por seleção. Que exige do homem outra sensibilidade, uma seleção que opera como um “grande desdém dos homens e da grande mágoa.”(DELEUZE, 2001, p.98) Obviamente que está se falando do desdém ao fraco, à sua atitude depreciativa.

Deleuze (2001, p.104) se questiona: “em que sentido o eterno retorno é seletivo?” – e responde da seguinte maneira: 1) como pensamento ético seletivo: “o que quiseres, queira-o de tal maneira que também queiras o eterno retorno.” Ou seja, o pensamento do eterno retorno seleciona, elimina tudo aquilo que cai fora do eterno retorno, faz do querer uma criação, efetua a equação “querer = criar.”(DELEUZE, 2001, p.105) Seleciona aquilo que quer que retorne. E como operar essa seleção? Este é o segundo passo, que o filósofo esclarece tratar-se das “partes mais obscuras da filosofia de Nietzsche.”(DELEUZE, 2001, p.105).

O segundo passo, esclarece o momento em que Nietzsche faz do eterno retorno a forma exagerada do niilismo. Opera uma aliança entre a vontade de nada com as forças ativas. Para esclarecer, cabe recapitular que a vontade de nada é, em seu devir, a negação da força ativa, torce a força ativa contra si, produzindo culpabilidade e o ideal ascético (depreciação deste mundo, fé num outro mundo), princípio de conservação da vida fraca.

Reformulando, primeira seleção operada pelo eterno retorno é: o que quiseres, queira-o de tal maneira que também queiras o eterno retorno, efetue a equação “querer = criar”, selecione aquilo que quer que retorne; a segunda seleção, aponta para o “como” operar esta seleção: aliar a vontade de nada às forças ativas, ou seja, negar as forças reativas. Parece contraditório, mas é “(...) o que se diz do eterno retorno, que ele é a forma exagerada do niilismo”(DELEUZE, 2001, p.105)

Fazer da negação uma vontade de destruição, aqui entendida, como destruição da vida fraca. Uma espécie de seleção instintiva da força destrutiva, fazer dela uma “destruição ativa.” (DELEUZE, 2001, p.106)

Esse é o devir ativo das forças e seu encontro no eterno retorno, como negação ativa, transformando inclusive as forças reativas em ativas. Fazendo da negação um uso afirmativo na vontade de potência; operação possível no eterno retorno: “eterna alegria do devir, essa alegria que traz ainda em si a alegria do aniquilamento; afirmação do aniquilamento e da destruição, o que de decisivo existe numa filosofia dionisíaca.”(p.107)

O eterno retorno produz o devir ativo: afirmação da própria negação, transformação da vontade de nada em vontade afirmativa. O “eterno retorno é o ser do devir”(p.108), acrescentando que só o devir ativo tem um ser. Ou seja, o que retorna a cada instante é a diferença. A cada instante, num exercício de seleção, querer, a cada encontro, a força ativa que coloca a vida em expansão. Fazer da afirmação, afirmação inclusive da negação, como força seletiva e, a cada encontro selecionar a diferença, o novo.

Retomo com Rauter (1998, p.89), em sua “Clínica do Esquecimento”, a pertinência deste percurso pela filosofia para clínica. A autora pensa o eterno retorno também pelo seu aspecto ético, seletivo, como afirmação da vida:

“O eterno retorno aparece aqui em seu sentido ético, resultado da afirmação da vida em seu mais alto grau. Fazer do eterno retorno uma categoria do futuro: tal é o projeto da filosofia da diferença. (...) A concepção nietzschiana de eterno retorno consiste em pensar não o retorno do que já foi, mas em afirmar a criação e o futuro. Com a superação do ressentimento contra o tempo, não posso, é claro, alterar o curso dos acontecimentos, mas posso afirmá-los enquanto resultado do acaso.”

No primeiro gênero, conhece-se pelo efeito da mistura de um corpo com outro. Ou então a partir do traço de um outro corpo sobre o meu, o que Deleuze (1978, p.7) define como “idéia de afecção.” Nesse sentido, conhecer pelo primeiro gênero de conhecimento, é estar sujeito ao acaso dos encontros.

Porém, através desta caminhada por Nietzsche, tomar o eterno retorno em seu sentido ético, envolve uma relação outra com o tempo. Está se pensando o eterno retorno como categoria do futuro, como criação de futuro a partir dos bons encontros. é preciso avançar com Spinoza em sua ética como caminho do conhecimento, uma vez que será preciso selecionar o que convém, ou seja, não se está mais ao acaso dos encontros. Como sair do primeiro gênero, das idéias-afecções?

Vou acompanhar mais pouco Deleuze (1978) em sua aula “Ideia e Afeto”, sobre Spinoza. No caminho do conhecimento, tudo começa com a questão: de que um corpo é capaz? Uma vez que um corpo se define pelo conjunto das relações que o compõe, ou pelo seu poder de ser afetado, é preciso que se saiba qual é o poder de ser afetado de um corpo para conquistar a vida sábia, para estar “de posse da sabedoria.”(DELEUZE, 1978, p.9) E essa conquista se dá pelo recolhimento dos efeitos dos próprios encontros.

A cada encontro avaliar os efeitos: experimento alegria, bom encontro, quando um corpo compõe sua relação com a minha, meu poder de ser afetado é preenchido de alegria e minha potência de agir aumenta; experimento tristeza, mau encontro, quando um corpo decompõe sua relação com a minha, meu poder de ser afetado é preenchido de tristeza e minha potência de agir diminui.

Efeitos, portanto, de alegria ou de tristeza, como aumento ou diminuição da potência de agir.

Um ponto importante, é que mesmo em relação aos bons encontros, nada pode ser tomado como bom em si. Mesmo um encontro que experimentamos como bom, se excede seu poder de ser afetado, é mau, decompõe. A questão é entender que o poder de ser afetado é realmente uma intensidade, um limiar de intensidade e que a essência de um corpo é uma quantidade intensiva.

É preciso se apropriar dos limiares de intensidades, para não se arriscar aos maus encontros. Deleuze (1978, p.14) esclarece a respeito do excesso, da desmedida, e adverte “(...) quanto às overdoses. É precisamente o fenômeno do poder de ser afetado que é excedido com uma destruição total.”

Este percurso o leva a apresentar uma definição do que é potência de agir. Uma vez que sair do primeiro gênero de conhecimento supõe estar de posse de “auto-afecções ou afetos ativos”(DELEUZE, 1978, p.14), supõe que não se esteja mais submetido ao acaso dos encontros. Ou seja, supõe que se esteja de posse da potência de agir. Estar de posse de nossa potência não significa, jamais, se perguntar o que se deve fazer. Não confundir a questão da potência (ética) com questão de dever (moral). Estar de posse de sua potência supõe avaliar a cada situação, o que se pode. Nunca será uma questão geral: “é isso o que eu posso!”, independente da situação.

Cabe um comentário de Deleuze a respeito desta dimensão do pensamento ético de Spinoza: “(...) a ética é um problema de potência, não é jamais um problema de dever.(...) Assim, ele produz uma ética e de modo algum uma moral. É por isso que ele marcou Nietzsche com tanta força.” (DELEUZE, 1978, p.15) Sua ética compõe, segundo o próprio Nietzsche, com a questão da crítica aos valores universais, como dito anteriormente.

Martins (2009, p.X), no texto “Spinoza e Nietzsche: aproximações”, enfatiza esta influência do pensamento de Spinoza em Nietzsche. Cita uma célebre carta de Nietzsche enviada a Franz Overbeck, em 30 de julho de 1881, em que o filósofo diz encontrar em Spinoza seu único precursor, e que “(...)a partir de então sua solidão passava a ser uma ‘dualidade’. Neste pequeno texto, Nietzsche afirma que sua filosofia e a de Spinoza têm a mesma tendência geral: ‘fazer do conhecimento o mais potente dos afetos.’”

Portanto, para um corpo estar de posse de sua potência, envolve estar apropriado, envolve conhecer seus limites de intensidade em cada situação. Em cada encontro, uma avaliação ética: quando minha potência de agir aumenta, isso quer dizer que eu estou relativamente menos separado dela. É aí que está o salto para o segundo gênero de conhecimento. Neste momento, em que minha potência de agir é aumentada, estou mais de posse dela, momento em que Deleuze (2001, p.15) apresenta como passagem das idéias-afecções para as “idéias-noção”:

“Eu diria que a definição nominal de noção é: uma idéia que, ao invés de representar o efeito de um corpo sobre outro, ou seja, a mistura de dois corpos, representa a conveniência ou a inconveniência interna das relações características de dois corpos.”

Deleuze (1978) esclarece que Spinoza não emprega somente o termo noção para qualificar esse segundo tipo de idéia, mas emprega o termo noção comum. O segundo gênero de conhecimento será definido como “idéia-noção”, que é o conhecimento das causas, a saber, o conhecimento do que é causa de composição na mistura dos corpos. Ou seja, conhecimento da natureza da *relação* entre os corpos considerados e da natureza de cada corpo (seus limites de intensidade) Uma idéia-noção é uma idéia adequada porque é um conhecimento das causas. (DELEUZE, 1978, p.16)

Esclareço aqui um ponto importante na *Ética de Spinoza* (2007). Considero importante esclarecer como o filósofo define causa adequada, causa inadequada, idéia adequada e idéia inadequada. E, ainda, o que é “agir” e o que é “padecer”.

A respeito das causas adequadas, Spinoza (2007, p.163) define: “chamo de causa adequada aquela cujo efeito pode ser percebido clara e distintamente por ela mesma.” E, à respeito das causas inadequadas, é “(...) aquela cujo efeito não pode ser compreendido por ela só.”

Em relação a “agir”, ser ativo, define: “agimos quando, em nós ou fora de nós, sucede algo de que somos a causa adequada, isto é, quando de nossa natureza se segue, em nós ou fora de nós, algo que pode ser compreendido clara e distintamente por ela só.” E, ao contrário, que padecer, ser passivo, define: “é quando, em nós, sucede algo, ou quando de nossa natureza se segue algo de que não somos causa senão parcial.”(SPINOZA, 2007, p.163)

Estas definições são importantes, uma vez que apresentam a sutileza e a potência do pensamento de Spinoza. Somente se é ativo quando se é causa adequada desta ação, tanto no corpo como na mente, simultaneamente. Não há anterioridade nem dominância entre corpo e mente. Todo encontro efetua um acontecimento tanto na mente (sob o atributo do pensamento) como no corpo (sob o atributo da extensão). Um acontecimento é simultâneo à mente e ao corpo.

E apresenta uma definição de afeto: “Por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as idéias dessas afecções.” (SPINOZA, 2007, p.163) Um afeto, portanto, é afecção no corpo e idéia-afecção na mente.

Retomando, estamos avançando em relação ao primeiro gênero do conhecimento, onde se está submetido ao acaso dos encontros, onde a mente é passiva, só conhece aquilo que é causa de alegria ou de tristeza pelos efeitos dos encontros.

Spinoza (2007) esclarece que toda “paixão”, passividade, idéia-afecção da mente, é uma idéia inadequada e “(...) envolve alguma negação, ou seja, enquanto ela é considerada como uma parte da natureza, a qual, por si só, sem as outras partes, não

pode ser percebida clara e distintamente.” Ou seja, uma idéia-afecção é inadequada, pois é parcial, a mente não está de posse da totalidade das causas daquilo que a afeta.

Aqui penso ser possível esclarecer melhor o conceito de idéia-noção, ou conhecimento das causas. Na proposição 1, da terceira parte de sua *Ética*, afirma que a mente age quando tem idéias adequadas. Ou seja, tal como no corpo, a potência da mente de agir é ter uma idéia adequada (aquela cujo efeito pode ser percebido clara e distintamente por ela mesma). O que a mente pode, portanto, como ação? É conhecer os afetos.

Spinoza (2007, p.231) afirma que “basta-nos compreender as propriedades comuns dos afetos e da mente para que possamos determinar qual e quão grande é a potência da mente na regulação e no refreio dos afetos”. Ou seja, o conhecimento das propriedades comuns entre os afetos e mente, é o caminho para se dimensionar qual e quão grande é a potência da mente. começando pelos afetos básicos: alegria e tristeza. É saber o que é causa de alegria e de tristeza em meu corpo. A potência da mente é compreender o que compõe e o que decompõe com o corpo.

Propriedades comuns, idéias-noções na proposta de Deleuze (1978), se compreende a partir da alegria. Quando se é afetado de alegria, há aumento da potência de agir, ou seja, o corpo está mais apropriado de sua potência. Quando se é afetado de tristeza, há diminuição da potência de agir, ou seja, o corpo está mais afastado de sua potência. E nada na tristeza forma noção comum.

O corpo que é afetado de tristeza na medida em que ele está numa relação com outro corpo que não convém com o seu. Deleuze (1978, p.17) pensa que Spinoza quer dizer algo muito simples: “(...) nada na tristeza pode induzi-los a formar a noção comum, isto é, a idéia de algo em comum entre os dois corpos e as duas almas.” Formar noção comum é possível a partir de bons encontros, alegria, uma vez que a alegria é o efeito de que algo convém a um e a outro corpo. Alegria como referência de noção comum, pois é o signo de que uma relação compõe, convém:

“É como se os afetos de alegria fossem um trampolim, eles fazem vocês passarem através de alguma coisa pela qual jamais poderiam passar se só existissem tristezas. Eles nos solicitam a formar a idéia do que é comum ao corpo que afeta e ao corpo que é afetado.” (DELEUZE, 1978, p.18)

A alegria, portanto é a referência de composição, de noção comum, cabendo à mente, em seu exercício de atividade, apropriar-se do que é comum, ou seja, do que convém e é motivo de alegria e aumento da potência de agir. Deleuze (1978) afirma que essa é a racionalidade e sabedoria de Spinoza, que se trata de questão de devir.

É questão para a razão acompanhar, a cada encontro, o que é causa de alegria, apropriar-se do que é causa de alegria e, a partir daí “(...) saber fazer os encontros que lhe convém” (DELEUZE, 1978, p.18), respeitando seu limiar intensivo, seu poder de ser afetado, respeitando as afetos de que se é capaz. Segundo Deleuze, uma experiência bela, conhecer os limites do seu poder de ser afetado e viver nesse limiar, entre o limite alegre e o limite triste. O feio é aquilo que excede esses limites.

A respeito da beleza, cabe aqui mais uma aproximação entre Nietzsche e Spinoza, realizada por Martins (2009), no sentido em que é pertinente esclarecer que o conceito de beleza – na perspectiva em que busco construir o pensamento clínico a partir de um paradigma estético – se aproxima do conceito de saúde.

Martins (2009) comenta o aforismo 550 de *Aurora*, de Nietzsche, intitulado “Conhecimento e beleza”, enfatizando que é preciso afirmar a realidade nos termos de Spinoza, tomando-a como sinônimo de perfeição, além de bem e mal, e amar tragicamente a vida, o real e a existência. A beleza está no conhecimento e na afirmação da realidade nos termos de Spinoza, ou seja, do ponto de vista onde tudo compõe.

Este ponto de vista, onde tudo compõe, Deleuze (1978) apresenta por último e muito rapidamente em sua aula. Trata-se do terceiro gênero do conhecimento, onde se conhece para além das noções comuns. Conhece-se pelas essências singulares. Experiência da mente em sua potência máxima, que Spinoza irá definir como liberdade e beatitude.

Segundo Martins (2009), as filosofias de Nietzsche e Spinoza apresentam uma relação com o conhecimento que expressa e são, elas próprias, um afeto de viver. Esse afeto é capaz de transformar a existência a partir dela própria, como um combate à transcendência e qualquer construção imaginária criada com a finalidade de defender o homem das dores da vida. (MARTINS, 2009, p.XIII)

Tal como vimos, desde o início dessa caminhada com Deleuze (2001), a partir do devir ativo das forças, a aliança com a vontade de potência afirmativa, o eterno retorno em seu aspecto ético e seletivo, a transformação do ressentimento, culpa e depreciações da vida, em força de viver. Uma relação com o tempo, no eterno retorno, como criação de futuro, a partir da seleção do que convém, do que compõe. Seleção operada por um *pathos*, uma sensibilidade, forma afetiva primitiva da vontade de potência que seleciona na vida, a alegria.

12. Crise-crítica-clínica: caosmose e Corpo Sem Órgãos

...caminhando em direção ao metrô, percebi que meu celular tocava. Era Dona Amália: “Onde estás?” – não tive tempo de responder, pois ligação caiu em seguida. Eu estava a caminho de sua casa. O metrô seguiu seu rumo, cruzando a cidade por debaixo da terra. Ela ligou de novo, o sinal não era bom, mas compreendi: “Ah, se já estás vindo, tudo bem. Mas talvez não queiras vir, pois a situação está muito difícil. Não sei se é seguro. E acho que não vais conseguir sair com Valdir hoje!” – Estava abalada, pois havia passado a noite em claro com Valdir. “A casa está uma bagunça.” – dizia, como que me preparando para o pior.

Explicou rapidamente que ela e Valdir brigaram e que ela estava muito mal com isso. Estava insegura de me receber nessas condições. Conversamos picotadamente pelo telefone, o suficiente para conseguirmos avançar juntos. Eu fiquei apreensivo com o que iria encontrar. O caminho pareceu mais longo. Lembrei de nosso último encontro, do banho de chuva, da transformação que experimentamos juntos. Valdir alegre com a chuva, sua mãe alegre. Uma outra atitude, uma experiência de criação de novos valores, operando no passado e no futuro. Eterno retorno seletivo.

Tudo isso vinha em minha mente durante esse percurso. “O que estava houve? Tudo parecia estar caminhando no sentido...” – percebi que eu havia ficado cheio de expectativas a respeito de nosso último bom encontro. Sim, havia ali uma experimentação da alegria, mas não havia nisso garantias. Sim, não poderia imprimir uma forma, era

preciso acompanhar, estar disponível para acompanhar, inclusive esses desvios intempestivos. “Tudo parecia estar caminhando no sentido” de minhas expectativas, mas era preciso retomar o “caminhando”, tal como Lygia propõe. Sem telos. E manter o processo. E assim cheguei.

Dona Amália me recebeu já desculpando-se: “Dr. Ronie, desculpe-me! A casa está uma bagunça. E vou logo avisando que ele não tem jeito não!” – Dona Amália estava muito constrangida e fragilizada. Assim que entrei, começou a falar sobre o que houve, olhando e apontando para Valdir. Olhava para mim, continuava a falar, tentando disfarçar sua raiva e também os arranhões nos braços. Valdir, no canto do sofá, parecia assustado: suas duas mãos seguravam o sofá, chorava silenciosamente, olhando fixamente para sua mãe e parecendo estar pronto para retomar a briga. Estava com um arranhão no ombro e no braço.

Era a primeira vez que presenciava esta situação. Já havia escutado muitas histórias, mas nenhuma me ajudou com o que senti: Havia chegado a minutos atrás e já queria sair, respirar.

Fui conversando com Dona Amália, ouvindo o que houve, fazendo algumas perguntas simples, apenas para manter a conversa. Aquela sala estava um caos. Eu observava tudo revirado no chão, objetos quebrados, cadeira virada no chão, enquanto Dona Amália falava: “Ele bate em mim, quebra tudo! Tá precisando ir passar uns dias no hospital! Levar umas boas lições de novo!” – a raiva de Dona Amália, aquela cena, os arranhões, tudo parecia ter chegado a um limite realmente insuportável.

Guattari (1993, p.100), no texto “A caosmose esquizo” pensa que “as compleições do real psicótico, em sua emergência clínica, constituem uma via exploratória privilegiada de outros modos de produção ontológicos pelo fato de revelarem aspectos de excesso, experiências-limite desses modos.” Cabe esclarecer, ainda com Guattari, que “Não se trata absolutamente de fazer do esquizo um herói dos tempos pós-modernos (...).”(GUATTARI, 1993, p.106). Ou seja, não pretendo fazer um elogio da crise, da loucura.

Entendo que esses momentos, em geral, são acompanhados de grande sofrimento. No caso de Valdir e sua mãe não era diferente. Já estava há algum tempo acompanhando esse processo. No entanto, busco sustentar a idéia de que, mesmo nesses

momentos limites, há a possibilidade de se conectar com forças de criação. Mesmo nesses momentos, há de se sustentar a ética. Que aqui estou aliado à Spinoza e Nietzsche, e, no contexto em que me encontrava, questionava-me: “como afirmar este acontecimento? O que posso fazer?” – diferentemente de o que devo fazer? (pergunta moral)

Retomando a cena, a situação na casa de Valdir estava no limite com o caos e eu não sabia o que fazer. Eu me sentia pressionado a concordar com Dona Amália, que dizia que ele precisava ser punido, receber alguma lição. Seus comentários raivosos aumentavam minha vontade de sair dali, sentia-me sufocado. Respirei fundo, tentava não ser contagiado pela sua raiva e ouvia seu desabafo.

Dei as costas para Dona Amália, afirmativamente, e me volvei para Valdir. Ele estava ainda se segurando no sofá, parecia estar esperando para ver qual seria minha reação. Dona Amália, não se afetou com o fato de eu não lhe dirigir atenção e continuou desabafando catarticamente. Contou um episódio antigo em que Valdir foi submetido a uma eletroconvulterapia e como voltou para casa calmo, depois deste “tratamento”. Essa era a lição a que ela se referia.

Senti que a pressão estava aumentando. Era como se minha presença ali estivesse dado um tempo para as agressões, promovido uma pausa. Tive medo da briga recomeçar. Precisava fazer alguma. “Isso não está certo! O que você acha?” – questionou-me mais uma vez, Dona Amália. Intuitivamente, me deixei levar pelo impulso de levantar uma cadeira virada, perto de mim.

Esse foi meu primeiro movimento e gerou uma espécie de estranhamento em Dona Amália, que questionou: “Não precisa fazer isso Ronie! Quero que todos vejam como meu filho me trata, e ...!” – eu ouvia o que dizia, mas não tirei o foco do que estava fazendo. Coloquei a cadeira no lugar e fui pegar outra.

“Valdir...” – foi a primeira vez que falei. Eu havia colocado a segunda cadeira no lugar e volvei minha atenção para ele, com calma. “Valdir, você está precisando levar umas boas lições de novo?!” – ele respondeu negativamente com um gesto de cabeça. E foi a primeira vez que retirou os olhos de sua mãe. Olhou-me, sua expressão me transmitiu um princípio de alívio, então eu continuei: “Acho que sua mãe fala isso porque está com raiva pelo que acontece com vocês.” – tentava acolher um e outro. Dona Amália

concordou comigo. “É isso! Tenho raiva mesmo!” – e voltou a falar um pouco mais de sua raiva.

Essa forma como eu me posicionei não foi algo que pensei, foi apenas uma saída que encontrei para conseguir suportar a tensão afetiva que sentia. O modo como falei, o gesto de arrumação que empreguei, pareceu surpreender os dois de tal forma que, senti que precisava continuar nesse movimento. Consegui respirar um pouco mais aliviado e a pressão que sentia começou a escoar.

Penso que apenas ter sustentado essa tensão inicial, não responder imediatamente à demanda de sua mãe para que eu fizesse algo, que, pelas forças que estavam sendo expressas por Dona Amália, tendia para alguma resposta repressiva e moralizante. Sustentar um pouco essa tensão, afirmar o acontecimento, não saber o que fazer, entrar em contato com os afetos em cena, não reagir a eles, respirar... o sim transformador passou por essa respirada.

Encontrei algo que podia fazer, intuitivamente, e fiz. Agi meus afetos, fiz o que precisava fazer, o que avaliei como bom para todos ali. Ou seja, apenas consegui me manter ali, e sair dali, a um só tempo. Sair deste lugar aprisionante onde as forças reativas tentavam me separar da minha potência de agir, da leveza e generosidade que estavam comigo. Sair deste campo de forças que afetavam minha vontade de forma negativa, quando, por um limite me vi depreciando tudo que acontecia, cheguei a sentir tudo aquilo como um grande erro: “o que estou fazendo aqui?” – era uma pergunta que sempre voltava, retornava, eterno retorno de um questionamento crítico pertinente ao AT, como clínica sempre limiar, sempre em contato com a crise, com a o limite da própria clínica, com os limites de si (como at)

Senti raiva, confusão de pensamento. O que é meu, o que é de Valdir, o que é de Dona Amália, o que é deste campo caótico, o que é dentro, o que é fora? Caminhando, mantendo o processo, respirando, com isso já afirmando algo maior: a criação. Eterno retorno da diferença, aspecto ético seletivo. Algo já estava operando, estava negando, de forma *phatica*, forma afetiva primitiva da vontade de potência, estava negando o que não queria: moral, culpa ou ressentimento.

Não sei quanto tempo passou em que fiquei neste estado, mas foi como um entorpecimento.

A esse respeito, Araújo (2006) apresenta o conceito de “Atrator Estranho”. Trata-se de uma dinâmica organizacional que ganha forma em um meio caótico, “um princípio organizador que não se apóia em um ponto externo ao próprio sistema”. (ARAÚJO, 2006, p.119) A questão aqui é pensar um princípio organizador que seja imanente ao próprio caos.

A questão do atrator faz sentido, uma vez que o movimento de levantar uma cadeira do chão não foi algo que tive muita consciência ao fazer, foi como uma expressão do próprio ambiente através de mim. Havia também ali forças nesse sentido. A constatação foi o efeito em cada um de nós. Alguns segundos neste movimento, cabe dizer que foi bastante sutil, o tom da voz de Dona Amália mudou, a atitude de Valdir mudou. Senti-me mais aliviado. Foi como se toda a dinâmica ali envolvida começasse a ganhar uma sintonia rítmica. Estavam ambos, Valdir e sua mãe, muito assustados.

Esta era a primeira vez que Dona Amália falava abertamente comigo sobre sua raiva de Valdir. Sabia que era importante para ela poder externalizar esse afeto. Ouvia mais histórias, várias internações, vários hospitais e tratamentos. Outras pessoas que acompanharam Valdir (sem esta nomenclatura do AT) e foram embora quando depararam com este limite. Dona Amália temia que eu também fosse embora.

Eu ouvia suas histórias, seus medos, suas raivas e frustrações, estava atento ao que se passava, mas mantinha também minha atenção aos objetos que pegava do chão. E foi quando eu peguei, debaixo da mesa de jantar, o porta retrato que ficava ao lado do sofá, com uma foto antiga de família.

Esta foto ajudava a conservar naquela sala uma família que já não existia mais: Valdir bem novo, sua mãe, sua irmã e seu pai, falecido há mais de 15 anos. “Ele sempre joga essa foto longe! Qualquer dia não sobras nada nesta casa!” – antes de colocá-la em cima da mesinha de telefone, perguntei sobre a foto, onde estavam, de quando era. Uma curiosidade antiga, do primeiro dia em que fui lá, quando conheci Valdir, retornou. Dona Amália descreveu então a viagem, quando Valdir “parecia normal” – segundo ela.

Aquela viagem foi bem intensa e marcante, pois “foi a primeira e única viagem de navio que fizemos juntos para Portugal.”– esclarecia o valor daquela imagem. Percebi que havia naquela imagem, além da cristalização de um momento na vida daquela

família, intensidades que atualizavam o desejo de Dona Amália de viajar. Era como uma bruma em torno da imagem que se estendia à Dona Amália.

Enquanto recordava e me contava sobre os bons momentos em família, por vezes expressava sua raiva com Valdir, apontando o dedo pra ele enquanto falava: “Sabe Ronie, por isso esse menino tá mesmo precisando de umas boas lições!” – eu ouvia com atenção e legitimava sua raiva em relação ao que ela estava passando. Entendia o fato de Dona Amália não querer estar passando por esses momentos de agressividade. Mas também estava atento a Valdir e nessas horas me dirigia a ele: “Está mesmo precisando de boas lições?” – ele já expressava outra atitude, não estava mais se segurando no sofá e me respondeu com seu gesto habitual “deixa isso pra lá!”, arremessando seu braço direito para o alto.

Entendia também seu gesto. Irritava-me também com sua mãe, com todo seu ressentimento. Isso realmente era preciso “deixar pra lá”, seu ressentimento, para eu poder ouvir mais daquela história, ajudar a dar passagem para aquela bruma de alegria que desprenhia daquela foto de família. Percebia que, além ou aquém daquela foto, havia uma experimentação importante. Havia naquela foto forças de conservação (sua raiva, ressentimento, culpa), mas também forças de transformação e mudança: alegria.

Penso que era preciso ir além nesta experimentação, tal como Deleuze e Guattari (2004) propõem a respeito do corpo sem órgãos:

“Experimentação. Onde a psicanálise diz: Pare, reencontre o seu eu, seria preciso dizer: vamos mais longe, não encontramos ainda nosso CsO, não desfizemos ainda suficientemente nosso eu. Substituir a anamnese pelo esquecimento, a interpretação pela experimentação. Encontre seu corpo sem órgãos, saiba fazê-lo, é uma questão de vida ou de morte, de juventude e de velhice, de tristeza e de alegria. É aí que tudo se decide.”(DELEUZE, GUATTARI, 2004, p.11)

Ou seja, percebia que seria preciso continuar experimentando colocar a raiva para fora, afirmar a agressividade de um e outro, afirmar o medo, experimentar estar acompanhado também neste momento, mas também experimentar falar da alegria da viagem, reconectar-se àsquelas paisagens, pontos de virtualidade que apareciam na fala de Dona Amália.

Havia forças de conservação da realidade, que se direcionavam a Valdir de forma repressiva e punitiva. Ele não podia destruir aquela foto, aquela memória. Dona Amália

estava presa a essa imagem, presa a um momento cristalizado no tempo. E pedia para que Valdir não exercesse sua potência intempestiva. Mas ele seguia resistindo e impondo, “à marteladas”, a passagem do tempo. Ele quebrava tudo e ela recolocava no lugar. Dava-lhe mais remédio e esta era a maneira adoecida, vontade de nada, de fazer tudo continuar o mesmo.

Mas havia também uma força de transformação que se expressava num desejo de tornar a viajar, ir até Portugal. Mas entrar em contato com este desejo envolvia poder afirmar seu filho atual, seu marido falecido, sua filha incomunicável. Havia forças novas que apontavam para a construção de um desejo de mudança, para expressão de uma vontade de potência afirmativa, criação de futuro e outra relação com sua história: insinuava-se a possibilidade de usar o passado para impulsionar as forças expansivas do presente.

Estava conectado, no entanto, com a vontade de potência afirmativa, havia ali uma grande transformação já se realizando: “A senhora pensa em voltar lá em Portugal?” – perguntei a Dona Amália, enquanto apanhava um busto do Beethoven debaixo da mesa. Ela me orientou para colocá-lo sobre o piano. Com alegria, contou-me um pouco mais sobre a viagem da foto.

Havia um piano no navio e a família se reuniu numa noite para assistir a uma apresentação. Todos acharam muito bonito, em especial sua filha. Depois da viagem compraram um piano, contou-me o empenho de seu marido para conseguir o dinheiro, contou-me sobre as aulas de piano que sua filha recebia em casa. Contou-me que mantinha o piano lá, no mesmo lugar, para ver se a filha em algum momento voltava com as aulas. “Mas isso já fazia uns 15 anos, ou mais...” – pensava comigo, fazendo as contas de cabeça, sem querer interrompê-la. Estava conseguindo expressar suas alegrias.

Eu já estava com dificuldades em acompanhar suas histórias, sua variação afetiva. Valdir estava acompanhando as histórias, sentado ao lado. Eu estava cansado. A essa altura, prestava apenas atenção em seus olhos enquanto falava. Eles brilhavam. Percebi que Valdir já estava relaxado. Ouvia apenas palavras soltas e ruídos, e acompanhava aquele brilho em seu olhar. Quando me sentia interrogado, convocado a participar do diálogo, respondia apenas um sim com gesto de cabeça para seus olhos. Apesar de já não

estar mais tão atento aos fatos que ela contava, com uma curiosidade sincera perguntava alguma coisa. O terremoto, ou um tufão, havia passado.

Seus olhos brilhavam de alegria. Eu estava cansado, mas me sentia bem em estar ali. Valdir também acompanhava as histórias, alguns momentos felizes em que ele fazia parte. Ele estava confortável no sofá. Havíamos conquistado algo juntos: mas o que?

No “Abecedário”, entrevista que Deleuze concedeu à Claire Parnet⁹, na letra P (poder), Deleuze fala da efetuação das potências. Segundo o filósofo há uma alegria que não se trata de uma alegria pessoal, alegria de si, mas uma alegria como a efetuação de uma potência. A alegria é afirmação da atividade de uma força. Deleuze pensa que não há afirmação de potência que seja má:

“A alegria é uma efetuação das potências. Eu repito: não conheço nenhuma potência má. O tufão é uma potência. Alegra-se na alma, mas não por derrubar casas, mas simplesmente por ser. Regozijar-se é estar alegre pelo que somos, por ter chegado onde estamos. Não se trata de alegria de si mesmo, isto não é alegria, não é estar satisfeito com si próprio. É o prazer da conquista, como dizia Nietzsche. Mas a conquista não consiste em servir pessoas. A conquista é, para um pintor, conquistar a cor. Isso sim é uma conquista. Neste caso, é a alegria. Mesmo que isso não termine bem, pois nestas histórias de potência, quando se conquista uma potência, ela pode ser potente demais para a própria pessoa e ela acaba não suportando. Van Gogh!” (DELEUZE e PARNET, 1988, p.56)

Essa sensação que estávamos compartilhando, não estava clara o que era. Era um clima, um *pathos*, uma modo de estarmos juntos ali, sem raiva, sem culpa, sem ressentimentos, no entanto um tufão havia acabado de passar, um terremoto havia rachado o chão e o teto. Mas havia, sim, uma alegria. A efetuação de uma força. A alegria impessoal, alegria de ser o que somos, de ter chegado onde chegamos. Seus olhos brilhavam como no dia em que a conheci, a alegria de ter compartilhado que seu filho gostava de pão de queijo. Parecia, sim, que havíamos conquistado algo. Algo havia passado.

Olhei em volta. Cada objeto tinha seu valor. Valdir tirava todos do lugar e ela os recolocava, isso durante anos. Alguns ele já havia destruído, outros resistiam mais.

⁹ Abecedário foi uma entrevista de Deleuze concedeu à Claire em 1988. No entanto ele autorizou que fosse tornada pública apenas depois de sua morte. Os temas vão de A à Z (A-animal, B-beber... passando por D –desejo, ...H-história da filosofia, etc)

Aquela família já não era a mesma. Algo desse processo estava sendo me apresentado, agora em cena. Pude ver de perto que havia muito ressentimento e dor, aprisionamento numa rígida repetição de perdas.

Mas havia, sobretudo vida pedindo passagem, diferença, e nestes pontos de diferença estava a saída desta situação. Saída que, naquele momento passava pelo brilho dos olhos claros de Dona Amália, pela presença calma e atenta de Valdir, uma diferença intensiva. Era alegria e este era o afeto necessário para transformar esta cena que se repetia ao longo dos anos de forma enclausurante. Entendia que havia conquistado um ponto dentre deste sistema. Obviamente que ele ia se repetir. Outras crises viriam.

Como acompanhar este momento, como acompanhar este acontecimento. Afirmando, sim, mas era preciso criar algo mais, intuí. Benevides (2007a, p.134), propõe pensar o AT em sua “Função de passagem das intensidades: operação de criação de territórios existenciais”:

“a expressividade cria territórios e se traduz em marcas de intensidades, que vão se definindo através de certas matérias de expressão, criando mundos. A esse movimento dá-se o nome de territorialização.”(BENEVIDES, 2007a, p.138)

“O processo de subjetivação pode se fazer como assujeitamento a um modelo pronto qualquer ou como um processo de expressão e criação em que componentes de subjetivação são reapropriados para a criação de territórios existenciais.” (BENEVIDES, 2007a, p.139)

Penso que havíamos chegado a um limite onde se experimenta o que Guattari colocou a respeito do real psicótico que, em sua emergência clínica apresentam outros modos de produção ontológicos e, dessa maneira, apresentam linhas de criação e deriva, que se acolhidas, apontam para a criação de territórios existenciais. Pelo que vivi com Valdir e sua mãe, do caos, das marcas no corpo, externalização de afetos, durante anos, guardados sob os domínios da moral, as lembranças alegres que emergiram daí, o brilho dos olhos de Dona Amália, a leveza de Valdir confortavelmente acompanhando tudo, expressões de criação emergente.

Olhei para ambos, neste instante de alegria, e falei: “Então Dona Amália, por que a senhora não compra uma passagem pra Portugal de avião, que é mais rápido, vai lá ver sua família e eu fico aqui com Valdir? A gente pode ficar lá na residência vendo futebol!” – falei e olhei para Valdir para ver sua reação. Ouvi sua mãe dizendo, sorrindo: “Mas esse

aí não aguenta uma noite sem mim!” – meus olhos estavam acompanhando um sorriso emergente no rosto de Valdir, acompanhado da seguinte frase: “Mentira, é ela... ela que não consegue... é ela...” – afirmando que sua mãe é que não conseguiria ficar sem ele. Rimos todos da situação.

“Já sei como resolver isso! Que tal a Sra. preparar um café, a gente termina essa conversa, enquanto eu ajudo o Valdir a se arrumar pra gente dar uma volta?” – propus, num último gesto de arrumação, onde juntos colocamos sobre a toalhinha de tricô que enfeitava a mesa, seu arranjo com flores de plástico. Valdir levantou-se imediatamente, aceitando a proposta. “Sim, vou preparar o café!” – aceitou também Dona Amália.

Fui ajudando Valdir a trocar de roupa, ouvindo-a preparar o café. Aprontamo-nos junto com o café. Durante o café, contou-me mais algumas histórias e disse que sonhava com mais uma viagem de navio para Portugal, pois era mais bonito e por temer avião. Terminamos o café. Dona Amália falou que iria aproveitar aquele tempo para resolver algumas coisas na rua, pois “esse menino não me deixa sair!” – tornou a queixar-se.

Despediu-se de mim com um sorriso e apontou o dedo para Valdir: “E você, vê se aprendes alguma coisa, toma juízo!” – falou com ele em tom de ameaça. Mas seguimos andando, ouvindo sua mãe colocar para fora sua raiva, seus medos e inseguranças. Valdir já estava comigo e deu as costas para sua mãe com seu gesto de “deixa pra lá” habitual. Parecia-me que ambos queriam este afastamento. A cada passo fui sentindo que dava para ir mais. Abrimos o portão e ganhamos a rua.

Era preciso esquecer a dor e o ressentimento, usar as forças agressivas para construir outro futuro, a partir do presente. Como vimos com Rauter (1998, p.89), em sua “Clínica do Esquecimento”, que pensa o eterno retorno também pelo seu aspecto ético, seletivo, como afirmação da vida, como categoria do futuro. Intuí que seria preciso criar esta abertura para a rua. Outras crises viriam, e eu gostaria de incluir cada vez mais a rua nesse futuro. Parecia mais prudente sair.

13. “O céu de Ícaro tem mais poesia que o de Galileu”¹⁰

Ganhamos a rua e iniciamos nossa caminhada. Senti-me confuso com tudo aquilo que vivemos. Sentia também meu corpo acelerado, internamente. Havia arranhões, dores, tristeza, mas também havia forças que impulsionavam à mudança, à transformação. Fomos andando em silêncio e dei-me conta que havia se passado duas horas até sairmos de casa; mais de três horas desde a primeira ligação de Dona Amália, quando ainda estava a caminho. Cruzamos ruas, sinais de trânsito, calçadas.

Todo o tempo em que ficamos juntos na sala da casa de Valdir, eu estava num estado de atenção intuitivo, afetividade primitiva. Mas durante a caminhada, os afetos que reverberavam em meu corpo pareciam contraditórios. Spinoza (2007, p.257) esclarece que: “O afeto, que se diz *pathema* [paixão] do ânimo, é uma idéia confusa, pela qual a mente afirma a força de existir.” Eu havia experimentado limiares de minha potência de existir desconhecidos até aquele momento.

Precisaria seguir a caminhada e dar tempo para conseguir organizar o que havia acontecido comigo. Assim, segui caminhando. Fui afetado por forças agressivas, havia destrutividade, mas afetivamente não conseguia dizer que havia sido ruim, ou mal, tudo o que houve. Havia maus encontros, mas parecia que precisava apenas entender, encontrar um sentido para o que houve, uma vez que experimentava em meu corpo uma espécie de plenitude intensiva. Sentia-me com energia para andar o dia todo.

Em Winnicott (2000) encontro algumas contribuições a respeito do entendimento da agressividade que me ajudaram a sair deste estado de confusão. Alguns de seus textos a respeito deste tema estão reunidos sob o título “A Agressividade em Relação ao Desenvolvimento Emocional (1950-55)”. Uma das contribuições do autor que destaco aqui é que “ (...) a agressividade faz parte da expressão primitiva de amor..”(WINNICOTT, 2000, p.289)

¹⁰ Trecho da canção “Tendo a Lua”, dos Paralamas do Sucesso . Segue o trecho: “Eu hoje joguei tanta coisa fora, eu vi o meu passado, passar por mim, cartas e fotografias, gente que foi embora. (...) O céu de Ícaro tem mais poesia que o de Galileu.”

Winnicott (2000, p.289) apresenta um estudo minucioso a respeito da agressividade no processo de “integração da personalidade”. Entendendo que, mesmo antes da integração, já lá está a agressividade. Trata-se de compreender como a expressão da agressividade comparece, diferenciando-se, em “vários estágios do desenvolvimento do ego.”(WINNICOTT, 2000, p.290) Em suas origens, a agressividade é quase sinônimo de atividade e trata-se de uma função parcial. Essas funções (mover-se, chutar, morder os mamilos com a gengiva, gritar) organizam-se aos poucos, transformando-se em agressividade.

Um detalhe importante que Winnicott (2000, p289) acrescenta em seus estudos para o entendimento do que vivia com Valdir e sua mãe, é que a integração da personalidade não é algo que se alcança num “determinado dia ou numa determinada época. Ela vem e vai, e mesmo quando alcançada em alto grau pode ser perdida devido a uma situação ambiental adversa.”

O autor esclarece no início de seu texto a idéia central deste estudo. Pensa ser importante entender a dinâmica da agressividade, uma vez que entende haver um perigo social a ser combatido. Segundo o autor, a sociedade está em perigo, não por causa da agressividade do homem, mas pela sua repressão individual. Ou seja, reprimir a agressão envolve negar uma força expressiva que faz parte do processo de integração da personalidade.

Um tempo se passou e percebi que já não estava mais tão confuso, nem com medo de que Valdir agredisse alguém, como me alertara sua mãe. Percebi que as condições ambientais eram outras. Estávamos na rua, caminhando, e isso estava sendo bom para Valdir e para mim. Penso que sua agressividade não era algo inerente a sua identidade. Trata-se, a meu ver, de ser este o perigo social a que Winnicott (2000) se refere. Incompreensão que motiva medidas repressivas e extremamente agressivas.

Andamos bastante e estávamos já perto da Quinta da Boa Vista. Pegamos um transporte e fomos até lá. Era um lugar que íamos com frequência para andar na grama, pegar sol. Na hora parecia apropriado um lugar mais silencioso, sem tanto movimento de pessoas e carros.

Andamos mais um pouco pela Quinta, até o momento onde ele pede para parar para beber um refrigerante. Achei bom a iniciativa ter vindo dele. Pareceu-me que

estava conseguindo também se auto-organizar, experimentar alguma integração, com a caminhada. Paramos num quiosque, sentamos. Valdir tomava seu refrigerante: “Flamengo joga hoje!” – iniciou uma conversa, quebrando um longo silêncio.

Olhando esta cena de fora, era como se nada tivesse acontecido. Quem poderia dizer que havíamos saído à pouca de um tufão? Como pensar que um tempo atrás em sua história, ele teria saído do tufão direto para um hospital “levar boas lições”? – eu avaliava a situação e achei muito importante esta conversa, aparentemente sem grande importância, no entanto, para Valdir tratava-se de uma importante transformação.

“Eu sei, jogão, Flamengo e Botafogo.” – continuei a conversa com Valdir e falamos um pouco sobre futebol. Depois deslocamos para um gramado, também por iniciativa dele. Já conhecia o lugar como se lhe pertencesse. Havia um bom local para sentar. Sentamos lá. Percebi que toda essa caminhada, desde a direção que tomamos para a Quinta da Boa Vista, aquele quiosque, o gramado onde estávamos, tratava-se de uma apropriação que já tínhamos deste percurso. Era “nosso território.” Explico-me melhor.

Este local específico onde estávamos, possuía uma qualidade expressiva importante. Já havíamos passado horas ali juntos e era um local privilegiado para um descanso durante algumas longas caminhadas. Valdir e eu saímos renovados.

Deleuze e Guattari (2008), no texto “Acerca do Ritorno”, esclarecem que o território não é primeiro em relação à marca qualitativa, mas, ao contrário, são as qualidades expressivas, em relações variáveis e constantes umas com as outras, operando uma constância rítmica (de encontros e desencontros), donde se emerge um território. Primeiramente, portanto, forças, qualidades expressivas,

“expressivo como primeiro em relação ao possessivo, as qualidades expressivas ou matérias de expressão são forçosamente apropriativas. (...) Essas qualidades são assinaturas, mas a assinatura, o nome próprio, não é a marca constituída de um sujeito, é a marca constituinte de um domínio, de uma morada.” (DELEUZE e GUATTARI, 2008, p.123)

O ritornelo é também uma imagem do retorno. Entendido tal como ritmo e melodia territorializados, porque tornados expressivos (DELEUZE e GUATTARI, 2008, p.124). Ainda, “é a diferença que é rítmica, e não a repetição que, no entanto a

produz.”(DELEUZE e GUATTARI, 2008, p.120) Aqui com uma implicação importante para o entendimento do AT, como intervenção clínica, uma vez que para Deleuze e Guattari (2008), o território é primeiro em relação ao sujeito. As qualidades expressivas ou matérias de expressão são primeiras em relação ao próprio território.

A rua, a caminhada, as intervenções ambientais no AT, estão em contato direto com os processos subjetivos de territorialização e desterritorialização. Diferença que, pelo efeito de repetição, apresenta um ritmo e expressa um território. “O território é de fato um ato, que afeta os meios e os ritmos, que os ‘territorializa’.”(DELEUZE e GUATTARI, 2008, p.120) Nesse sentido, Valdir e eu buscamos este efeito territorializante, desde nossa caminhada ao sair de casa. Direccionamo-nos para lá, sem mesmo precisarmos pensar a respeito.

Não demorou muito ele estava deitado, enraizando-se naquele solo que já lhe era familiar, já lhe servia de morada. Deitado sobre um enorme tapete verde, grande gramado.

Em poucos minutos Valdir estava dormindo, tranquilamente. Eu também me sentia bem. Olhei em volta. Estávamos perto de um lago. Havia pássaros por todos os lados, muitas árvores. O céu estava nebuloso, ora revelava o céu azul ao fundo, ora não. Um barulho mais próximo, de vento nas árvores; mais ao longe, ouvia o trânsito, algumas vozes de pessoas, vozes de crianças brincando.

Distraí-me observando o movimento da água de um riacho que estava próximo. Um folha boiavam, se afastando de onde eu estava, junto com o fluxo da água. No entanto havia ondulações que vinham em minha direção. “Para onde o rio corre?” – estava ocupado com esse simples questionamento. Só olhando com mais atenção pude perceber que a superfície da água estava ondulada pelo vento; pequenas ondas, uma esbarrando na outra. Não sentia aquele vento que tocava a água. O rio corria alguns metros abaixo de onde estávamos. Estávamos no topo de um pequeno morro.

Olhei mais uma vez para Valdir, deitado confortavelmente, dormindo pesado. Eu estava observando com alegria toda a movimentação da natureza ao meu redor. Ouvia sua sonoridade, efeito dos encontros complexos que aconteciam ao meu redor. Tudo compunha como uma grande sinfonia de acordes dissonantes.

Com uma bela imagem presente no texto “Rizoma”, Deleuze e Guattari (2007, p.37) auxiliam-me a dar sentido para a experiência que quero compartilhar:

“(…) partir do meio, pelo meio, entrar e sair, não começar nem terminar. (...) É que o meio não é uma média; ao contrário, é o lugar onde as coisas adquirem velocidade. Entre as coisas não designa uma correlação localizável que vai de uma para outra e reciprocamente, mas uma direção perpendicular, um movimento transversal que as carrega uma e outra, riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio.”

Pensando no fato de que a poucos momentos estávamos em sua casa, conversando sobre internações, lidando com agressividade em seu estágio inicial, em meio a uma sala revirada, momento em que eu me perguntava o que fazer, percebo que esta idéia do “meio”, de estar “entre as coisas”, estar no meio transversalmente, como “movimento transversal que as carrega uma e outra” roendo suas margens, adquirindo velocidade no meio, enfim, percebo que uma resposta possível para meu questionamento se apresenta aí.

“O que fazer, como intervir?” no AT, pergunta ética por excelência. Penso que este questionamento aponta para esta dimensão estética da realidade em sua emergência, pois que intervir é entrar em contato com as forças em jogo, matérias expressivas ainda não territorializadas presentes em qualquer situação. Pôr-se entre, entrar em contato, mas não entre dois objetos formados, mais pôr-se entre, como se permitir diluir às forças em questão, sempre múltiplas, pôr-se entre como o rio que ao passar, transforma.

“O que fazer? Como intervir? Como acompanhar?”, questões que retornarão e, tal qual o devir ativo da vontade de potência, afirmada como criação de valores, criação de realidades, precisam retornar. Uma vez que, afirmando a dimensão estética da vida, seu constante processo de produção, nunca haverá uma forma de intervir a priori, ou seja, desimplicada de um campo de forças, desimplicada dos afetos em questão. A cada encontro a mesma questão precisa retornar como forma de expor a dimensão intempestiva e caosmótica da realidade. Pôr-se entre, portanto, como imagem deste lugar possível de se experimentar a emergência de forças desterritorializantes e territorializantes, a passagem, a mudança, territórios em criação.

Submeter as questões “o que fazer? Como intervir? Como acompanhar?” ao eterno retorno, fazendo dele o ponto sempre inaugural de valoração, e criação de um

futuro afirmativo e expansivo a partir da seleção, no presente, dos bons encontros, afetos alegres.

Assim eu estava ali, ao lado de Valdir, do rio que corria para um lado e ondulava para o outro, e lhei para as árvores que estavam às margens. Elas balançavam com o vento. Achei curioso isso, pois ventava na água, ventava nas árvores, mas não ventava em mim. Havia ali um fluxo invisível de vento que não me atingia, mas que era possível de ver pelo efeito do vento na água e nas árvores.

E, ainda com Deleuze e Guattari (2007, p.20), caminhando pelo “Rizoma”, há a “Sabedoria das plantas: inclusive quando elas são de raízes, há sempre um fora onde elas fazem rizoma com algo – com o vento, com um animal, com o homem (e também um aspecto pelo qual os próprios animais fazem rizoma, e os homens etc.)” Era essa a grande sabedoria, a grande espreita. Pôr-se entre, e flagrar o rizoma, ponto de agenciamento.

Olhei o céu, e estava abrindo e tempo. O vento que estava modelando as nuvens no céu, agora as estava levando para longe. Um pouco de sol começava a se insinuar no céu. A experiência de sentir o sol chegando e tocando minha pele foi muito boa, revigorante. Passou mais um pouco de tempo e o sol batia também na pele de Valdir, que espreguiçou-se e se reposicionou, voltando a dormir. Seu gesto deu-me a entender que experimentava também um bom encontro e contagiou-me. Espreguicei-me também, sentindo cada pedaço do meu corpo expandir. Foi muito bom sentir o sol chegar.

Algo como Stern (1991, p.26) apresenta a respeito do encontro de um bebê com a luz do sol:

“Se algo é muito intenso (como a luz solar direta), ele a evita. Mas se é moderadamente intenso, como um reflexo de sol, ele fica extasiado. Esta intensidade apenas tolerável o excita. Ele imediatamente se altera em resposta a ela. Aumenta sua animação, ativa todo o seu ser. Sua atenção torna-se mais aguçada. O reflexo de sol é um ‘ímã gentil’ cuja força ele sente.”

A pertinência da contribuição de Stern não é apenas pela beleza desta imagem, mas no sentido em que penso há nesta contribuição, o entendimento de processos que acontecem no que ele define ser o “*self* emergente”. Há, no *self* emergente, uma predominância da dimensão estética da vida, que chega pela via da sensorialidade. A

consistência, constância, uma vez que sejam experimentadas de forma tolerável, dão um senso de existência. Experiência genética da subjetividade em formação, o “self emergente”.

Guattari (1993, p.99), no texto “A caosmose esquizo”, aproxima o “modo de ser da psicose com o modo do ‘self emergente’ da infância (Daniel Stern) ou no da criação estética.”, para dar conta de experiências subjetivas anteriores à discursividade, que se expressam através da afetividade, momento anterior à diferenciação da realidade entre sujeitos e objetos. O self emergente é esse lugar subjetivo entre, noutras palavras, pôr-se entre é experimentar a subjetividade como self emergente. Experiência, portanto inerente à subjetividade, não se tratando de fases, mas de níveis de subjetivação que se manterão paralelos ao longo da vida, como platôs intensivos que “não cessaremos de encontrar no sonho, no delírio, na exaltação criadora, no sentimento amoroso...”(idem, p.16)

Voltando a Valdir, assim ficamos ali, sob o suave sol, ele dormindo, eu observando a natureza a minha volta, fazendo algumas anotações. Sentia-me bem de estar ali com ele. Percebi que havia um inseto pousado em sua perna. Achei interessante, pois ele parecia uma folha seca. Ocorreu-me que seria melhor espantá-lo e usei minha caneta. Parece tê-lo assustado, pois levantou vôo imediatamente.

Como um raio um pássaro apareceu e o levou pelo bico. Pegou-o no ar bem perto de onde estávamos, assim que saiu da perna de Valdir, ainda buscando coordenar seu voo. Assim: de repente, inesperadamente, como que me acordando de um transe. Senti-me mal instantaneamente, como se eu tivesse atirado um grão de milho aos pombos.

Acompanhei o voo do pássaro, que levava o inseto folha se debatendo pelo bico, até o fio de energia elétrica que estava bem perto de nós. Provavelmente ele estava lá há algum tempo observando tudo. À espreita. Cruel a natureza, mas não negativa. Já não via sinal de meu companheiro folha e o pássaro já olhava de um lado para outro, provavelmente procurando mais alguma coisa para comer. Tal qual a ave de rapina de Nietzsche.

Valdir se mexeu ao meu lado. Ele estava se coçando com umas pequenas formigas que passeavam pelo seu braço. Na hora, a sensação de ter feito mal ao inseto, cedeu lugar a uma sensação de que estávamos fazendo parte da natureza de uma forma

mais integrada. Entre pássaros, insetos, experimentando a mudança do clima, a mudança de temperatura, sobre a grama, o sol. O pensamento estava vagando, suave, acompanhando também uma variação afetiva. Valdir se mexia ao meu lado, acordando de seu cochilo. Pensei que já era hora de sairmos.

Valdir sentou-se e me olhou. “Vamos pra casa.” – afirmou de forma tranquila o que estava também em meu pensamento. Organizamo-nos para voltar para casa. Olhei no relógio e já havia passado quase três horas desde o momento em que saímos.

Quando chegamos em casa, para minha surpresa, o clima também era outro. Dona Amália contou-me que havia tomado um banho e dormido. Havia acordado pouco antes de retornarmos. Disse que precisava ter ido ao mercado, mas que após o banho deitou um pouco, percebeu que estava sozinha em casa e aproveitou para tirar um cochilo.

Contou-me que há anos não conseguia fazer algo como tomar um banho despreocupa e dormir: “Nesses últimos anos eu só estou sozinha em casa quando meu filho está muito doente. Então eu não descanso!” – sentia-se também renovada.

Agradeceu pela conversa que tivemos a respeito de sua viagem à Portugal. Disse ter se lembrado de muita coisa boa, que gostaria de me mostrar muitas fotos ainda. Disse que chorou muito, depois que saímos, pois não queria ter dito aquelas coisas para seu filho, mas que estava com muita raiva e que era só da boca para fora.

Arrependeu-se de ter dito tais coisas, pediu desculpas ao filho, mas acrescentou que sentiu-se muito leve depois. Aproveitei a oportunidade para lhe dizer que sentir raiva de algo, não estava no campo de decisão de ninguém, que não precisava se arrepender de ter expressado este afeto. Penso, como Spinoza (2007, p.247), que o “arrependimento é uma tristeza acompanhada da idéia de uma ação que acreditamos ter praticado por uma livre decisão da mente”. Considerei importante esclarecer que não está no campo de ação o modo como somos afetados, nem que somos livres para fazermos o que quiser. O combate ao livre arbítrio é importante, uma vez que desta idéia se estrutura toda a lógica da culpabilidade. Há um plano de forças muito complexo que nos determinam, nossa atividade se restringe a buscar o entendimento do que nos determina. Essa é a liberdade maior da mente: conhecimento como o mais potente dos afetos.

Sobretudo, achei importante dizer que a agressividade não é necessariamente destrutiva, mas também é uma força que podemos usar para criar, transformar as coisas. E neste dia, foi possível criarmos esta tarde revigorante para todos nós. Dona Amália ouviu e agradeceu, respirando profundamente, aliviada. Compreendeu o que dizia.

Valdir olhou para mim com expressão maliciosa e disse: “Ela é nervosa.” – sorrimos todos com sua presença de espírito. Havia em sua atitude uma saudável capacidade de esquecer. Afirmar a alegria daquele encontro. Era sua forma afirmativa de negar a culpabilidade.

Tomamos um rápido café. Por fim Dona Amália agradeceu por eu ter ido até lá, “mesmo nessas condições”. Concluiu que estava com esses sentimentos guardados durante anos. Algo havia se passado. Apropriei-me do gesto de Valdir e concluí: “Deixa isso pra lá e vamos viver, não é Valdir?!” – ele olhava para mim sorrindo. Não demorei muito, despedi-me e fui embora.

No caminho de casa, exausto, percebi que já estava de noite e havia passado muitas horas desde a primeira ligação de Dona Amália. Havia sido um dia importante, percebi. Era a primeira vez que presenciava aquela cena. Foi possível experimentarmos outra forma de relação com a agressividade. Outra forma de intervir nesses momentos mais críticos. Dona Amália ter permitido minha presença naquele momento de crise foi importante e demonstrava uma confiança no trabalho que vinha desenvolvendo.

Barreto (2005), apresenta alguns conceitos de Winnicott em relação ao AT e dedica um capítulo à função de Holding. Segundo o autor, a função holding para Winnicott,

“(…) é tudo que, no ambiente, fornecerá a uma pessoa a experiência de uma continuidade, de uma constância tanto física quanto psíquica. (...) Essa continuidade é dada pelo respeito ao ritmo do bebê; um cuidado e presença materna que levam em conta esta característica do recém nascido e podem modular os períodos de ausência de acordo com a capacidade do bebê de suportá-los.”(p.60) “E quando falamos em presença, mais facilmente tendemos a pensar no estar-junto fisicamente, mas este pode vir acompanhado de uma presença afetiva.”(BARRETO, 2005, p.61)

Essa presença do AT neste momento crítico, momento de crise de Valdir, revelou-se como grande potencial clínico, pois serviu como holding, dando à Dona Amália a confiança para expressar seus ressentimentos, sua raiva, durante anos,

interiorizada. Sem perder, com isso, o senso de continuidade e integração. Também possibilitou que Valdir pudesse ganhar uma acolhida diferente para atravessar este momento crítico, experimentando também uma continuidade e constância psíquica, uma integração, que pode conquistar ao seu tempo, em seu ritmo.

Diferença em relação aos recursos individualizantes, objetificantes, culpabilizantes que já conheciam: ficar amarrado, internado, dopado, calado. Intervenções em sua agressividade, que excluía toda a construção afetiva que isso envolve, todo o campo afetivo, relacional, histórico (como emergência, intempestividade, eterno retorno, criação de valores), e que reproduziam afetos tristes como confusão de pensamento, arrependimentos, empobrecendo a vida em sua possibilidade conformista, adaptacionista.

A agressividade expressa, exteriorizada, acolhida e acompanhada, transmutou-se em afeto, força de criação. A agressividade de ambos pôde ser vivida como força de criação e diferenciação, não de destruição de si, mas destrutividade afirmativa da vida fraca, negativa.

Essa foi nossa primeira longa saída. Mais uma saída, mas nesta “uma” havia um gesto importante que foi acolhido: um “deixa isso pra lá!” de Valdir. Era possível a partir dali, falar sobre raiva, destruição, agressividade. Medo, culpa, ressentimento e dor, mas havia também a sabedoria de “deixar isso pra lá!”. Ou seja, falar, expressar, como possibilidade de fazer passar, dar passagem. Passada a raiva, o medo da destruição, retornava também a alegria.

Neste gesto havia forças que impulsionavam aquelas vidas para criarem outros modos de viver. Resgatávamos juntos a processualidade da vida. Havíamos experimentando muita coisa juntos neste dia. Algo de uma rígida organização reproduzida ao longo dos anos ganhava porosidade, flexibilidade.

Deleuze e Guattari (2004, p.25), a respeito do corpo sem órgãos, acrescentam que

“E é o mesmo todo, mas em condições tais que o corpo sem órgãos substitui o organismo, a experimentação substitui toda interpretação da qual ela não tem mais necessidade. Os fluxos de intensidades, seus fluidos, suas fibras, seus contínuos e suas conjunções de afectos, o vento, uma segmentação fina, as micro-percepções substituíram o mundo do sujeito. Os devires, devires-animal, devires-moleculares, substituem a história individual ou geral.”

Penso que estávamos, sobretudo, criando um corpo sem órgãos, que envolvia poder passar repetidamente por vários pontos da história de Valdir, de sua mãe, encontrando, através das experimentações que o AT possibilitava, como a própria afirmação da dimensão do fora, experimentações que transversalizavam de forma intensiva a todos os envolvidos na cena, operando composições e decomposições dos corpos em dimensões sutis. Possibilitando, a partir da consistência de cada um desses encontros, a construção de outras formas de se relacionar, a criação de outras formas de viver, criando outro corpo para isso. Este intensivo, capaz de não se aprisionar ao organismo, à organização que se reproduz ao longo da história. Um corpo sem órgãos que cria outra história.

Corpo que se cria a partir de experimentações, desde uma caminhada, um gramado, uma idéia que apresenta uma virtualidade, intensidades, um banho de sol...

14. O AT, o mar e os intercessores

Foi num dia bonito de sol que fomos à praia. Dessa vez não precisei subir, pois ele já me aguardava ansioso para sair. “Ele já tá descendo.” – disse-me Dona Amália pela janela. “Como vocês vão?” – perguntou-me ansiosa.

Havíamos combinado de ir ao Arpoador. Ele gostava de ir à praia do Diabo, que fica ao lado. Ele ia com seus pais e a irmã para lá. Era um programa de família. Passavam o dia na praia. Foi uma época boa em que iam de carro, levavam comida. Dona Amália havia me contado que Valdir ficava muito feliz quando passavam pelo túnel, que “ele colocava a cabeça pela janela e ficava gritando!” – contou-me rindo. Lembrava-se da inauguração¹¹ do túnel e disse que por isso iam bastante à praia. Gostaria que passássemos por lá.

¹¹ O túnel Rebouças foi inaugurado em 3 de outubro de 1967 com o objetivo de conectar diretamente as zonas Norte e Sul da então capital, evitando o Centro. Liga os bairros Rio Comprido e Lagoa.

No entanto, pelo tempo que dispúnhamos no dia, seria muito demorado ir de ônibus e passar pelo túnel. Como sua casa ficava próxima ao metrô, seria mais prático e rápido nosso deslocamento. Há também uma estação em Ipanema e por isso poderíamos ficar mais tempo na praia. Disse gostaria de conhecer a Estação de Ipanema¹² e ficou surpresa quando soube que havia metrô até lá. Contou-me que “a última que eu soube foi Copacabana. Fui lá uma vez, quando levei Valdir ao médico, mas isso faz tempo.”

“Vamos de metrô, Dona Amália.” – respondi da rua, debaixo de sua janela e ficamos conversando assim um tempo, até Valdir descer.

Valdir chegou, despedimo-nos de sua mãe e seguimos para praia. Uma caminhada até o metrô, trocamos uma palavras. Valdir parecia apreensivo. Havia muitos anos não ia à praia.

Chegamos em Ipanema e saímos, seguindo o fluxo de pessoas. Ele olhava todos os detalhes, o teto alto no interior da estação, sua passeava pelas texturas das paredes, firmava nos corrimãos por onde passava. Olhava de um lado para outro, algumas possibilidades de saída, alguns caminhos possíveis para ganhar a rua. Subimos algumas escadas: “É grande esta estação, não é?” – ele apenas balançou a cabeça, concordando. Estávamos na última escada rolante e nossa pele já refletia uma luminosidade diferente. Era o sol.

Saímos na Praça General Osório. Eu experimentei uma sensação de abertura, de amplitude, incrível. Um instante de vertigem. Foi agradável ver o movimento da praça. Pessoas passando, algumas barraquinhas de artesanato, pessoas sentadas nos bancos do interior da praça, conversando, comendo, sorrindo.

O sol estava agradável. Descemos os degraus cuidadosamente e pisamos no chão da praça. Valdir deslizou sua mão pelo corrimão. Ele olhou-me e percebi que também estava sob o efeito vertiginoso da abertura. Deu um giro de corpo, no mesmo lugar e, numa visão panorâmica, percorreu toda a praça. “É grande.” – disse simplesmente. Com um gesto de cabeça, indicou-me que estava pronto para seguir. Ao mesmo tempo soltou sua mão do corrimão. Caminhamos em direção da praia.

¹² O Metrô do Rio de Janeiro foi inaugurado, em março de 1979. A estação Maria da Graça, próxima à casa de Valdir, foi inaugurada em 1983 e a estação de Copacabana (Cardeal Arcoverde) em julho de 1998.

Estávamos agora no calçadão olhando para o mar. Entre nós e o mar, a faixa de areia. Eu estava ao seu lado. A vista do mar, o horizonte, o céu azul, a areia, a maresia que nos atingia o corpo, o marulho das pequenas ondas quebrando de leve, pessoas nadando, alguns surfistas perto da pedra do Arpoador, pessoas sobre a pedra, olhando o horizonte, bicicletas passando ao nosso lado, pessoas correndo. Meu corpo vibrou com este encontro.

Deleuze (1988), no tema “C – cultura” do Abecedário, explica que não se considera um homem culto. Que toda sua criação em filosofia foi a partir dos encontros que estabeleceu. Toda sua produção, segundo ele, não se trata de erudição, mas de encontros: com uma música, com um quadro, com um filme... encontros que potencializam seu processo de criação.

No texto “Os Intercessores”, Deleuze (2006, p.152) afirma que sua filosofia é questão de criação, “o filósofo é criador, não é reflexivo.” Se conecta com outros campos, através de relações de ressonância mútua. “Criar conceitos não é menos difícil que criar novas combinações visuais, sonoras, ou criar funções científicas” (DELEUZE, 2006, p.156). Trata-se de, em sua filosofia, criar conceitos que saiam da idéia tradicional de criar conceitos e valores eternos. Seu desafio é “preciso ainda construir conceitos capazes de automovimento.” (DELEUZE, 2006, p.152)

Tal como nos esportes como surfe, windsurfe, asa delta, a questão é o que se passa “entre”, inserção numa onda preexistente, o fundamental é “(...) como se fazer aceitar pelo movimento de uma grande vaga, coluna de ar ascendente, ‘chegar entre’ em vez de ser origem de um esforço.”(DELEUZE, 2006, p.151)

Para ilustrar essa idéia de encontros e ressonâncias, que fazem parte de seu processo de criação conceitual, em sua entrevista (abecedário), explica como sua filosofia ressoou para além da filosofia, dando continuidade ao movimento que formalizou conceitualmente. Seu encontro com os surfistas:

“Os surfistas dizem: “concordamos totalmente, pois, o que fazemos? Estamos sempre nos insinuando nas dobras da natureza. Para nós, a natureza é um conjunto de dobras móveis. Nós nos insinuamos na dobra da onda, habitar a dobra da onda é a nossa tarefa”. Habitar a dobra da onda e, com efeito, eles falam disso de modo admirável. Eles pensam, não se contentam em surfar, eles pensam o que fazem. (...)”

Temos encontros com o charme, com o trabalho das pessoas, e não com as pessoas, não dou a mínima para elas.”(DELEUZE, 1988, P.12)

Assim é o AT, como clínica implicada em criação de territórios existenciais, conecta-se com conceitos filosóficos, sensibilidades artísticas, funções científicas, para manter o processo, potencializá-lo, acompanhando-o, clínica como criação de territórios existenciais, tal como surfe, não é origem do movimento. Questão do acompanhar, como acompanhar, mais uma vez retorna, agora como o “chegar entre” do surfista.

Diante do mar, olhando aquela imensidão azul, crianças correndo, barulho, cheiro de mar, sol, senti alegria e olhei para Valdir. Ele me olhou de volta e falou: “Você vai ficar aí?” – eu sorri. Eu estava apreensivo com a reação dele.

Tiramos nossos calçados, andamos em direção a água, chutando areia. Escolhemos um lugar, juntamos nossas coisas. A praia estava vazia, era dia de semana. Fomos para o mar. Valdir seguiu determinado na frente. Não precisava de corrimão ali e, sem cerimônias, atirou-se de encontro à onda.

Seu encontro com a água gelada e salgada, com a onda que acabava de furar, transformou seu corpo e suas feições. Ele me olhou e sua expressão transmitiu-me algo como quando encontramos com uma amigo querido depois de um longo tempo. Ele sorria expansivamente, gargalhava. “Tá com medo? Entra!” – Valdir brincou comigo, provocativamente. Eu gargalhei e mergulhei com ele.

Ficamos um tempo ali, mergulhando, sentindo o rimo do mar, o sal sobre a pele, nos lábios, a água gelada, o sol quente. A sensação de renovação, de transformação era incrível.

Quando saímos do mar, Valdir sorria bastante, bateu em meu ombro e começou a falar. Apontou para a pequena praia ao lado, a praia do Diabo, reconhecendo o cantinho onde seus pais gostavam de parar. Perguntei se queria ir até lá, mas disse que não. Seu dedo apontava para um lugar no passado. Contou-me que já havia quinze anos que não ia à praia.

Continuamos nossa conversa. Ficamos um bom tempo na praia, demos outros mergulhos. Sua pele era muito branca e frágil. Tratava-se de um corpo submetido a excessiva luminosidade artificial, crua, luzes do interior de sua casa ou do interior dos

hospitais, ou do olhar da ciência moderna, um tipo de medicina que não parava de encontrar doenças em seu interior. Luzes que refletiam em seu corpo branco, apenas seu padecimento, excessivamente interiorizado pela dinâmica da sua vida, e empobrecidamente reproduzida por práticas individualizantes.

Seu corpo branco agora estava se desnudando para encontrar-se com a luminosidade do mundo, do sol, que deixa marcas e interfere na tonalidade da pele. Valdir estava já avermelhado e em contato com a superfície social, com os encontros na praia. Seu corpo agora estava marcado com o calor, com o vento, com os balanços do metrô, também de ônibus, com os encontrões dos corpos, com a dinâmica intempestiva da vida acontecendo em seu cotidiano.

15. Retomando algumas questões históricas relacionadas ao AT

Palombini (2007, p.96) dedica um capítulo de sua tese para pensar as “influências do pós-guerra”, onde apresenta alguns acontecimentos importantes “já no transcorrer da guerra” que produziram mudanças significativas nas práticas psiquiátricas, provocando questionamentos e problematizações importantes no sentido de construção de uma crítica ao modelo asilar, manicomial.

Rolnik (1985) esclarece que as experiências trágicas durante a guerra gerou uma rede de solidariedade e resistência. Muitas vezes o cenário desta solidariedade se deu em hospitais psiquiátricos. Abrigando refugiados de diversas origens sociais, econômicas, filiações políticas etc. Tal fato levou a um questionamento da psiquiatria tradicional: o confinamento, a rígida hierarquia, crueldade e frieza das relações com a loucura. Um questionamento de todo o modo de tratamento dado à loucura.

O Hospital Psiquiátrico Saint-Alban foi um que abriu suas portas e abrigou comunistas, surrealistas, cristãos progressistas, anarquistas, centralizando importantes aspectos da Resistência. Rodrigues (2007, p.518) acrescenta que Saint Alban passa a ser um espaço de liberdade em meio à opressão da guerra:

“(…) as portas do asilo são abertas e os pacientes convivem com as comunidades locais, intercambiando alimentos e modos de vida; participantes da resistência francesa, dentre eles integrantes do movimento surrealista, fazem do hospital lugar de refúgio e *front* de luta, mas, igualmente, espaço de criação estética, produzindo, junto com os internos, *ateliers* de pintura, literatura, teatro etc.”

Tosquelles, psiquiatra espanhol com vasta experiência de luta na psiquiatria de seu país estava entre estes instalados em Saint Alban. A partir da chegada de Tosquelles, destaca-se uma ênfase ao direcionamento para a coletivização do tratamento, participação de todos na organização institucional, desde organização do tempo e do espaço, das atividades, desconstrução de qualquer rígida hierarquização e diferenciação entre profissionais, tendo como a auto-gestão como seu projeto limite. Foi o momento da “importação das técnicas de grupo norte-americanas”(Rolnik, 1985, p.102), como psicodrama, socioterapia, ergoterapia, psicologia social, dinâmica de grupo, behaviorismo, gestaltismo.

Segundo Rodrigues (2007, p.518), em 1952, num artigo de Daumezon e Koechlin, a experiência em Saint Alban ganha o nome de “Psicoterapia Institucional”, e será posteriormente apontada como um dos começos da Análise Institucional francesa:

“Dir-se-á então que para exercer sua função – a cura –, a instituição psiquiátrica necessita ser curada, mediante uma democratização das relações entre técnicos e enfermos. Nesse momento, as práticas grupais aparecerão como um dos principais recursos para a terapêutica da instituição e dos institucionalizados.”

Em 1958, um grupo liderado por Tosquelles, desenvolverá uma nova leitura da psicanálise, incluindo a prática institucional que vinha desenvolvendo, e, segundo Rolnik (1985), este é o momento quando é reconhecida a dimensão inconsciente da instituição. Percebe-se que

“a socialização não é a própria cura, mas seu suporte, e busca-se fazer da instituição ‘um lugar onde a polifonia da fala seja, como na psicanálise, um instrumento de transformação, fazendo surgir o sujeito e não o ego, com seu sistema de apoio no estatuto sócio-profissional.’ (Tosquelles, Historia da Psiquiatria de Setor)”(ROLNIK, 1985, p.103)

Essa é uma tendência muito presente em Saint Alban e em La Borde até 1964. Guattari, membro ativo deste grupo liderado por Tosquelles, formula, nesse contexto, alguns dos principais conceitos da psicoterapia institucional, como: transversalidade, transferência institucional, analisador, grupo sujeito/grupo sujeitado. Os principais textos

desta época estão reunidos em coletânea sob o título “Psicanálise e Transversalidade”(ROLNIK, 1985, p.103)

Algum tempo depois, críticas a esse movimento começam a aparecer, como: o microssocialismo que não leva em conta a dimensão analítica que se limita à crítica ideológica e à reivindicação de liberdade, sem produzir deslocamento. Entram mais em cena, também, referências a Lewin e Moreno. Neste ponto, a análise passa a ser vista como uma dimensão de toda a experimentação social, seu objeto passa a ser os complexos processos sociais. A questão é não colocar a análise como uma especialidade do campo da saúde mental, correndo o risco de ser reificada como uma técnica de psicoterapia institucional. (ROLNIK, 1985, p.103)

Segundo Rodrigues (2007), é neste contexto que Guattari propõe o termo Análise Institucional. Mas, já a partir do conceito de transversalidade, propõe-se a ampliação do campo de análise. Tal conceito aponta para a quebra das dimensões horizontais e verticais das organizações dos saberes e poderes institucionais, possibilitando a inclusão, no campo de análise, da própria instituição da análise e de seus dispositivos.

Guattari (2004, p.111) esclarece que a transversalidade é pensada como superação a

“- uma verticalidade que se encontra por exemplo nas descrições feitas pelo organograma de uma estrutura piramidal (chefes, subchefes etc);
- uma horizontalidade como aquela que se pode realizar no pátio do hospital, na ala dos agitados, ou melhor, a dos cretinos, isto é, certo estado de fato em que as coisas e as pessoas se arranjam como podem à situação na qual se encontram.”(p.110)
“(…) uma dimensão que pretende superar os dois impasses, o de uma pura verticalidade e o de uma simples horizontalidade; a transversalidade tende a se realizar quando uma comunicação máxima se efetua entre os diferentes níveis e, sobretudo nos diferentes sentidos”

Segundo Benevides¹³ (2007a), transversalidade diz respeito a uma abertura no plano da clínica através de práticas de atravessamento e conexões múltiplas, propondo

¹³ Laura Gonçalves Benevides (2007a) apresenta em sua dissertação de mestrado “A Função de Publicização do Acompanhamento Terapêutico na Clínica: o Contexto, o Texto e o Foratexto do AT” , no capítulo “Caixa de Ferramentas e Metodologia” (p.16), uma detalhada genealogia a respeito de alguns importantes conceitos da Psicoterapia Institucional, Análise Institucional e Esquizoanálise.

uma espécie de nomadismo de fronteiras, desmanchamento incessante dos territórios cristalizados. (BENEVIDES, 2007a, p.26)

Inclusive as identidades do sujeito que conhece e do objeto conhecido são postas em questão, os limites entre as disciplinas são perturbados e a relação que se estabelece entre as disciplinas é de intercessão, ou seja, de interferência, de intervenção através da desestabilização de um domínio qualquer sobre o outro. O conceito de transdisciplinaridade surge então no mesmo movimento de ruptura das dicotomias sujeito-objeto, indivíduo sociedade, entendendo que a relação entre esses termos é primeira e deles constituinte (BENEVIDES, 2007a, p.27).

Benevides (2007a), com Deleuze e Guattari, expõe o conceito de rizoma, como desdobramento do conceito de transversalidade, descrevendo operações em rede. Diferente dos diagramas arborescentes que procedem por hierarquias sucessivas, a partir de um ponto central em relação ao qual remonta cada elemento local, os sistemas em rizoma ou “em treliça” podem derivar infinitamente, estabelecer conexões transversais sem que se possa centrá-los ou cercá-los.

O rizoma é, além de uma imagem, um modo de funcionamento dessa multiplicidade de conexões, dessas linhas, onde que qualquer ponto pode ser conectado com qualquer outro. Não há centro, nem início, nem fim, apenas entre, meio. O rizoma opera no plano do contágio.

“No sistema rizomático as conexões se fazem em qualquer ponto. Não há princípio nem fim, há um “meio”. Um rizoma, portanto, traça mapas abertos, desmontáveis e conectáveis em todas as direções: qualquer ponto pode ser conectado a qual quer outro ponto e deve sê-lo (princípio de conexão e de heterogeneidade).(BENEVIDES, 2007a, p.30)”

A partir do conceito de rizoma, portanto, retomo a genealogia do AT. Uma vez que a emergência do AT remete a este contexto de contestação da psiquiatria tradicional, sobretudo no surgimento das comunidades terapêuticas, que afirmavam a necessidade do desenvolvimento de um meio ambiente terapêutico capaz de criar um vínculo afetivo com os pacientes, que não exigisse conhecimento teórico. (BERLINK, 2012, p.25)

Penso que, desde o contexto da Segunda Guerra, quando da abertura dos hospitais psiquiátricos tanto para entrada de forças políticas, estéticas, econômicas, quanto da

abertura para a circulação dos pacientes no contexto social do entorno dos hospitais, o modo rizomático de funcionamento estava presente. A partir de seu modo de operação por contágio afetivo, possibilitando a articulação e criação autônoma de territórios existenciais.

Essa dimensão de contágio do rizoma, possibilita considerar o AT, na sua relação com a loucura e a cidade, ainda implicado no campo das lutas de transformação de lógicas enclausurantes das instituições. Neste ponto, no entanto, enfatizo o potencial

“(...) micropolítico ou molecular, (...) ao plano do desejo, ao plano do invisível, onde não se têm unidades, mas intensidades, lista de afetos não subjetivados, determinados pelos agenciamentos que o corpo faz, e, portanto, inseparáveis de suas relações com o mundo”(NEVES, 2002, p.8)

Neste momento, considerar a implicação do AT com a dimensão micropolítica e molecular da realidade, em sua operação rizomática a partir do contágio afetivo que se dá através de agenciamentos, envolve pensar seu potencial de intervenção na própria dimensão desejante. Desejo “(...) como produção, inscrevendo-o num regime de imanência entre a produção social e a produção desejante.”(idem, p.6)

Neves (2002) discorre sobre a implicação da clínica como uma crítica da concepção da subjetividade ligada à noção de identidade individual, enquadrada em valores psicológicos entificados num "eu", bem como uma crítica à noção de desejo como atribuído a alguma coisa, ou como partindo de um determinado sujeito:

“o desejo numa referência imanente, a primeira coisa a abolir é a idéia de desejar alguma coisa. Fazer uma teoria imanentista do desejo significa não mais separá-lo de suas manifestações. Há agenciamento, há relação desejante. Neste sentido, não há como pensá-lo separado das conexões reais do mundo exterior.” (NEVES, 2002, p.6)

Penso que a importância da crítica de Neves, se evidencia no cotidiano de atuação do AT. Uma vez que a lógica dominante de subjetividade impõe valores de regulação do campo social. Um enfrentamento importante nesse sentido se faz presente no cotidiano do AT no campo social, como uma crítica às instituições de si que tendem a separar o desejo de seu plano social, coletivo.

Dos hospitais abertos, à luta por uma subjetividade e desejo que não sejam submetidos às instituições do EU, como instância reguladora e normatizadora da vida.

16. Confiança

Depois do dia em que acompanhei Valdir e sua mãe durante uma crise, muitos caminhos começaram a se delinear. A experiência de acolhimento deste acontecimento ajudou a criar um território existencial onde era possível à sua mãe pedir ajuda. Era um território frágil, precisava ser reconstruído. Mas havíamos conseguido ganhar mais confiança.

Cada passo que pude dar com Valdir em nossa caminhada, só foi possível à medida que Dona Amália também caminhava. Sua caminhada, envolvia uma dinâmica que atravessava sua história, revendo-a através de algumas fotos de seu álbum, com isso compartilhar algumas experiências, tomar alguns cafés. À medida que podia acessar e compartilhar suas memórias, recriando sua história, atualizando seus desejos de viajar, de retomar o contato com a sua filha, entrar em contato com seus parentes de Portugal.

Valdir passou a frequentar a residência terapêutica. Às vezes íamos lá para passar o dia, fazer um lanche. Comemorar o aniversário de alguém, participar de uma festa junina. Conseguíamos ficar mais tempo fora de casa. Para Valdir estava sendo muito rica a convivência com um grupo. Já havia feito amizades. Havia um morador, o Claudinho, que também adorava futebol e não retirava sua camisa do Fluminense. Eles conversavam bastante sobre futebol, trocaram presentes de aniversário, sentavam lado a lado para ouvir um radinho de mão que ficava o dia inteiro dando notícias sobre futebol.

Havia outro morador, o Gonçalves, que adorava café. Por vezes eu os via na cozinha preparando um café. Faziam uma grande bagunça, depois limpavam ao seu modo. Coisa que nunca havia visto Valdir fazer em sua casa: preparar algo para ele comer, ou ajudar em alguma coisa. Sua mãe queixava-se muito do trabalho ininterrupto, da total dependência que Valdir ainda tinha em relação a ela. Fato é que na residência ele experimentava outras formas de se relacionar. E com Gonçalves, além de preparar o café, havia sempre, entre os dois uma conversa muito interessante. Falavam ao mesmo tempo,

um sobre futebol e o outro sobre política. Isso enquanto durava o café, depois cada um saía para um lado dizendo e apontando para o outro: “É doido!” – se afastavam sorrindo.

Valdir estabeleceu com cada morador algum tipo de vínculo. Após algum tempo, quando eu voltava na residência sem Valdir, as pessoas perguntavam por ele. Eventualmente, quando eu chegava em sua casa, sua mãe também perguntava a respeito de algum morador, contando algum acontecimento que Valdir compartilhou. Houve uma ocasião em que fiquei bastante surpreso, pois quando cheguei em sua casa eles estavam rindo de uma situação em que eu não havia participado. Foi com Marcel, um morador que não falava e ficava boa parte do dia andando de um lado para outro no quintal. Sua aparência e comportamentos causavam medo em Valdir, que o chamava de “aquele esquisito.”

Mas neste dia, ele e Claudinho estavam sentados no sofá da sala ouvindo futebol no radinho e Marcel andava de um lado para outro no quintal. De repente Marcel entra na sala e vai na direção de Valdir e pega firme no radinho junto com sua mão. Curva o corpo para frente e aproxima o ouvido do radinho. Depois se afastou. Ele levou um susto e logo em seguida volta Marcel e faz o mesmo movimento e fica sorrindo com o radinho em seu ouvido. Depois sentou-se ao pé de Valdir e Claudinho e ficou ali, balançando seu corpo de um lado para o outro.

Algumas pessoas viram a situação e brincaram com Valdir, dizendo que Marcel havia gostado dele. Valdir contava essa cena para sua mãe com alegria, descrevendo o susto que levou com “aquele esquisito”, mas riam da situação. E sua mãe queria saber o nome desse morador que gostou do radinho de pilha de Valdir. Lembrou-se da ocasião em que me conheceu e perguntou de Lucas. Ele já não morava conosco a essa altura. Mas foi interessante essa lembrança, pois foi aí o primeiro passo que demos nessa caminhada.

Na ocasião, falávamos de lugares muito distantes. E foi Lucas, com seu gesto contagiante quem nos aproximou e me ajudou a entender a potência afetiva do AT. E agora, Marcel, com um gesto parecido, através de Valdir, me ajudou a ver que havíamos já, caminhado bastante. Como? O que eu havia feito? Mais uma vez questiono-me. E, na medida em que recordamos de Lucas, percebo que desde este primeiro encontro, ao longo desta caminhada, muitos agenciamentos foram se produzindo rizomaticamente.

Eu não era o agente de nenhum destes acontecimentos. Era o próprio ato de percorrer, de caminhar, tal qual o “Caminhando” de Lygia Clark, poder experimentar cada fragmento da paisagem passar numa continuidade do tempo, agenciamento de enunciação entre espaço e corporeidade.

A esse respeito Guattari (1993, p.153) apresenta um simples exemplo:

“A dobra do corpo sobre si mesmo é acompanhada por um desdobramento de espaços imaginários. Quando dirijo um carro, minha atração pelo espaço frontal equivale a colocar entre parênteses meu esquema corporal, deixando de lado a visão e os membros que se acham em posição de sujeição cibernética à máquina automobilística e aos sistemas de sinalização emitidos pelo meio rodoviário. (...) O espaço da escrita é, sem dúvida, um dos mais misteriosos que se nos oferece, e a postura do corpo, os ritmos respiratórios e cardíacos, as descargas humorais nele interferem fortemente. Tantos espaços, então, quantos forem os modos de semiotização e de subjetivação.”

A questão aqui é a mesma que no “Caminhando” de Lygia Clark, uma vez que o que se revela, numa simples caminhada, é o processo de produção, uma vez que são tantas as forças dos espaços, dos ambientes, que interferem e participam de nossa subjetivação, onde que, tal qual o exemplo de Guattari a respeito do ato de dirigir, não se pode dizer que é o sujeito quem dirige. Mas sim que o agenciamento carro, cidade, sistemas de sinalização, corpo, olho, etc, produz o ato de dirigir, que expressa um sujeito totalmente singular: isso é um agenciamento.

A respeito dessa cena que Valdir compartilhou com sua mãe, aconteceu algo muito importante, que ficou evidente para mim neste momento. Valdir estava fazendo parte de um grupo. O fato de eu não estar presente nesta cena, estar apenas colhendo o efeito dela através da alegria que estava compondo a relação dos dois, revela a potência grupal da residência na vida de Valdir (e de todos os envolvidos com a residência). O grupo acolhia Valdir de forma a potencializar seu repertório afetivo, seus recursos relacionais.

Barros (2007, p.325) propõe o grupo “grupo-máquina”, que não se esgota no coletivo de indivíduos e dispara a desconstrução de territórios enclausurantes da subjetividade. Nesse sentido o grupo é uma experimentação:

“Experimentar é procurar alterar os processos hegemônicos de subjetivação em curso: os que remetem aos indivíduos e estes a si mesmos, separando-os dos movimentos coletivos que os produzem.

Uma vida para fora ou para um dentro que seja apenas uma dobra do fora, uma vida para além das trocas intersubjetivas (entre pessoas), com atenção voltada para as ressonâncias mútuas. (...) A ética de que falamos é aquela que se põe a ouvir o estrangeiro que se produz no encontro com o outro.” (BARROS, 2007, p.323)

Havia um potencial de experimentação em cada uma dessas novas relações que Valdir estabelecia. Tratava-se de uma relação de grupo, que ia para além de um coletivo de indivíduos. Havia, sobretudo, a possibilidade de dar passagem ao estrangeiro, que transbordava cada um individualmente sob o efeito de ressonâncias múltiplas. No caso de Valdir, estava muito feliz de superar o medo, conseguir uma troca afetiva com o “esquisito”, perceber como sua presença pode ressoar operando mudanças nas relações da residência. Valdir era parte consistente do corpo grupal da residência.

Pelbart (2008), no texto “Elementos para uma cartografia da Grupalidade”, a respeito da consistência de um corpo grupal. Aproxima a idéia de plano de imanência e plano de composição em Deleuze e Guattari:

“Num plano de composição, trata-se de acompanhar as conexões variáveis, as relações de velocidade e lentidão, a matéria anônima e impalpável dissolvendo formas e pessoas, estratos e sujeitos, liberando movimentos, extraindo partículas e afectos. É um plano de proliferação, de povoamento e de contágio. Num plano de composição o que está em jogo é a consistência com a qual ele reúne elementos heterogêneos, disparatados. Como diz a conclusão praticamente ininteligível de Mil Platôs, o que se inscreve num plano de composição são os acontecimentos, as transformações incorporais, as essências nômades, as variações intensivas, os devires, os espaços lisos – é sempre um corpo sem órgãos.” (PELBART, 2008, p.2)

Ou seja, concluo que a partir do momento em que Valdir passou a frequentar a residência terapêutica, quando começou a fazer parte do corpo grupal da residência, passou a experimentar de forma mais constante, variações intensivas, transformações singulares, que teve como efeito, por contágio e ressonância, uma expansão do seu modo de se relacionar com sua mãe, com sua casa, com sua existência.

Inclusive com os momentos em que ocorria alguma crise agressiva. Houve uma vez em que Valdir agrediu a cuidadora que trabalhava na residência, Dona Bia. Ela não se assustou, segurou-o pelos braços e me gritou. Cheguei bem rápido e presenciei Dona Bia falando com Valdir, de forma muito paciente, cuidadosa, porém firme: “Você não vai bater em mim. Vai ficar tudo bem!” – Valdir parecia não ouvir. Estava com suas feições transformadas de raiva.

Eu aproximei-me e ajudei Dona Bia com Valdir. Falei alguma coisa com ele, mas nossas falas pareciam não produzir efeito. Segurei-o pelo braço, ele continuou fazendo força comigo. Ficamos um tempo assim, eu, Valdir e Dona Bia, que não saiu de perto. Passou um bom tempo fazendo força, mas ficamos ali juntos. Até que foi possível soltar seu braço e depois ele deitou um pouco e dormiu. Esta foi a primeira vez que vivi diretamente a agressividade de Valdir. Outros momentos como esse aconteceram.

Com o tempo, pude entender como era importante para Valdir que eu conseguisse sustentar minha relação com ele durante esses momentos, sem me desesperar. Em suas articulações com o pensamento winnicottiano, Rauter (2003, p.2) destaca o modo como Winnicott pensa a agressividade, como “uma das muitas fontes de energia do indivíduo” e como um fenômeno essencialmente positivo:

“(…) uma positividade nas manifestações da agressividade na criança, em sua atividade exploratória do mundo e como ferramenta nos processos de diferenciação subjetiva. Porém, quando o ambiente não se apresenta como suficientemente bom tais manifestações de energia poderão se dissociar da construção e da criação.”(RAUTER, 2003, p.3)

Havia algo de muito importante acontecendo nesses momentos, uma vez que ao final deles, geralmente Valdir dormia, ou rapidamente retomava sua atividade como se nada houvesse acontecido. Não se trata, obviamente, de infantilizar Valdir comparando-o a uma criança. Penso que sua organização subjetiva variava de forma muito sutil com condições ambientais, territoriais, de forma que nem sempre era claro para mim o que ocorria. E, ainda, mais importante para Valdir era a compreensão desse aspecto positivo da agressividade, como processo exploratório e como ferramenta de diferenciação subjetiva.

Dessa maneira, mesmo nos momentos de crise, a residência passou a ser também um espaço de experimentação e criação na vida de Valdir e sua mãe.

Houve outro momento difícil entre Valdir e sua mãe que acompanhei – casa revirada, feridas nos braços, conversas sobre internação, mudança de medicação, como do primeiro episódio. A agressividade havia chegado a limites bem parecidos como da primeira cena em que presenciei. No entanto já havíamos caminhado bastante a esse respeito e dessa vez fomos para a residência terapêutica. Passamos o dia por lá e, ao final da tarde sua mãe ligou para saber como ele estava.

Ele estava bem, havia almoçado e ainda dormia. Dona Amália então compartilhou que era aniversário de sua filha. Ela havia tentado contato pelo telefone, mas achava que a filha havia desligado, quando percebeu que era ela. E depois não conseguiu outra ligação. Não conseguiu dar os parabéns a sua filha e estava muito triste e com muita raiva pelo fato dela desligar o telefone. Disse que gostaria de descansar um pouco mais.

Valdir ainda dormia, então decidimos que seria melhor passarmos a noite na residência e retornaríamos no dia seguinte. Durante a noite Dona Amália tornou a ligar, queria saber como seu filho estava, mais uma vez. Assegurei-a de que Valdir dormia pesado, que estava tudo bem.

Desejou uma boa noite e voltou a dormir. Esta foi a primeira noite que Valdir passou na residência terapêutica. A primeira noite da vida dos dois que passaram separados, desta vez não pela instituição médica, pela psiquiatria. Dona Amália estava triste e com raiva da situação em que sua família se encontrava. E ela pôde compartilhar sua dor, pôde pedir ajuda com Valdir, pôde descansar. Pôde deixar seu filho ir, pôde se deixar cair mais uma vez, confiar no trabalho que estava cotidianamente sendo construído, confiar no acolhimento que recebia. Pôde deixar Valdir receber também esta acolhida.

Pelbart (1993), em seu texto intitulado “O tempo dos Anjos”, analisa o filme *Asas do Desejo*, de Wenders, e ilustra, através da imagem da queda, o potencial de transformação afetiva que deste ato. Trata-se de encontro com a afirmatividade da vida, sua tragicidade, onde que “seu corpo caído retoma um vigor inesperado, o pensamento de repente bifurca para longe da morte, ocorre-lhe como que um pequeno renascimento” (PELBART, 1993, p.19)

Penso que o valor destes momentos é algo como Rolnik (1994, p.11) analisa no filme “*Confiança*”, de Hall Hartley:

“Amparar o outro na queda: não para evitar que caia, nem para que finja que a queda não existe ou tente anestesiá-los seus efeitos, mas sim para que possa entregar-se ao caos e dele extrair uma nova existência. Amparar o outro na queda é confiar nessa potência, é desejar que ela se manifeste. Essa confiança fortalece, no outro e em si mesmo, a coragem da entrega.(p.8) (...) Aqui me parece necessário fazer uma distinção entre “fé” e “crença”. O objeto da fé é a utopia, uma representação de futuro que implica a idéia de completude, de

estabilidade, possível num além deste mundo, esteja esse além aqui na Terra, ou em outro lugar qualquer. Já o objeto da crença é o devir.”

Este era um passo importante que estávamos dando. Não se tratava de uma confiança, tal como uma “fé” numa espécie de estabilidade, ou uma fé num além deste mundo. O passo importante nesta caminhada era a confiança tal como a “crença” no devir, como experiência de fortalecimento a partir de uma capacidade de entregar-se ao caos e dele extrair uma nova existência. Esse efeito era conseguido a cada queda que pude acompanhar. Caminhando junto, estando ao lado, buscando não atrapalhar estes processos que, como já havia percebido, revelavam sempre um potencial de transformação.

A potência de estar ao lado, como presença afetiva, servia como consistência para esta queda acontecer de forma que Valdir e Dona Amália pudessem extrair algo novo. Era preciso tempo e, sobretudo, não atrapalhar.

Guattari (1985) propõe como o primeiro, de oito princípios para uma esquizoanálise “‘não atrapalhar’. Em outras palavras, deixar como está. Ficar bem no limite, na adjacência do devir em curso e desaparecer o mais cedo possível” (p.139) Ficava à espreita do que estava por vir, do que pedia passagem. Tal como no momento em que acompanhei a primeira crise de Valdir.

No dia seguinte, quando chegamos, Dona Amália estava renovada. Valdir também estava bem. Contavam algumas novidades um para o outro. Compartilhamos mais um café e foi quando Dona Amália pegou um álbum de fotografias bem antigo. “Tive tempo de chorar, descansar e de lembrar-me deste álbum. Olha aí, todos bem pequeninos!” – era um álbum dos seus filhos. Havia fotos de passeios, festas de aniversários, fotos da família reunida, em casa, parques. “Olha o que achei!” – Dona Amália mostrou-me uma foto onde estavam todos na praia, num lindo dia de céu azul. Havia fotos de parentes de Portugal.

Dona Amália abriu o álbum numa foto de Valdir, ainda bebê. Contou-me como foi seu nascimento. Revelou que houve uma complicação com o cordão umbilical, que Valdir demorou a nascer por isso. A demora, infelizmente, fez com que ele ficasse sem oxigenação e isso ocasionou um dano cerebral. Afetou seu desenvolvimento cognitivo e parte de sua motricidade. Segundo Dona Amália, Valdir demorou a engatinhar, a andar,

mas “mamar ele custou foi para largar!” – Dona Amália encontrou nessa lembrança uma alegria que a fez gargalhar.

Percebi a importância, a profundidade, destas separações que estavam vivendo, Valdir e sua mãe. Separações mediadas pelo AT, pela rua, encontros diversos, pela residência, seus afetos e intensidades múltiplas etc. Penso que Valdir estava conseguindo experimentar com sua mãe, um renascimento, dessa vez com bastante ar.

Boadella (1992, p.31) enfatiza aspectos da gestação e do parto que podem produzir marcas significativas em todo o processo de desenvolvimento:

“Por todo o resto de sua vida no útero, o organismo que está crescendo permanecerá enraizado como uma planta, até o rompimento final da conexão com essa raiz, no terceiro estágio do trabalho de parto. Neste momento, o bebê recém-nascido deverá ser colocado sobre o ventre ou no seio materno. Um corte prematuro do cordão umbilical pode levar a um estado de desconexão ou desenraizamento.”

Ocorre-me que, desde o início do AT, Valdir e sua mãe estavam elaborando este acontecimento na vida de ambos. Cada pequena separação envolvia um contato com esta marca que remetia ao nascimento de Valdir. “Eu achava que tinha sido culpa minha, que tivesse algo errado comigo. Só quando nasceu minha outra filha que vi que não havia algo errado comigo.” – continuou Dona Amália, olhando-me em tom interrogativo.

Não hesitei em dizer: “Não foi sua culpa. Algumas coisas acontecem.” – era como se Dona Amália precisasse apenas confirmar que eu estava ali com ela, então continuou: “E ontem lembrei-me do medo que senti quando meu filho foi para o CTI¹⁴ e não pude ficar perto dele. Que horrível foi aquela noite. Fiquei um bom tempo com medo daquela cor azul da roupa de hospital. Mas ontem lembrei disso, por isso liguei pra saber como estavam vocês. Mas depois me acalmei. Acho que ele precisa se afastar mesmo de vez em quando.” – concluiu Dona Amália com leveza.

¹⁴ Rosa (2010), apresenta um olhar sobre a importância e pertinência do afeto e do psiquismo na prática da Terapia Intensiva Pediátrica e Neonatal. Uma reflexão a respeito de sua prática médica neste ambiente e como foi incluindo as contribuições teóricas de Spinoza, Canguilhem e Winnicott. Uma das idéias presentes em sua dissertação é a importância do cuidado com a relação com o paciente, com o ambiente e com a família, fatores que influenciam positivamente no tratamento e recuperação das crianças.

Havia, portanto, nessa crise de Valdir, questões muito profundas sendo resgatadas. Um mergulho que envolvia o nascimento de Valdir, o nascimento de sua filha. Questões de mais de cinquenta anos atrás.

Valdir olhava a foto, olhava para sua mãe, virava para mim sorrindo e dizia: “Não sou eu não. Sou eu não...” – acompanhava atento e brincava se diferenciando daquela imagem de bebê. Havia um ritmo diferente nesta conversa, o olhar mais sereno, uma fala mais precisa. Não havia ansiedade naquele encontro.

Ouvia com atenção, tomávamos nosso café, conversávamos. Valdir contava para sua mãe, que ouvia feliz, os detalhes de onde dormiu, com quem dividiu o quarto, o que comeu, como se sentiu dormindo fora. Estavam alegres com essa descoberta de que era possível afastar-se um pouco, experimentar outras relações e voltar. Estávamos conquistando um ritmo, uma pulsação no trabalho.

Esse ritmo apresentou uma consistência possível para a experimentação de uma troca afetiva. Tanto mais Dona Amália conseguia fazer um mergulho em sua história, compartilhar a dimensão sensível dos acontecimentos que marcavam sua vida e de seu filho, tão mais longe conseguíamos (eu e Valdir) seguir em nossa caminhada; paradoxalmente, tão mais próximos sentíamos-nos em nossas trocas afetivas.

Mais confiantes ficávamos. Desembaraçávamos, a cada passo, mais um nó. Este dizia do cordão umbilical. Uma linha de vida que se desenrolava agora por novas ruas que percorria com Valdir.

Por vezes íamos geograficamente mais longe, até a residência, noutras íamos até a esquina e tomávamos um suco, ou nem saíamos de casa e viajávamos intensamente para longe através de um gole de café ou um copo d’água. Voltávamos renovados.

Guattari (2005, p.332) propõe uma explicação a respeito da viagem da qual estamos falando:

“(…) não é absolutamente ‘a viagem’, no sentido da *trip* americana, com todo o pano de fundo quase místico que essa noção de viagem tomou, digamos, em toda a Nova cultura. Então, ao invés de viagem, eu falaria, de um modo mais prosaico, de processo. Não existe, a meu ver, nível indiferenciado da subjetividade. A subjetividade está sempre altamente diferenciada, sempre processual. Portanto, um empreendimento esquizoanalítico, um agenciamento criador, produtor

de sentido, produtor de atos, produtor de novas realidades, é algo que conjuga, associa, neutraliza, monta outros processos.”

A essa altura de nossa caminhada, mesmo através de uma ligação telefônica, conseguíamos este efeito de “viagem”, esse caráter processual. Passou a ser comum a Valdir e a sua mãe, me ligarem apenas para compartilhar alguma coisa. Seja Valdir, ligando para me informar a respeito de alguma contratação nova do time do Flamengo, ou mesmo, mais raramente, quando seu time ganhava. Dona Amália ligava, dizia que Valdir havia pedido que ligasse, e às vezes ficava alguns minutos comigo conversando sobre a comida portuguesa que estava fazendo.

Tal como Guattari acima esclareceu, o AT já fazia parte da processualidade subjetiva de cada um dele e, dessa maneira, mesmo através dessas conversas telefônicas, acontecia um AT, como agenciamento criador de sentidos, atos, novas realidades, montagem de outros processos.

17. “A morte é uma conselheira”¹⁵

Mais um final de ano se aproximava. Presenciei algumas ligações de Dona Amália para Portugal. Isso passou a acontecer a partir de um telefonema que recebeu de uma de suas sobrinhas, em retorno à carta que havia postado. Ficou muito surpresa com a ligação da sobrinha, demorou a entender quem era. Conseguiu atualizar todos os telefones de seus parentes e acompanhava rigorosamente pelo calendário o aniversário de cada um.

Dizia que só conseguia ter tempo para ligar quando eu chegava, pois Valdir não a deixava. Valdir respondia dizendo quer era mentira dela. Acredito que sentia-se mais confiante com minha presença, pois eram conversas difíceis, muitas vezes. Sentia-se triste

¹⁵ “A morte é uma conselheira” e um capítulo do livro *Viagem à Ixtlan*, de Carlos Castañeda, onde Castañeda, em forma narrativa, expõe um de seus encontros com o velho Índio Don Juan. Trata-se de uma cena onde aparecem afetos como medo, terror, raiva, tisteza, dúvida. E também uma importante atitude, como a espreita. Segue um trecho: “A morte é a única conselheira sábia que possuímos. Toda vez que sentir, como sente sempre, que está tudo errado e você está prestes a ser aniquilado, vire-se para sua morte e pergunte se é verdade. Ela lhe dirá que você está errado; que nada importa realmente, além do toque dela. Sua morte lhe dirá: ‘Ainda não o toquei’.”(p.47)

com a distância, com o fato de não poder ir lá ver suas duas irmãs, sobrinhos etc. Sentia-se impotente em termos financeiros, presa em relação aos cuidados com Valdir.

Mas havia também uma alegria por estar conseguindo realizar essas ligações, sentia-se mais próxima. Sabia das novidades, atualizava-se em relação aos acontecimentos de sua família. Conseguia compartilhar comigo os medos e alegrias que esse contato envolvia. Eu acolhia dando algum retorno para Dona Amália.

Às vezes de forma simples, apenas valorizando o que acreditava ser mais alegre e transformador. “Mas quem é essa sobrinha portuguesa? Quando ela vai vir aqui tomar café conosco?” – então Dona Amália contava-me com entusiasmo sobre a sobrinha, a última vez que a viu em Portugal, a última vez que falou com ela ao telefone.

De fato, aguardava ansiosa pela visita de uma sobrinha que se organizava para vir ao Brasil. Sua sobrinha queria vir visitar uns amigos no Brasil e queria “conhecer” a tia e os primos que moravam no Brasil. Dona Amália estava feliz com a possibilidade de receber uma visita, mas temia que Valdir “aprontasse com a prima.” Sua sobrinha garantiu que não se preocupasse com isso, pois ficaria hospedada na casa de uma amiga. Dona Amália achou melhor esta idéia, mas afirmou à sobrinha que lhe prepararia um jantar, quando viesse. Contou-me como encerrou sua última conversa com a sobrinha: “Prometi-lhe um jantar aqui em casa, quando ela vier ao Rio. Olha que tu vais estar presente! Vou fazer uma salada de bacalhau portuguesa verdadeira!” – intimou-me Dona Amália em tom de brincadeira. Valdir acompanhava sorrindo e finalizou dizendo que “a comida dela é ruim.”

Seguindo os acontecimentos de fim de ano, havia uma festa marcada para acontecer na residência terapêutica. Valdir e Dona Amália foram convidados. Haveria um amigo oculto onde participariam todos os moradores, suas famílias e a equipe de ats. Dona Amália disse que não participaria, mas permitiu que Valdir participasse.

Sáímos juntos para comprar o presente de seu amigo oculto, nos preparamos para a festa. Essa conversa, preparação para festa, mobilizou uns três encontros nossos. Dona Amália queria saber quem era esse amigo, como ele era, seu nome etc. Estava bastante feliz com a participação de Valdir.

No dia da festa, 29 de dezembro de 2009, cheguei em sua casa no horário que combinamos. Estranhei o fato dele ainda não estar arrumado para sair. Estava dormindo ainda e parecia que eu estava chegando de surpresa, ou no dia errado. Dona Amália recebeu-me, já se justificando: “Olha Ronie, tivemos uma noite muito difícil aqui. Já o chamei algumas vezes, mas ainda não se levantou. Pensei em lhe telefonar para não vir, mas fale você com ele.” – estava visivelmente cansada, parecia triste. Mas queria que Valdir fosse para a festa.

Como já era nosso hábito, Dona Amália foi preparar um café, eu fui acordar Valdir. Tomaríamos um café com calma.

Acordei Valdir, que estava também muito abatido. Eu senti-me frustrado. Estava ajudando-o a se levantar, tomar um banho, escolher uma roupa, mas seguia silenciosamente trabalhando sobre as expectativas que eu havia alimentado a respeito desse dia. Gostaria que ele fosse, mas não precisava me apegar a esse futuro, pois isso enrijecia meu olhar. Era preciso acompanhar o que estava acontecendo, seguir “Caminhando” como Clark, de forma imanente ao processo.

Coloquei-me à espreita do que estava por vir. Não falei nada, esperei que ele ou sua mãe dissessem alguma coisa. Algo estava se passando.

Alguns minutos depois, estávamos todos na sala tomando um café quando sua mãe falou: “Sabes Ronie, desde a morte do pai de Valdir que não mais temos clima para fim de ano nesta casa. Tu sabes que ele morreu dia 31?” – Dona Amália esclareceu o que se passava. E seguiu: “Passávamos todos juntos o fim de ano, sempre. Depois de sua morte não havia mais clima para comemorarmos. Então já há uns anos ficamos eu e Valdir apenas. Mas acho que ele precisa ir dessa vez.” – eu ouvia Dona Amália com a sensação de que ela já havia decidido que Valdir ia comigo para a festa, porém ela precisava compartilhar o que se passava. Ouvia com atenção.

Contou-me detalhadamente como foi este acontecimento, desde o momento em que ele caiu doente, sua morte, a depressão que viveu depois, como cada um de seus filhos reagiu. Por fim, como “decidiu que ia se levantar pelo seu filho.” – ouvia com atenção e não percebia ressentimento, mágoa, ou qualquer dramatização. Era apenas a tragédia da vida. Havia um tom de decisão em sua voz. Ao mesmo tempo o entendimento de que o sentido de sua vida não se resumia a Valdir.

Tomávamos café, conversávamos, Dona Amália mostrou-me umas fotos para situar o contexto da morte de seu marido, como estava na época. Em dado momento, ela pergunta: “Mas vocês não estão atrasados para a festa?” – havia compartilhado o que precisava. E estava permitindo que Valdir seguisse comigo. “E aí Valdir, vamos para a esta então?” – perguntei a ele.

Para minha surpresa ele vira para sua mãe e faz seu gesto de costume, sorrindo: “Dêxa pá lá! Vâmo, vâmo!” – afirmava enfaticamente¹⁶ para sua mãe, com sua expressão maliciosa no rosto.

Sua linguagem expressava uma direção paradoxal: afirmar a morte para afirmar a vida. Era preciso seguir, deixar passar, “deixar pra lá”, mais uma vez. Era, mais uma queda que precisava ser afirmada, para que a vida, em sua dimensão de criação, se reerguesse e retomasse sua relação com o tempo como devir, diferenciação.

Dona Amália conseguiu, ao seu modo, “deixar pra lá”. Precisava ficar só, viver este luto. Mas conseguiu dar a Valdir outra forma de viver o fim de ano, fato que para ela significou abrir mão do controle que exercia sobre ele, abrir um pouco sua ferida, mas era “necessário que fosse assim.” – disse ela. Esta era sua vida, não havia outra sem esses problemas. Havia uma “luta cotidiana”, como dizia, porém esta luta não precisava ser uma luta para negar sua existência. Agora uma luta para encontrar e criar uma consistência para poder existir de forma plena a vida que se tem. Com os recursos que se tem.

A forma como Dona Amália organizava cotidianamente sua casa, a forma como ela cuidava e controlava a vida de Valdir, envolvia o que Winnicott (2000) denomina de defesa maníaca. Uma forma de atuação no ambiente, como uma “fuga para a realidade externa”, para negar sua “realidade interna” (p.201).

¹⁶ Amália/Vinícius é um disco gravado na casa de Amália Rodrigues em 1968, que registra seu encontro com o poeta Vinícius de Moraes. Numa das faixas, “Pra que Chorar” (letra de Vinícius de Moraes e Música de Baden Powell), o poeta fala sobre esta composição. Estava internado para cuidar do fígado quando escuta, no quarto ao lado, pessoas rezando e chorando por um “velhinho”. Inspirado nesta cena ele foi escrever seu samba. Explica que quando ele concluiu a letra do samba, percebeu o silêncio do quarto ao lado, pois o velhinho havia morrido. Esclarece que, apesar da morte que estava presente no contexto de criação, trata-se de um samba afirmativo. Criar este samba lhe preencheu com “uma espécie de paz, pois parecia que cada um tinha feito seu dever”. Ele fez o samba, as pessoas e o velhinho: “Pra que chorar, se o sol já vai raiar, se o dia vai amanhecer/ pra chorar se existe amor, a questão é só de dar, a questão é só de dor.”

A questão é que “na defesa maníaca o luto não pode ser vivido”(WINNICOTT, 2000, p.202). O autor apresenta algumas características da defesa maníaca que percebia em Dona Amália: “são a manipulação onipotente ou o controle, e a desvalorização desdenhosa. Ela se organiza em relação às ansiedades vinculadas à depressão, que é o estado de espírito resultante da coexistência de amor, voracidade e ódio.” (WINNICOTT, 2000, p.203)

Segundo Winnicott (2000, p.203),

“na medida em que as ansiedades depressivas diminuem em consequência da análise e a crença nos objetos internos bons aumenta, a defesa maníaca torna-se menos intensa e menos necessária, e por isso menos evidente.”

Penso que Dona Amália estava conseguindo iniciar um processo de luto. As boas experiências que ela e Valdir estavam vivendo, a partir da entrada do AT, estavam possibilitando a ela a diminuição de suas ansiedades depressivas. Suas defesas estavam diminuindo e conseguia suportar este contato com sua tristeza, sem o medo de cair numa profunda depressão. A maneira como ela havia se reerguido, após a morte de seu marido, colocou ela e Valdir numa cumplicidade perigosa, uma vez que qualquer afastamento de Valdir era sentido por ela de forma muito ameaçadora. Valdir, confusamente, respondia a esses afetos de forma bastante agressiva.

Obviamente que não pretendo resumir toda a complexidade da questão de Valdir e sua mãe a este fato. Tratava-se, no entanto, de mais um passo importante no processo de cada um deles. Uma vez que Dona Amália sentia-se triste, precisava viver este luto sozinha; e Valdir estava feliz de poder ir para a residência, comemorar seu final de ano com os novos amigos que havia conquistado. Uma paradoxal e potente experiência para Dona Amália: afirmar a morte para afirmar a vida.

Assim seguimos para a festa, atrasados cronologicamente, porém com uma sensação de estarmos na hora certa dos acontecimentos. Uma precisão no tempo que preencheu-nos, eu e Valdir, de segurança. Não lembrei-me de Dona Amália durante a festa, pois de fato senti que ela havia deixado seu filho ir e estava potente, apesar da tristeza que envolvia o seu processo.

Valdir estava aproveitando a festa, conversando com um e com outro. Comemos, compartilhamos um tempo juntos. A casa estava cheia. Trocamos nossos presentes. Tudo

correu de forma leve, suave. Ao final da festa, trouxemos alguma comida para sua mãe, algumas fotos tiradas no celular e, sobretudo, Valdir lhe trouxe muita história. Contava com alegria alguns acontecimentos que marcaram seu dia.

Dona Amália ouvia com atenção, olhos vivos e sorriso largo. Parecia que muito tempo havia se passado, como voltar para casa depois de uma longa viagem. Mas havíamos passado uma tarde fora, foi apenas *um* dia de AT. Depois contou-me como foi bom, importante, poder ficar sozinha nesse tempo; como foi transformador, sobretudo, ter conseguido deixar Valdir ir e experimentar alegria com isso. Achava que nunca mais veria uma cena como essa.

Fato é que era preciso afirmar a morte, não negá-la. Surpreendeu-se por não ter deprimido, como temia. A tristeza que sentia, a raiva, a dor, puderam ser vividas. A experimentação importante foi de deixá-las vir, e com isso poder passar. Percebeu que não precisava mais negar, recusar, defender-se tão rigidamente desses fatos. Esta era uma maneira de conservar esta dor, transformá-la em ressentimento, culpa. “Eu achava que eu não ia agüentar de tristeza.” – explicou-me Dona Amália. Mas poder compartilhá-la comigo e, sobretudo, com Valdir, foi a abertura por onde parte dessa dor escoou.

Resgato um trecho passado de nossa caminhada, mas que sempre retorna em forma de questionamento: “como acompanhar?” Seguir caminhando, e experimentando, manter o processo, o sujeito é o efeito deste encontro, de cada processo, tal como no “Caminhando” de Clark, mais uma vez. E, seguir caminhando, manter o processo é, originalmente, genealogicamente, afirmação. No seu limite, é preciso afirmação inclusive diante morte: “É a afirmação que nos faz entrar no mundo glorioso de Dionísio, o ser do devir.” – como já vista num ponto atrás na caminhada.

Esse é um aspecto da imagem do AT muito importante. Tal como na fita de Moebis, o Caminhando de Lygia Clark, passa-se muitas vezes por pontos muito próximos, mas nunca o mesmo, enquanto se estiver em contato com o processo. Uma vez que, “passar pelo mesmo ponto” na obra de Clark, supõe a parada da obra, supõe o corte final. Cada “Caminhando” supõe várias passagens por pontos muito próximos, no entanto, sempre diferentes.

Como referência espaço-temporal, trata-se de um certo efeito de ritornelos existenciais a partir de um agenciamento complexo de composição de territórios. O giro,

dependendo de sua velocidade, pode ser experimentado de forma caótica, embaralhamento das referências fixas do espaço-tempo. Onde que o espaço não é mais percebido como estabilidade concreta e externa ao sujeito, e tempo rompe com uma cronologia, medida matemática de um tempo especializado. A imagem do “Caminhando” de Lygia Clark, portanto, como processo de criação de sujeito e objeto a partir da experimentação de um espaço-tempo indiscerníveis, serve como uma imagem para o AT, como criação de territórios existenciais.

Tal imagem, pensada pelo aspecto temporal, aproxima-se da imagem do eterno retorno, como retorno da diferença em seu aspecto ético seletivo. O “mesmo”, o “idêntico a si”, quando retorna no “Caminhando” supõe a parada do processo de criação. Não é possível cortar o mesmo ponto duas vezes sem que isso não seja interromper o processo. Manter o Caminhando supõe sempre um pequeno desvio em relação aos pontos precedentes.

Havia, claro, interrupções, como já pude explorar. Cortes, paradas, pausas. Penso que esta imagem auxilia-me a transmitir a idéia de, mais importante do buscar o sentido da pausa no passado, era mais importante manter o processo de caminhada, sempre de forma presente, uma vez que este ponto retornaria, no futuro, já com mais alguns elementos para produzir algum sentido. Como exemplo, já havíamos passado por outros finais de ano, no entanto só agora foi possível à Dona Amália compartilhar esta experiência. Foi preciso construir muito chão antes deste acontecimento. Territórios existenciais suficientemente consistentes para compartilhar esta experiência.

Sempre recomeçar, portanto, sempre renascer. A capacidade de viver esta vida, amar cada acontecimento como único, como necessário. Amor fati de Nietzsche. Uma pequena separação, uma tarde, uma festa, porém, mais uma vez, uma questão de vida e de morte. Sabedoria final de Nietzsche (1995, p.51), quando esclarece “Por que sou tão inteligente...”:

“Minha fórmula para a grandeza no homem é *amor fati*: nada querer diferente, seja para trás, seja para frente, seja em toda a eternidade. Não apenas suportar o necessário, menos ainda ocultá-lo – todo idealismo é mendacidade ante o necessário – mas amá-lo...”

Amor *fati*, amar cada acontecimento, entende-lo como necessário, não ocultá-lo, não colocar em seu lugar qualquer tipo de idealismo, uma vez que qualquer idealismo é

uma negação, uma ficção, uma tentativa de enganar a dimensão necessária do acontecimento. É necessário “amá-lo”, afirma-lo, no sentido em que não há uma outra vida sem ele.

Deleuze e Parnet (1998, p.53), sobre o amor *fati*:

“O amor está no fundo dos corpos, mas também sobre essa superfície incorporal que o faz advir. De modo que, agentes ou pacientes, quando agimos ou sofremos, resta-nos, sempre, sermos dignos do que nos acontece. É essa, sem dúvida, a moral estóica: não ser inferior ao acontecimento, tornar-se o filho de seus próprios acontecimentos. A ferida é algo que recebo em meu corpo, em tal lugar, em tal momento, mas há também uma verdade eterna da ferida como acontecimento impassível, incorporal. ‘Minha ferida existia antes de mim, nasci para encarná-la.’ (Joe Bousquet) Amor *fati*, querer o acontecimento, nunca foi se resignar, menos ainda bancar o palhaço ou o histrião, mas extrair de nossas ações e paixões essa fulguração de superfície, contra-efetuar o acontecimento, acompanhar esse efeito sem corpo, essa parte que vai além da realização, a parte imaculada. Um amor da vida que pode dizer sim à morte.”

Havia neste momento, ao ser possível falar da morte do pai de Valdir, um potencial de contra-efetuação do acontecimento, retirar dele um sentido maior, renascer a partir do acontecimento. Uma transformação afetiva que, no limite com a morte, afirma-a em nome da valorização da vida. Não se trata de resignação ou “bancar o palhaço ou histrião”, buscar, ingenuamente, ver tudo pelo lado positivo. A questão é de transformação intensiva a um só tempo corpo e mente, onde que a experiência é também no corpo e mente o retorno do processo. Tudo começa e recomeça com um sim, mesmo à morte.

Recorro a Bruno (2004, p.220) para apresentar como experimentamos – eu, Valdir e sua mãe – este momento:

“(…) a lição do eterno retorno: não há retorno do negativo. A pulsão de morte, como negatividade determinada, não é o campo do acaso nietzschiano. O ensinamento de Nietzsche é que acaso não contém nenhuma negação. O reino do negativo é o reino dos animais poderosos, Igrejas e Estados. Mas é o reino também do assassino de Deus que nos diz: nada na natureza promete a felicidade. Os olhares soturnos da má consciência desfiguram o acaso, projetam sobre ele todas as tristezas (falta, culpa, renúncia, frustração, privação, angústia etc.) É isso o trágico dialético. A idéia do “sim contra o não” vem de um ensinamento prático (ético) de Nietzsche: a diferença é feliz. Na lógica seletiva do eterno retorno, só a alegria retorna.”

Todo ano há festividades de final de ano, em todo final de ano retornava a morte, trazendo com ela “o reino dos animais poderosos”, “os olhares soturnos da má consciência”, que faziam que, repetidamente, Valdir e Dona Amália vivessem o fim de ano como falta, culpa, frustração, privação etc. No sentido em que encontramos, a partir de longa experimentação, longa caminhada, este ponto de diferença possível em tudo que retorna, foi possível dizer sim, inclusive à morte. Nas palavras de Bruno (2004, p.220): “(...) ensinamento prático (ético) de Nietzsche: a diferença é feliz. Na logica seletiva do eterno retorno, só a alegria retorna.”

O tempo estava passando em Valdir e em sua mãe, também entre um e outro, e continuávamos nossa caminhada, criando uma nova forma de se relacionar com a vida.

18. Forças Militares nas ruas do Rio de Janeiro: retorno à Segunda Guerra Mundial

Agora nossa caminhada dará um grande salto no tempo. Passo para um próximo acontecimento marcante com Valdir e sua mãe. Este se deu no ano seguinte, última semana do mês de novembro de 2010. Estávamos vivendo *mais uma* intervenção das forças armadas na cidade do Rio de Janeiro. O Complexo do Alemão estava sendo ocupado pelo Exército e pela polícia militar para combater o tráfico de drogas. Havia blindados nas ruas, soldados do Exército, policiais, fugas de traficantes, perseguições, tudo sendo filmado e transmitido ao vivo em rede nacional.¹⁷ O clima era de guerra. A mobilização em torno deste fato era grande.

¹⁷ A respeito das intervenções das Forças Armadas em território nacional, envolvendo o tema da criminalidade e produção de subjetividade ver o livro de Alvarenga Filho (2013) “A Chacina do Pan e a Produção de Vidas Descartáveis no Rio de Janeiro.” Ver, ainda, Cecília Coimbra (2001) “Operação Rio: o mito das classes perigosas – um estudo sobre a violência urbana, a mídia impressa e os discursos de segurança pública.”

Em alguns bairros próximos ao Complexo do Alemão, também estava difícil circular. Mas eu precisava sair para encontrar Valdir em sua casa. Ele morava em Maria da Graça, que não era tão próxima dos pontos críticos, mas achei melhor ligar para confirmar. Tentei algumas vezes, mas não consegui contato. O telefone chamava até cair na caixa postal. Achei estranho, mas decidi ir. Imaginei que seria bom passar por lá, tomar um café, conversar um pouco. Mesmo que não saíssemos de casa.

Decidi levar um pó de café e uns pães de queijo. Passei na banca de jornal e as manchetes eram sensacionalistas e aterrorizantes. Peguei uma revista sobre futebol para compartilhar com Valdir. Tentei mais uma ligação, mas não consegui contato. E assim fui: armado de café, pão de queijo, revista de futebol e ouvindo música pelo rádio. Meus afetos alegres, revolucionários. Mas ouvindo também as notícias de guerra e medo que circulavam nas conversas das pessoas.

Através destas trocas mediadas pelo café e conversas sobre futebol, havia a possibilidade de criar as condições para experimentarmos bons encontros, agenciamento de afetos alegres. Não se trata de negar os acontecimentos, no entanto havia uma produção de medo que eu não compactuei.

A esse respeito, recorro à Deleuze e Guattari (1997): “A existência nômade tem por ‘afectos’ as armas de uma máquina de guerra.”(p.76) Os autores afirmam que “não se pode falar de armas ou ferramentas antes de ter definido os agenciamentos constituintes que eles supõem e nos quais entram”(p.76) e que “os agenciamentos são passionais, são composições de desejo. O desejo nada tem a ver com uma determinação natural ou espontânea, só há desejo agenciado, maquinado.”(p.78).

Penso que esta concepção de desejo como agenciamento e maquinação esteve presente em toda caminhada. A esse respeito, no Abecedário, Deleuze (1988) explica sua construção com Guattari a respeito do conceito de desejo:

“Queríamos dizer a coisa mais simples do mundo: que até agora vocês falaram abstratamente do desejo, pois extraem um objeto que é, supostamente, objeto de seu desejo. Então podem dizer: desejo uma mulher, desejo partir, viajar, desejo isso e aquilo. E nós dizíamos algo realmente simples: vocês nunca desejam alguém ou algo, desejam sempre um conjunto. Não é complicado. Nossa questão era: qual é a natureza das relações entre elementos para que haja desejo, para que eles se tornem desejáveis?(...) Proust disse, e é bonito em Proust: não desejo uma mulher, desejo também uma paisagem envolta nessa

mulher. (...)Nunca desejo algo sozinho, desejo bem mais, também não desejo um conjunto, desejo em um conjunto.”(p.18)

Em cada encontro que tivemos, experimentamos o inconsciente como maquinação do desejo, agenciamento desejante. Desejo, para Deleuze e Guattari, é efeito de maquinação, construção, produção inconsciente; não há desejo que não corra para um agenciamento, que é sempre coletivo, paisagem. Não se trata de espontaneísmo, ou liberação do desejo. É sempre construção e agenciamento. Trata-se de construir os agenciamentos que lhe convenha a partir de experimentações. (DELEUZE, 1988, p.22)

Dessa forma eu cheguei ao seu prédio. Com os recursos de que dispunha que convinhas a nossos encontros. Quando cheguei em seu prédio, ao tocar o interfone de seu apartamento, para minha surpresa, não ouço nada. O interfone não estava funcionando também. Já estava intrigado com dificuldade de comunicação. Alinhei-me com a janela do quarto de Valdir para chama-lo. Seu apartamento era no segundo andar. Achei estranho o fato de a janela estar fechada, pois normalmente ela estava aberta.

Chamei por ele, depois por sua mãe. Nem um nem outro ouviram. Geralmente Dona Amália fechava as janelas quando iam dormir, ou quando saiam de casa, pois “nunca se sabe. Aqui é prédio, mas é baixo.” – se referia ao medo de ser assaltada. Nesse momento fiquei inseguro. “Será que havia acontecido alguma coisa?” – mas decidi esperar mais um pouco.

Uma vizinha que já conhecia estava chegando. Perguntou se eu queria entrar, mas pedi que conferisse se havia alguém em casa. Caso houvesse, que avisasse que eu estava ali esperando. Não passou muito tempo, Valdir abre abruptamente a janela de seu quarto, atira-me uma chave e grita “sobe!”. Achei tudo muito estranho, abri o portão do prédio, subi as escadas. O clima era de reclusão, incomunicabilidade. Estava intrigado com isso. “Por que será que não me atendiam o telefone? Porque tudo fechado? Que tipo de problema houvera?” – pensava.

Quando toquei a campainha, Dona Amália abriu a portinhola, colou seu rosto no quadradinho e me olhou com uma expressão de quem não estava disponível para visitas. Assim que me viu, disse em alto e bom tom: “Mas é impossível!” – ouvi e fiquei apreensivo. Mas não estava ali para uma visita qualquer, afinal de contas estava marcado nosso horário. Mas também estava preparado para voltar, caso não houvesse

disponibilidade em me receber. Ela fechou a portinhola e escutei sua voz pelo lado de dentro de casa falando com Valdir: “Tú não sabes quem estás aqui!” – na sequencia abriu a porta com expressão mais disponível.

Estavam com a televisão ligada e acompanhavam também as notícias. Assim que entrei Dona Amália já se justificou a respeito do telefone. Houve uma briga entre os dois e nessa briga o telefone quebrou. O interfone estava já quebrado antes mesmo da briga. “Parece que tudo resolver dar defeito aqui nesta casa!” – concluiu de forma constrangida.

Dona Amália disse que teria me ligado para não ir, pois estava com medo de deixar Valdir sair “neste clima de Guerra.” Mas disse que não achava ruim minha chegada lá, que aproveitaríamos para conversar um pouco. Estavam sem contato telefônico, sem interfone, janelas fechadas, assistindo àquelas notícias pela televisão. “Estávamos em guerra!” – pensei.

“Trouxe mantimentos: tenho café, pão de queijo e as últimas notícias sobre futebol!” – coloquei o saco de “mantimentos” à vista de Valdir e de Dona Amália. Ele ignorou a televisão, pegou a revista e sentou-se à mesa para ver. Ela achou graça do que eu disse. “Mas veja só! Então vamos fazer um lanche!” – ela pegou o saco, foi para a cozinha falando sozinha. “Mas não é possível, esse menino vir aqui hoje (!)... veja isso Valdir... e ainda nos trouxe pão de queijo...” – entendia melhor a conotação do “impossível”. Achou improvável que eu saísse de casa num dia como o que estávamos vivendo.

Sentiu a minha chegada como uma confirmação de um vínculo afetivo que havia entre nós, para além do compromisso de trabalho. Preparou rapidamente um café, colocou os pães de queijo num prato, sentamos à mesa para conversar. A televisão continuou ligada, pois queria acompanhar as notícias da ocupação militar pela televisão.

Durante o preparo do café, Dona Amália já começou a falar. Contou-me que essas cenas acionava algumas lembranças que tinha do contexto da Segunda Guerra Mundial. Achou graça da minha fala a respeito dos mantimentos, pois seu pai trabalhava como motorista de uma fábrica durante a guerra. Trabalhava transportando produtos e materiais para esta fábrica.

Não lembrava o que ele transportava, mas lembrava-se de que ele se despedia antes de ir trabalhar e dizia: “Não se preocupe, não fazemos parte disso.” – se referia ao fato de Portugal não estar em guerra. Isso não era suficiente para diminuir o medo que sentia quando seu pai saía para trabalhar. Lembrava-se de que passaram uma fase difícil neste contexto. Era preciso controlar a comida, por exemplo. “Mas nunca faltou comida e ele sempre trazia algo para mim quando voltava da rua.” – esclareceu Dona Amália.

Uma coisa que seu pai lhe deu que ela não esqueceu foi um rádio: “Ele deu-me aquele rádio, mas era ele quem não desgrudava daquilo. Eu dormia no seu colo e ele ficava ouvindo as notícias. Por isso gostei do rádio.” – eu e Valdir ouvíamos e comíamos.

Dona Amália contou várias outras histórias a respeito de seus pais. Neste contexto moravam em Portugal numa grande casa. Era muito criança, mas lembrava-se do medo que sentia e de como lutava contra o sono para ficar ouvindo o rádio com o pai. Queria passar mais tempo com ele, pois quando acordava no dia seguinte, estava em sua cama e seu pai já havia saído.

Conversávamos, vimos algumas fotos. Havia fotos dos seus pais, seus padrinhos, seus irmãos, fotos dela criança. De seu casamento, de seus filhos pequenos. A história desde seu nascimento até seu casamento e sua vinda para o Brasil foi contada através das fotos que iam aparecendo de forma não linear. A essa altura Valdir já dormia no sofá e a revista de futebol estava jogada no chão. Este foi o mergulho mais profundo que demos. Chegávamos ao seu nascimento.

Contou-me como foi depois da Guerra, o trabalho do seu pai, a mudança de casa que precisaram fazer, seus estudos, educação religiosa, sua relação com a família, em especial com a mãe. Seu irmão mais velho foi o primeiro a sair de casa, veio para o Brasil. Este fato foi marcante para todos.

Dona Amália, a essa altura com seus 19 anos, apaixonou-se pelo amigo de seu irmão. Um rapaz que também estava com passagem marcada para o Brasil. Se relacionaram por uns meses, e ele prometeu que voltaria para se casarem, assim que conseguisse. E quando Dona Amália completou 20 anos, este “rapaz atrevido”, como descreveu seu futuro marido, voltou. Em poucos dias estavam noivos e logo se casaram. O “rapaz atrevido” chamava-se Estêvão. E assim, no final dos anos 50, Amália e Estêvão chegam ao Brasil. Chegaram de navio, na região portuária do Rio de Janeiro.

Mudaram-se para uma grande casa em Maria da Graça, onde a parte de baixo serviu para seu marido abrir uma mercearia. Uns dois anos depois já estava grávida de Valdir. Era muito conhecido e querido no bairro. O negócio seguia bem. Dona Amália disse que viveu uma “gravidez perfeita” e que não imaginaria que teria uma complicação na hora do parto. “Foi um susto muito grande o que vivi, toda aquela demora.” – e contou-me mais uma vez como foi o nascimento de Valdir. Parte da história que já contamos.

Este foi o mergulho mais profundo que demos em sua história, chegando até seu nascimento, no contexto da Segunda Guerra Mundial. Da ocupação Militar do Complexo do Alemão, no Rio de Janeiro em 2010, para a Segunda Guerra Mundial. Um saco com café e pão de queijo, conectado afetivamente com uma lembrança do contexto da guerra em que seu pai chegava em caso com sacos de comida. Experiência que remeteu Dona Amália à sua infância. Fato que remeteu à própria “infância” do AT, onde pretendo recortar sua genealogia.

Tosquelles nasceu em 1912, formou-se em medicina em 1935, especializando-se em Psiquiatria. Lutou na Guerra Civil Espanhola, mergulhando no combate com as milícias antifascistas. O Instituto Psiquiátrico de Pere Mata, onde trabalhava, com a Guerra Civil, foi obrigado a evacuar os internados e tornou-se um Banco de Sangue para atender os feridos republicanos da região. Com a vitória militar do franquismo, em março de 1939 Tosquelles foge para a França e infiltra-se em um campo de concentração (em Sept-fonds), onde fica por um ano e meio e acaba atuando informalmente como psiquiatra. Ele se valeu dessa situação não só para tratar dos pacientes, como também para facilitar suas fugas. Em janeiro de 1940 ele recebe o convite para trabalhar no Hospital Psiquiátrico de Saint Alban. E, em 1941, inicia um intenso campo de experimentações de novas formas de organização do hospital e do trabalho terapêutico. (ATHAYDE, *et al*, 2012, p.4)

Guattari (1993) explica que iniciou seu trabalho em La Borde em 1955, passando a conviver com Jean Oury, que “(...) havia aprendido o ofício de psiquiatra com François Tosquelles, em Saint Alban, onde se produzira, durante a guerra, uma verdadeira revolução interna através da luta pela sobrevivência coletiva, a abertura para o exterior, introdução de métodos de grupo etc.”(p.184)

Esclarece que em 1975, através de esforço de aproximação com movimentos internacionais, buscou “(...) conjugar e, se possível, ultrapassar as tentativas diversas inspiradas em Laing, Cooper, Basaglia etc...”(p.195) É nesse contexto que surge o acompanhamento terapêutico. Isso, já aqui em terras sul-americanas, nas comunidades terapêuticas na Argentina (Buenos Aires) e no Brasil (Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro).

Berlinck (2012) analisa o impacto da Ditadura Militar nos movimentos da saúde mental no Brasil. Operando, sobretudo, um corte em relação aos ideais das comunidades terapêuticas e todo o movimento de contracultura das décadas de 60 e 70. Nesse período houve uma proliferação de novos hospitais psiquiátricos e uma retomada do modelo asilar manicomial. (BERLINCK, 2012, p.30)

Esclarece, Berlinck (2012), que ao final da ditadura militar se inicia a Reforma Psiquiátrica brasileira, nos anos 1975-1985. Em relação à Reforma, destaca alguns acontecimentos importantes: a criação das novas Diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS), em 1986; o Projeto de Lei nº 3657/89, de 1989, que trata da Lei da Reforma Psiquiátrica; a Declaração de Caracas, em 1990, que entre seus objetivos, figura a superação do modelo hospitalocêntrico e a busca por assegurar o respeito aos direitos humanos e civis dos pacientes mentais; e a Lei Federal nº 10.216, de 2001, que estabelece uma diretriz não asilar para o financiamento público e o ordenamento jurídico da assistência psiquiátrica no país, ou seja, a lei da Reforma Psiquiátrica brasileira foi aprovada. (BERLINCK, 2012, p.31)¹⁸

¹⁸ Em relação aos desdobramentos mais precisos à respeito da Reforma Psiquiátrica Brasileiro, considero o texto “Loucos Pela Vida”, de coordenação de Paulo Amarante (2013) uma boa indicação. Em relação ao lugar do AT na reforma psiquiátrica, considero a Dissertação de Benevides (2007a), a tese de Palombini (2007) referências importantes. Em relação à história do Acompanhamento Terapêutico, considero importante a Dissertação de Reis Neto (1995) e Sereno (1996).

19. O caderno de anotações de memórias de futuro, um jantar, uma viagem

Dona Amália, neste contexto, se preparava para receber sua sobrinha que vinha de Portugal. Iria utilizar o pirex oval que havia comprado numa de nossas idas ao psiquiatra, tempo atrás. Estava escolhendo um local para comprar “o melhor bacalhau da cidade!”, nas suas palavras. A cozinha de sua casa estava ativa. O dia do jantar português estava se aproximando.

Eu iria participar, estava há muito tempo convidado para este encontro. Estava anotado em seu caderno de memórias. Sim, fato é que, estou agora falando de acontecimentos que datam de 2012. O jantar aconteceu em março de 2012, mas o caderno a que me refiro, foi um presente que dei a Dona Amália em seu aniversário, em 2011.

Ela gostou da idéia de anotar suas memórias. Mas acrescentou: “Mas só posso anotar o que passou?” – questionou-me, quando lhe apresentei o presente como uma “caderno de memórias”. Esclareci que não, era um presente e ela poderia escrever ou fazer o que quisesse com o caderno.

“Então vou escrever aqui o jantar que nós vamos fazer e você está intimado a participar!” – anotou em seu caderno esse pedaço de futuro que queria preservar. Valdir, mais uma vez, não perdeu a piada e acrescentou: “Anota que o flamengo vai perder e que a comida dela é ruim!” – sua mãe obedeceu e, com alegria anotou tudo ali.

A essa altura de nossa caminhada, eu e Valdir nos preparávamos para uma longa viagem. Iríamos, com todos os moradores da residência terapêutica, passar quatro dias acampados. Tratava-se de um grande grupo, envolvendo todos os ats da equipe, todos os moradores e alguns amigos convidados. Em torno de trinta pessoas.

Nesta viagem, Valdir tomou seu primeiro banho de cachoeira na vida. Dormiu acampado pela primeira vez. Estávamos a quilômetros de distância de casa. Foi uma viagem muito agradável.

20. Conclusão

Chego ao fim desta caminhada e percebo uma coisa: estou diferente em relação ao modo como entrei neste processo. O processo de estudo, elaboração de idéias, resgate de fragmentos clínicos, construção de cenas, organização do texto, foi um longo percurso.

Considero importante começar esta conclusão pelo processo de escrita. No meu caso, pensar o AT através da escrita foi algo que sempre se fez presente. A escrita serviu sempre como uma possibilidade de elaboração, de produção de sentido e registro de situações que considerava importante. Havia, nos momentos desses registros, a sensação de estar encontrando com algo importante.

Percebo a escrita também como um território existencial, onde é possível se estar em casa, respirar. Uma morada provisória. Digo provisória, pois a escrita, por vezes, é também território angustiante, solitário e por vezes ameaçador. Há momentos de perda de sentido. Nessas horas, mais uma vez o AT serve como recurso, pois caminhar, sair para rua, deslocar o corpo e o pensamento, dar um tempo para o sentido chegar.

Isso aconteceu muitas vezes ao longo do processo. Foi uma escrita nômade, desde o princípio. Alguns destes fragmentos foram produzidos dentro de metrô, em bancos de praça, em bares. Território provisórios, passagem entre um lugar e outro.

Trabalhar esses fragmentos, transformá-los em cenas, relacioná-los com a teoria, foi um trabalho mais longo. No entanto, muitas desses agenciamentos aconteceram também em ato. Anotava, durante cada registro, também as idéias e associações que o próprio acontecimento produzia. O pensamento, forçado pelos encontros, fazia o trabalho intensivo. A escrita dava extensão aos encontros.

Tentei preservar ao máximo os caminhos que o pensamento assumiu. Percebo hoje, que cada registro que realizei o longo deste processo, cada fragmento clínico que utilizei ao longo deste processo de mestrado, significa o encontro com alguma zona de intercessão com a loucura. Encontro que, por efeito de contágio e ressonância, operou em minha vida como proliferação de sentidos e de formas possíveis de se viver.

Sempre que encontrei a saúde, a potência de cada vida, em cada acompanhamento, encontrei também uma saúde em mim. Uma saúde revelada a partir do potencial transformador destes encontros. Houve também padecimento.

Esse foi, inclusive, uma das motivações que me levaram a escolher o AT que realizei com Valdir para pensar sobre o AT. Valdir passou por várias modalidades de tratamentos, desde internações, eletroconvulsoterapia, foi amarrado diversas vezes, foi hipermedicado, diversas vezes. Havia muita violência marcada em seu corpo e no de sua mãe. No entanto, foi também o acompanhamento que mais me revelou o potencial transformador do afeto. O potencial transformador de uma caminhada. O potencial transformador de intervenções sutis, virtuais.

Busquei, através dessas cenas apresentadas, trazer para o texto da dissertação a dimensão indisível e invisível de cada encontro. A escolha por este estilo de escrita intentou transmitir esta dimensão inalcançável às palavras. E também chegar mais perto do cotidiano do AT.

Desde situações como um simples café, uma visita ao psiquiatra, uma parada no bar da esquina, como situações mais caóticas como um momento de crise. Busquei, nessas situações cotidianas, situar a função AT, sempre limiar, sempre em contato com experiências limites.

Situações cotidianas no AT que revelam seu atual enfrentamento. É preciso ultrapassar os guardiães da ordem e da moral que estão nas portas dos manicômios mentais da subjetividade contemporânea. É preciso estar à espreita para que o AT não reproduza o controle sutil ao ar livre, controle invisível das virtualidades, que atua diretamente na imanência.

E preciso estar à espreita, não ser ingênuo ao ponto de acreditar que basta ir para rua que seu trabalho estará, ética e politicamente, garantido. Há de se enfrentar cotidianamente esta sociedade sem manicômios, que propõe uma homogeneização assepsia social. É preciso garantir o espaço da diferença, o lugar da estranheza, dos estrangeiros. Assim também me ensinou Dona Amália. Pois na verdade, todo caso de AT supõe um contato com o estrangeiro. Todo processo de saúde supõe este contato com a estrangeiridade. Com a diferença. Criar é diferir.

Penso que o AT, aliando sua prática ao paradigma estético, encontra ferramentas conceituas e afetivas que o instrumentaliza para este enfrentamento sutil no cotidiano. Não perder de vista, em cada situação vivida no AT, sua função de acompanhar os processos de criação de territórios existenciais.

Retomo, portanto, a pertinência das cenas cotidianas aqui apresentadas, como forma de pensar o AT a cada encontro. A cada encontro no AT está presente a questão territorial. Desde seu transbordamento do território clínico tradicional, que pensa a clínica a partir do *setting* clínico, dentro de seus limites teóricos e espaciais. Desde sua emergência como dispositivo clínico junto à loucura, como transbordamento das instituições manicomiais. Penso que a questão territorial sempre está presente no AT. Toda demanda por AT, supõe alguma parada no processo de criação de territórios existências.

Acompanhar é estar atento às linhas que compõem cada território. No caso de Valdir, havia o medo. Havia a culpa. Afetos responsáveis por agenciamentos que reproduziam seu padecimento, constrangimento existencial num território mínimo, recluso, individual, pessoal. Foi preciso prudência. Pois aqui, uma desterritorialização abrupta produz mais medo, mais culpa. E com isso o risco de uma reterritorialização mais violenta, o risco do resgate das práticas mais embrutecidas, mas não esquecidas. Sua mãe dizia, não sem sofrimento, tomada de medo e culpa: “é preciso levar umas boas lições.” Há de se ter prudência com esses afetos.

Foi preciso superar minha pretensão arrogante em colocar o AT como a salvação: “Eu sabia o que fazer, eu sabia o que era melhor, eu sabia qual era minha missão.” – acompanhar processos existenciais não se reduz ao saber. É questão de intercessão, ressonância e criação. Saber, por vezes atrapalha.

Foi preciso muita prudência. Valdir e sua mãe estavam muito ligados e há muitos anos. Foi um caso em que o acompanhamento se realizou para ambos. Sua mãe, com as saídas, encontrou também suas linhas de fuga, experimentou bons encontros. Pode ir confiando, aos poucos, no processo. A diferenciação entre os dois aconteceu de forma sutil. De acordo com o tempo de cada um. Um processo onde que o tempo foi um fator muito importante.

Penso que sempre é. Intervir, muitas vezes é apenas ser sensível ao tempo. À passagem das intensidades, variações afetivas, acompanhar as mudanças sutis. Garantir este tempo, para que um processo subjetivo se efetue, se territorialize. São processos pré-verbais. Sempre presentes, em cada um dos envolvidos num AT.

Os ambientes, as condições de produção de subjetividade. Ao longo desta caminhada com Valdir e Dona Amália, fui percebendo cada vez mais a importância desta dimensão pática, estética para o AT. Experimentação e prudência.

A questão da desconstrução de lógicas manicomiais, medicalização da vida, práticas de exclusão, é, sobretudo, uma questão de construção. Processo que se faz cotidianamente criando um corpo sem órgãos neste limiar indiscernível entre o social e o individual.

Penso que as cenas escolhidas para compor essa dissertação fazem ver, no cotidiano, como a arte da prudência é necessária a este processo de construção de novos territórios para a loucura. O paradigma estético, portanto, como recurso para toda situação clínica, onde sempre há uma questão territorial envolvida.

21. Referência Bibliográfica

CARROZZO, Nelson Luiz M. (Coord.) *A rua como espaço clínico – Acompanhamento Terapêutico*. Orgs. Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-Dia A Casa; São Paulo: Escuta, 1991.

ALVARENGA FILHO, José Rodrigues de. *A Chacina do Pan e a produção de vidas descartáveis no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Multifoco, 2013.

ALVAREZ, Jhonny; PASSOS, Eduardo. *Cartografar é habitar um território existencial*; publicado em. *Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. Orgs PASSOS, Eduardo; KASTRU, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da; Porto Alegre: Sulina. 2009.

AMARANTE, Paulo. (Coord.) *Loucos pela vida: a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil*; Rio de Janeiro: Fiocruz, 6ª Reimpressão (2ª edição), 2013, 136p.

ARAÚJO, Fábio. *Um passeio esquizo pelo acompanhamento terapêutico: dos especialismos à política da amizade*; Niterói, RJ: 2006. 192p.

ATAHYDE, Milton; ATHAYDE, Vladimir; FILHO, Irapoan Nogueira; RUIZ, Valéria Salek; SOUZA, Paulo César Zambroni de François. *Tosquelles, sua história no campo da Reforma Psiquiátrica / Desinstitucionalização e suas pistas para uma abordagem clínica do trabalho centrada na atividade*;

BADIOU, Alain; TROUNG, Nicolas. *Elogio ao Amor*. Tradução de Dorothee de Bruchard. SP: Martins Fontes – selo Martins, 2013.

BAREMBLIT, Gregório. *Comentários*. In: *A rua como espaço clínico, acompanhamento terapêutico – Equipe de Acompanhamento Terapêutico do Hospital Dia A Casa*. (org). São Paulo: Escuta, 1991.

BARRETO, Kleber Duarte. *Ética e Técnica no Acompanhamento Terapêutico – Andanças de Sancho Pança*; São Paulo: Ed Unimarco, 3ª Edição, 2005. 209p.

BASAGLIA, Franco. *Escritos selecionados em saúde mental e reforma psiquiátrica*. Organização: Paulo Amarante. Tradução de Joana Angélica d'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENEVIDES DE BARROS, R. *Entrada 3: dicotomias ou a lógica do terceiro excluído/ o plano de consistência ou a lógica do terceiro incluído*. Em Grupo: a afirmação de um simulacro. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFGRS, 2007.

_____. *Entrada 5: Entrada grupal: uma escolha ético-estético-política*; Em Grupo: a afirmação de um simulacro. Porto Alegre: Sulina/Editora da UFRGS, 2007.

BENEVIDES, Regina; PASSOS, Eduardo. *Clínica, política e as modulações do capitalismo*. Em Lugar Comum, nº 19-20, pp. 159-171.

_____. *A instituição e sua borda*. Em: Cartografias e Devires: A construção do presente. Tania Galli Fonseca e Patricia Kirst (org). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003, pp. 341-355.

_____. *A construção do plano da clínica e o conceito de transdisciplinaridade*; Revista Psicologia - Teoria e Pesquisa. V.16 n.1 Brasília jan/abr.2000.

BENEVIDES, Laura L. M. Gonçalves. *A função da publicização do acompanhamento terapêutico na clínica: O contexto, o texto e o foratexto do AT*. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense; 2007a. 184p.

BERGSON, Henri. *Memória e Vida*. Textos escolhidos por Gilles Deleuze. Martins Fontes, São Paulo, 1ª Ed., 2006. Tradução: Cláudia Berliner.

BOADELLA, David. *Corresntes da Vida: uma introdução à biossíntese*. Tradução de Cláudia Soares Cruz; revisão técnica de Rubens Kignel. São Paulo: Summus, 1992.

BRUNO, Mário. *Lacan e Deleuze: O Trágico em duas faces do além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

CASTAÑEDA, Carlos. *Viagem à Ixtlan*. Tradução de Luzia Machado da Costa. Rio de Janeiro: Record, 1972.

CHAUÍ-BERLINCK, Luciana; *Novos Andarilhos do Bem: Caminhos do acompanhamento Terapêutico*; Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

CLARK, Lygia. *Caminhando*.

Disponível em: http://www.lygiac Clark.org.br/arquivo_detPT.asp?idarquivo=17

COIMBRA, Cecília; FILHO, Manuel Mendonça; MONTEIRO, Ana. *Estado Democrático de Direito e Políticas Públicas: Estatal é necessariamente público?*. Psicologia & Sociedade; 18 (2): 7-12; mai./ago. 2006

DA ROSA, Ana P. Cardozo. *Uma Pediatria do Cuidado Curativo: Análise Reflexiva sobre a Importância do Afeto e do Psiquismo na Prática da Terapia Intensiva Pediátrica e Neonatal*; Rio de Janeiro: UFRJ/Instituto de Estudos em Saúde Coletiva; Dissertação (Mestrado), 2010. 110p.

DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*; tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed 34, (1997) 3ª reimpressão, 2008. 176p.

DELEUZE / SPINOZA
Cours Vincennes - 24/01/1978
<http://www.webdeleuze.com/php/texte.php?cle=194&groupe=Spinoza&langue=5>

_____. *O Ato de Criação*; palestra realizada para estudantes de cinema em 1987. Disponível em <http://copyfight.tk/Acervo/livros/DELEUZE,%20Gilles%20-%20O%20ato%20de%20Criac%CC%A7a%CC%83o.pdf>

_____. *Os intercessores*; publicado em Conversações; tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed 34, 5ª reimpressão, 2006.

_____. *Post-scriptum sobre as sociedades de controle*; publicado em Conversações; tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed 34, 5ª reimpressão, 2006.

_____. *Abecedário*; entrevista concedida a Claire Parnet.

_____. *Nietzsche e a filosofia*; tradução de António M. Magalhães (docente da Universidade do Porto). Port-Portugal. Rés Editora. (2001)

_____. *Diálogos – Gilles Deleuze e Claire Parnet*; tradução de Eloisa Araújo Ribeiro, São Paulo: Escuta. 1998, 184p. disponível em: <http://www.filozar.com.br/filosoficos/Deleuze/Gilles%20Deleuze%20e%20Claire%20Parnet%20-%20Di%C3%A1logos.pdf>

_____. *O que é um dispositivo?*; disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/48275693/O-que-e-um-dispositivo-Gilles-Deleuze#scribd>

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia*; tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Ed 34, 2013. (3ª edição – 1ª reimpressão)

_____. *Como criar para si um Corpo sem Órgãos*; in: Mil Platôs vol.III; tradução de Aurélio Guerra Neto et alii. Rio de Janeiro: Ed 34, 1996 (2ª reimpressão – 2004). 120p.

_____. *Rizoma*; in: Mil Platôs vol. I; tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Ed.34, 1995 (5ª reimpressão – 2007). 96p.

_____. *Mil Platôs, Capitalismo e Esquizofrenia*, vol. 4; tradução de Suely Rolnik. – São Paulo: Ed. 34, 2008

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*; tradução de Maria Cristina F. Bittencourt; revisão da tradução Suely Rolnik. Versão digital. 2001.(11ª edição)

_____. *Caosmose, um novo paradigma estético*; tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: Ed 34, 1993 (1ª reimpressão)

_____. *Psicanálise e Transversalidade*”(2004)

_____. *Revolução molecular*. 1985

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*; Petrópolis, RJ: Ed Vozes, 2005. 7ª edição rev. 439p.

LINS, Daniel. *Estética como Acontecimento – o Corpo Sem Órgãos*; São Paulo: Lumme Editor, 2012. 228p.

MARTINS, André (org.). *O Mais Potente dos Afetos – Spinoza e Nietzsche*; revisão técnica Danilo Bilate. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MACERATA, I.; SOARES, JGN; RAMOS, JFC. *Apoio como cuidado de territórios existenciais: Atenção Básica e a rua*. Revista Interface, Comunicação Saúde Educação, 2014; 18 Supl 1:919-30.

MAUER, Susana Kuras de; RESNIZKY, Silvia. *Acompanhantes Terapêuticos e pacientes psicóticos: manual introdutório a uma estratégia clínica*. Tradução de Waldemar Paulo Rosa. Campinas, SP: Papirus, 1987.

NIETZSCHE, Friedrich. *Segunda Consideração Intempestiva – da utilidade e desvantagem da história para a vida*; tradução Marco Antônio Casanova; RJ: Relume Dumará, 2003.(conexões 20)

PALOMBINI, Analice de Lima. Tese (Doutorado), *Vertigens de uma psicanálise a céu aberto: a cidade – contribuições do acompanhamento terapêutico à clínica na reforma psiquiátrica*. 2007. 247p.

PELBART, Peter Pal. *Elementos para uma cartografia da Grupalidade*. In: SAADI, F.; GARCIA, S. (Org.). *Próximo ato: questões da teatralidade contemporânea*. São Paulo: Itaú Cultural, 2008.

_____. *A nau do tempo-rei: sete ensaios sobre o tempo da Loucura*; Rio de Janeiro: Imago Ed., 1993. 132 p

PEIXEIRO, Maria Humberto. *A clínica do acompanhamento terapêutico: intervenções quando a recusa toma a cena*; *Psyche* (Sao Paulo) v.10, n.18, São Paulo, set.2006.

PIMENTEL, Mariana Rodrigues. Tese (Doutorado em Letras), *Fabulação: a memória do futuro*. – 2010. Puc-Rj. 152 f.

PITIÁ, Ana Celeste de Araújo; SANTOS, Manuel Antônio dos. *Acompanhamento Terapêutico, a construção de uma estratégia clínica*. São Paulo: Vetor, 2005.

RAUTER, Cristina Mair. *O negativo como obstáculo a uma compreensão da violência contemporânea: criminalidade e coletivo*; 2003. Disponível em: http://www.slab.uff.br/images/Aquivos/textos_sti/Cristina%20Rauter/texto121.pdf

_____. *Clínica do Esquecimento: Construção de Uma Superfície*; tese de doutoramento apresentada ao Programa de Estudos Pós Graduados em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade de São Paulo, 1998.

_____. *Clínica do Esquecimento: estudo de um 'caso'*. In: *Clínica e Política: Subjetividade e Violação dos Direitos Humanos*. Cristiana Rauter, Eduardo Passos, Regina Benevides de Barros (organizadores) Equipe Clínico-Grupal, Grupo Tortura Nunca Mais – Rj. Instituto Franco Basaglia/Editora TeCorá. Rio de Janeiro: 2002.

RODRIGUES, Heliana de Barros Conde. *'Sejamos Realistas tentemos o impossível' Desencaminhando a psicologia através da análise institucional*; In: *História da Psicologia: rumos e percursos*. Organização: Ana Maria Jacó-Vilela, Arthur Arruda Leal Ferreira, Francisco Teixeira Portugal. Rio de Janeiro: Nau Ed., 2007

ROLNIK, Suely. *Clínica Nômade*. In: *Crise e Cidade – acompanhamento terapêutico*; São Paulo: Ed educ, 2000.

_____. *Hal Hartley e a ética da confiança*. *Trafic. Révue de Cinémano* 12:104-114. P.O.L., Paris, 1994.

SAFRA, Gilberto. *A face estética do self: teoria e clínica*. SP: Idéias & Letras: São Paulo: Unimarco Editora, 2005.

STERN, Daniel N. *Diário de Um Bebê: o que seu filho vê, sente e vivencia*; tradução de Daise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. 135p.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*; tradução e notas de Tomas Tadeu. Edição bilíngue: latim/português. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007

WINNICOTT, Donald Woods. *Psicoses e cuidados maternos (1952)*. In: *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Tradução de Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000. 456 p.

_____. *A agressividade em Relação ao Desenvolvimento Emocional (1950-55)*. In: *Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas*. Tradução de Davy Bogomoletz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000. 456 p.

_____. *O regresso da criança evacuada*; in: *Privação e Delinquência*; tradução de Álvaro Cabral; revisão Mônica Stahel. 5ª ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012 (2ª tiragem 2014)

_____. *O Uso do Objeto*. In: *O Brincar e a Relidade*. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu e Venede Nobre. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1975.